

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ABEL DOS SANTOS BESERRA

**PSICANÁLISE E PUBLICIDADE: O HUMOR  
NA PROPAGANDA**

SÃO PAULO  
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ABEL DOS SANTOS BESERRA

**PSICANÁLISE E PUBLICIDADE: O HUMOR  
NA PROPAGANDA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência  
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação  
do Prof. Sergio Wajman

SÃO PAULO  
2009

## Agradecimentos

O tema deste trabalho foi comum em minha infância graças a meu tio Luiz Thomaz, a quem vai meu muito obrigado pelo humor aventureiro de criança. E, a toda a minha família obrigado pelo apoio, inspiração e cuidado ao longo de todo esse tempo. Agradeço também toda paciência e a confiança de meu orientador Sergio Wajman nestes dois anos de orientação, de seminários ao TCC.

Aos meus amigos, agradeço a Rafael Botelho Iagallo pelas risadas felizes da adolescência e a Andressa Crema pelo seu sorriso poético e inspirador nos dias de hoje. A Ana Guerra e a Lais Yuri Ansai se misturam minha admiração e amizade, muito obrigado por todo o companheirismo da graduação! A Fernanda Gasparetto agradeço pelo carinho deste últimos anos e a Daniela Schwartz pela força incansável e batalhadora com que me animou nos momentos não tão bem humorados. E, por fim, a Laura Castelo Branco pela gentileza em ter compartilhado referências e idéias ao também escrever sobre o humor em seu TCC, bem como pelas tantas piadas!

Obrigado!

Abel dos Santos Beserra: Psicanálise e publicidade: o humor na propaganda, 2009.

Orientador: Prof. Sergio Wajman.

**Palavras chave:** humor; publicidade; sublimação; criatividade.

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é entender o papel do humor na publicidade e o que este revela da sociedade e sujeito contemporâneos. O enfoque emergiu pela presença marcante do humor na mídia e em virtude de determinada compreensão na obra de Freud sobre este enquanto produção inconsciente. Considerando que no humor há uma alteração em relação ao estado de ânimo do sujeito este se destaca como conceito chave do trabalho. A metapsicologia do humor é próxima a da sublimação, o que impôs o detalhamento dos processos psíquicos subjacentes a ambos. Isto foi empreendido principalmente por meio do referencial freudiano. Visando delimitar o objeto de estudo em pauta seguiu-se uma apreensão do humor acerca das questões mais recorrentes na contemporaneidade em sete propagandas. A partir de tal percurso foi viável estabelecer um método para a análise de peças publicitárias que conseguisse corresponder à complexidade dos fenômenos em discussão, ou seja, do humor e da contemporaneidade. Concluiu-se que o humor é útil na publicidade ao aproveitar as relações existentes entre ego e superego no processo humorístico, na medida em que o ego torna-se mais sugestionável ao superego. Outra questão engendrada pela pesquisa é até que ponto este processo é violento para o sujeito contemporâneo ou revela sua maior autonomia e liberdade desejantes

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo I – Referencial freudiano .....</b>	<b>10</b>
1. Pulsão.....	11
2. Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente .....	18
3. Recalque .....	25
4. Pulsão de morte e Pulsões de Vida.....	33
5. Id, Ego e Superego.....	48
6. Sublimação e Idealização .....	53
<b>Capítulo II – Referencial lacaniano.....</b>	<b>62</b>
<b>Capítulo III – Psicanálise e Humor .....</b>	<b>72</b>
<b>Capítulo IV –Humor e Propaganda .....</b>	<b>88</b>
<b>Capítulo V – Psicanálise e Contemporaneidade.....</b>	<b>91</b>
<b>Capítulo VI – Método .....</b>	<b>117</b>
<b>Capítulo VII – Análise das Peças Publicitárias.....</b>	<b>119</b>
1. Volkswagen, Space Fox: CACHORO-PEIXE .....	119
2. Volkswagen, Brasil: ESTRANGEIRO .....	120
3. Clube Social, a bolacha: GAROTA PRESUNTO.....	122
4. Fiat, Estrada Adventure: PERDIDO NA FLORESTA.....	124
5. Kaiser: MULHER versus CERVEJA .....	126
6. Skol: PAQUERA.....	128
7. Claro: ESCOLHA .....	129
<b>Capítulo VIII – Conclusões .....</b>	<b>130</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>134</b>

## Introdução

O humor faz parte do nosso cotidiano. Deparamo-nos com o riso, as piadas, a todo o momento, ora como agentes, ora como espectadores. Diariamente algo semelhante ocorre com a propaganda, pois somos alvo desta tanto pela televisão quanto pela internet, ou ainda por outros meios. Qual seria, então, o papel do humor na propaganda? Por que ao longo da história da publicidade no país, e também internacionalmente, o humor passou a estar presente na maioria dos anúncios? O que isto visa atingir e o que revelaria?

Estas questões foram suscitadas por determinada compreensão acerca do humor a partir da obra de Freud, bem como pelo modo como o tema é atualmente explorado como recurso na publicidade. Vale destacar que o humor é alvo da psiquiatria, da psicologia, da filosofia, do senso comum etc, portanto não há a pretensão de esgotá-lo no presente trabalho, sendo a abordagem da psicanálise apenas uma das várias possíveis. O problema de pesquisa proposto implica, desta forma, em um método de investigação que contemple a amplitude que a idéia do humor encerra, pois são múltiplos os aspectos neste envolvidos.

Contudo, é no interior da experiência humana, subjetiva, do sentido atribuído por cada pessoa no momento em que há o humor o que viabiliza desenvolver as questões anteriormente expostas. O que definirá, conseqüentemente, o meio pelo qual o tema será entendido é o objetivo do presente trabalho, ou seja, o papel do humor na propaganda. Partindo deste pressuposto, uma resposta emerge da psicanálise, da qual os próprios questionamentos assinalados são tributários. Esta permite entender o humor como produção: não necessariamente racional; não tributável diretamente a fatores orgânicos; compreensível a partir do dinamismo psíquico, com todas as dimensões que isso comporta, simbólica, traumática, emotiva, memorial, lingüística e inclusive racional; e, ainda, o humor advindo inconscientemente.

Cabe ressaltar, mais uma vez, que a compreensão do humor exige a participação de diversas áreas do saber, beneficiando-se de uma visão

interdisciplinar. Não obstante, de que maneira a psicanálise pode concretamente entender este tema? Linhares comentando sobre pesquisa psicanalítica aponta:

*A psicanálise como "ciência fundada na observação", deslocou o sentido da "observação" de sua relação com o visível. Não se distanciando nunca para uma especulação sem vínculos com a clínica, Freud operou um remanejamento na noção de "observação". O objeto não é mais o "visível" e a "observação" não é mais uma constatação. (...)*  
*A pesquisa em psicanálise, à imagem de sua clínica, só pode pretender a produção de "verdades relativas", de "construções operantes". Construções, algo fictícias, mas suscetíveis de trazer novos pensamentos e novas capacidades de escuta na clínica psicanalítica. (LINHARES, 1999, p. 95)*

É, ainda, preciso acrescentar à "clínica psicanalítica" descrita por Linhares outras dimensões das práticas e conhecimentos humanos que podem ser aprimorados pela pesquisa de cunho psicanalítico. Freud considerava que os chistes, os sonhos e os atos-falhos seriam modos privilegiados para se abordar e entender o psiquismo, como ele procurou demonstrar em: "A interpretação dos Sonhos" (1996b); "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana" (1996c); só para citar duas das obras com tal objetivo.

Mezan, em "Freud, Pensador da Cultura" (1985), é um dos autores contemporâneos a também apontar que desde o início a psicanálise ocupou-se destes fenômenos, culturais e cotidianos, ultrapassando o estrito estudo dos transtornos mentais. Sobre essa extensão do campo psicanalítico Sampaio argumenta que "(...) se formula a exigência de novas áreas de incidência da pesquisa psicanalítica, freqüentemente no campo que Laplanche chamou extra cura e no que tem sido chamado clínica ampliada ou extensa" (SAMPAIO, 2006, p. 252).

A contribuição da psicanálise à compreensão do humor se inicia com Freud em o "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1996c) e posteriormente em seu ensaio "O humor" (1996d). Alberti, em sua digressão acerca de como a questão foi historicamente trabalhada no

pensamento ocidental, chega a destacar a especificidade da abordagem aberta ao tema pela psicanálise:

*O riso continua assim vinculado a um "não lugar" do pensamento, mas um não lugar passível de explicação no sistema teórico de Freud (...).*

*Para Freud, portanto, o objeto do riso geral – o chiste, a ação cômica, o humor etc – opõe-se à esfera consciente da razão e da crítica. Observa-se, contudo, em sua formulação, que o impensado, o indizível, o não-sério situam-se num espaço teoricamente estabelecido (...) o lugar mesmo em que se situam é "dizível" pelo pensamento racional, uma vez que o impensado passa a ser acessível pelo viés da psicanálise. (ALBERTI, 2002, p. 19 a 20)*

O método psicanalítico erige o entendimento de aspectos humanos não estritamente racionais e fisiológicos, a partir do estudo do dinamismo psíquico e do que denomina inconsciente. Alberti comenta justamente sobre isso, da maneira pela qual a psicanálise consegue abordar o "impensado" por meio do estabelecimento de um campo e método. Tal área e os instrumentos para pensá-la gravitam ao redor do objeto de estudo psicanalítico, ou seja, o dinamismo psíquico e o que este comporta de inconsciente. Entretanto, isto não exclui a possibilidade de investigação de fenômenos culturais e sociais, desde que não se ultrapasse o escopo aberto por seu método, que não se tome como psicológicos fatores de outra ordem.

É preciso ainda assinalar que mesmo no interior de uma mesma teoria, no caso a psicanálise, há certa dificuldade em precisar o que é o humor. Como diferenciá-lo de outros fenômenos, como o chiste e o cômico? Missão complexa e Slavutzky, um dos autores na atualidade a focar psicanaliticamente o humor, argumenta que Freud optou em não realizar uma divisão clara destas denominações:

*Alguém poderia argumentar que o conceito de humor assim [no interior da psicanálise] fica muito amplo e perde sua especificidade. Mas é preciso entender como Freud, querendo*

*diferenciar a piada do humor, termina aproximando-as e confundido-as, que é próprio do humor fazer uma piada. Na verdade tanto um quanto outro transferem o princípio do prazer para dentro da realidade, o que resulta num alívio da dor. Toda tentativa de definir o humor de forma estrita incorre numa traição do espírito da própria palavra.* (KUPERMANN e SLAVUTZKY, p. 209)<sup>1</sup>

A pesquisa em psicanálise pode oferecer conhecimentos úteis que transcendem a própria teoria e prática psicanalítica. Possibilidade que remete Freud, bem como a autores contemporâneos como Mezan e Slavutzky, a abordar fenômenos culturais, sociais, políticos e outros mais. A respeito disso, Sampaio, Linhares e Alberti enfatizam os limites e características do método psicanalítico ao considerarem por qual via é possível a este construir teoria e conhecimento. É necessário, assim, delimitar adequadamente o campo a ser focado, o que a partir da psicanálise permite entender os aspectos psíquicos e inconscientes subjacentes ao humor.

Pensar o humor a partir do referencial psicanalítico impõe, por fim, a articulação de diferentes referenciais psicanalíticos, na medida em que são também distintas as conclusões engendradas por cada um destes. O humor para a psicanálise remete, então, a um aprofundamento do que Freud denominou "metapsicologia", campo epistemológico cujos conceitos desempenham, como assinalado por Alberti, função heurística. O presente trabalho enfocará, sobretudo, as concepções formuladas por Lacan, bem como Freud, devido às implicações destas para a investigação do humor como processo inconsciente derivado do recalçado, e em última instância dos encaminhamentos à pulsão, como será explicitado. Assim, procura-se alcançar o objetivo do presente trabalho: descobrir o que revela o emprego do humor na propaganda sobre o sujeito e a sociedade na contemporaneidade.

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma coletânea de ensaios organizada por Kupermann e Slavutzky em comemoração dos cem anos de publicação de "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1996d) originalmente apresentado por Freud em 1905, devido às normas para citação a referência remete aos organizadores e não ao autor do ensaio.

## Capítulo I – Referencial freudiano

O entendimento do humor como processo psíquico a partir da psicanálise requer primeiramente a explicitação de determinadas conceituações freudianas. Segue, assim, uma resumida digressão acerca da teoria das pulsões em Freud, bem como de seus encaminhamentos pelo psiquismo, dentre os quais será destacado o da sublimação pela sua articulação e semelhança com o humor. O argumento teórico central do presente trabalho é o do humor surgir como um processo psíquico calcado em outros, baseado no entrecruzamento de encaminhamentos psíquicos à pulsão, cuja concomitância e articulação engendram experiências ora mais particulares (como o cômico) ora mais sociais de humor (como o chiste).

Serão empreendidos, ainda, breves comentários em relação aos chamados textos sociais de Freud, cujo objetivo foi esboçar uma compreensão por meio da psicanálise do campo social, o qual é uma das metas do presente trabalho. Este resgate se impõe, aliás, pela atualidade demonstrada pelas conclusões freudianas referentes à civilização de sua época.

A apresentação preliminar da contribuição de outros autores e comentadores de Freud também será realizada, visando o aprofundamento de determinados pontos da teoria psicanalítica relevantes para a compreensão do humor como processo psíquico. Principalmente, neste sentido, as de: Violante (2001), pela apresentação das noções de Aulagnier, autora cuja contribuição é interessante para o entendimento da busca de causalidade psíquica empreendida pelo psiquismo diante da exigência pulsional; Garcia Roza (1995a, 1995b e 1999), devido sua análise e discussão dos conceitos metapsicológicos freudianos; Laplanche e Pontalis (1993), em virtude da retomada crítica da teoria da sedução generalizada operante nos primórdios da constituição psíquica; e, por fim, Laplanche (1992), em que o autor empreende a discussão e articulação dos conceitos de inconsciente e id.

## 1. Pulsão

Partindo dos seguintes artigos em metapsicologia de Freud (1996h), publicados em 1915: "Instintos e suas vicissitudes"<sup>2</sup>; "Repressão"; e "O inconsciente", emerge como central o conceito de pulsão. O primeiro conceito abordado nesta série é a pulsão. Freud inicia o trabalho aludindo à fisiologia e ao conceito de estímulo, citando o modelo de arco reflexo e sua ação de descarga da excitação proveniente do ambiente novamente em direção a este, reenviando o estímulo para o exterior. E, prossegue:

*Qual a relação do 'instinto' com o 'estímulo'? Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de 'instinto' ao de 'estímulo' e de afirmar que um instinto é um estímulo aplicado à mente. Mas de imediato ficamos prevenidos contra igualar instinto e estímulo mental. Existem evidentemente outros estímulos à mente, além daqueles de natureza instintual, estímulos que se comportam muito mais como fisiológicos." (FREUD, 1996h, p.124)*

O autor desenvolve a proposta de que a pulsão não advém do exterior, mas sim do interior do próprio organismo, implicando em ações diferentes daquelas dirigidas a eliminar excitações provenientes do exterior, como as operantes para encaminhar o estímulo disparador do arco reflexo. Isto para Freud torna constante o impacto do estímulo interno, ao passo que o do exterior seria momentâneo, exigindo uma ação cujo fim seria o reenvio para o ambiente ou a eliminação do estímulo exterior. Freud sustenta que a fonte da pulsão, por sua vez, ao originar-se de dentro do organismo realizaria pressão constante, tornando portanto sua eliminação definitiva por meio da fuga ou de qualquer outra forma inviável. O autor ainda argumenta que: "(...) o que elimina uma necessidade é a 'satisfação'.

---

<sup>2</sup> O termo repressão remete a um processo de inibição calcado por fontes externas, logo, a tradução da editora Imago não é exata com o sentido deste conceito, o qual aponta para outra significação como ficará claro ao longo do texto. Devido a isso, sempre que o termo repressão surgir, este deve ser substituído por recalque na leitura. A mesma substituição vale para o termo instinto, o qual deve ser trocado na leitura por pulsão.

Isso pode ser alcançado apenas por uma alteração apropriada ('adequada') da fonte interna de estimulação" (FREUD, 1996h, p. 124)

É exigido ao aparato psíquico que paulatinamente contenha e elimine a estimulação interna, designada pelo termo pulsão, cujas especificidades a diferenciam das excitações provenientes do exterior. Estas últimas exigem uma ação do organismo para que haja sua remoção, como no arco reflexo, ao passo que a pulsão impõe um trabalho para o psíquico em especial ao permanecer ativa. A satisfação da pulsão é assim exclusivamente parcial pois sua pressão é constante devido à impossibilidade de sua plena eliminação. Freud concatena estas concepções, enfatizando que:

*(...) Esse postulado é de natureza biológica e utiliza o conceito de 'finalidade' (ou talvez de conveniência), podendo ser enunciado da seguinte maneira: o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada. Não façamos objeção por enquanto à indefinição dessa idéia e atribuamos ao sistema nervoso a tarefa - falando em termos gerais - de dominar estímulos. Vemos então até que ponto o modelo simples do reflexo fisiológico se complica com a introdução dos instintos. Os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo ao estímulos instintuais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação. Acima de tudo, obrigam o sistema nervoso a renunciar à sua intenção ideal de afastar os estímulos, pois mantêm um fluxo incessante e inevitável de estimulação. Podemos, portanto, concluir que os instintos, e não os estímulos externos, constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual.". (FREUD, 1996h, p.125-126)*

Importante destacar que para Freud o princípio a regular a satisfação

ou insatisfação da pulsão é o do prazer-desprazer. As vicissitudes da pulsão a localizariam, portanto, como conceito limítrofe entre o mental e o somático:

*Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um 'instinto' nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1996h, p.127)*

Freud propõe, partindo disso, que se pense a pulsão a partir de quatro aspectos, os quais remetem tanto ao físico (órgãos e neurônios) quanto ao anímico (imagens, representações, conceitos cujo aprofundamento ocorrerá a seguir): fonte; pressão; finalidade; e objeto. Define o primeiro como: "(...) o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma instinto" (FREUD, 1996h, p.128). Como citado anteriormente, o segundo aspecto é a dimensão de pressão, estímulo, para o trabalho psíquico, cuja finalidade é a satisfação, que embora jamais sendo plena é constantemente buscada. Por fim, o objeto da pulsão é para Freud "(...) a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade." (FREUD, 1996, p.128).

O autor destaca ainda que o objeto é o mais variável na pulsão, pois originalmente não é ligado a esta, só o sendo na medida em que servir de meio à satisfação. Haveria apenas uma "solda" ligando a pulsão a seu objeto. Como será apontado, tal mobilidade pulsional é o que permitiria a compreensão de fenômenos como o da sublimação e até mesmo o do humor. Os princípios pelos quais Freud entenderá os encaminhamentos pulsionais são assinalados ao final do artigo:

*Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelos instintos está na sujeição dos*

*impulsos instintuais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental. Dessas três polaridades podemos descrever a da atividade-passividade como a biológica, a do ego-mundo externo como a real, e finalmente a do prazer-desprazer como a polaridade econômica.* (FREUD, 1996h, p.144)

Interessante, neste ponto, destacar as considerações de dois autores Garcia-Roza (1995b) e Braunstein (2007), cujas análises permitem entender de que maneira estes três princípios ordenam o encaminhamento à exigência pulsional por satisfação, a partir do que advém o psiquismo humano, tornando o que é inicialmente instintual, pulsional. Ao retomar a análise que Freud empreende no final do artigo "Instintos e suas vicissitudes" sobre as formas de oposição ao amar, Garcia-Roza (1995b) assinala os três princípios por Freud propostos como regentes de toda a vida anímica: a) sujeito (eu)-Objeto (mundo externo), relativo ao eu-prazer e eu-realidade; b) prazer-desprazer, perspectiva econômica; e c) atividade-passividade, orientação biológica.

Quanto ao primeiro aspecto, Garcia-Roza sustenta que Freud refere-se pela primeira vez ao eu-realidade e eu-prazer no artigo "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" de 1911. Entretanto, o autor indica que Freud inverte a sucessão cronológica entre eu-prazer e eu-realidade no artigo "Instintos e suas vicissitudes" de 1915, com a distinção entre dentro e fora fornecida pelo eu-realidade o que viabilizaria a constituição de um eu-prazer. Este último colocaria o caráter do prazer acima de qualquer outro: "Portanto antes do *Lust-Ich* (eu-prazer) original que, em vez de prosseguir até a constituição de um eu-realidade adulto, é substituído por um eu-prazer por exigência do princípio de prazer" (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 127).

Garcia-Roza argumenta que o eu-realidade advém quando o bebê distingue interno e externo, eu e não-eu. Isto decorre das experiências de neutralização dos estímulos externos por meio da ação muscular, mas há impossibilidade do mesmo frente às excitações internas. Estas passam a constituir a exigência de trabalho pulsional ao psiquismo, logo, engendrando o aparato psíquico como meio para processar tal estimulação.

Não obstante, Braunstein (2007) aponta os revezes que o eu-prazer e

o eu-realidade apresentam ao longo da obra de Freud. O autor enfatiza que há três oposições de dois termos, a expressa no artigo de 1911 "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico", em que o eu-prazer viria antes do eu-realidade; no "Instintos e suas vicissitudes" de 1915, em que o eu-realidade viria antes do eu-prazer; e, por fim, no ensaio sobre a denegação de 1924, em que novamente o eu-prazer viria antes do eu-real. Para o autor, a questão refere-se aos termos eu-real e eu-realidade. Brausntein propõe que sejam, a partir disso, pensados três eus: eu-real e posteriormente eu-prazer e eu-realidade.

Assim, o eu-real seria o primeiro, pois o contato com a realidade é direto, havendo apenas paulatinamente a construção de um eu-prazer (baseado no princípio de prazer, visando evitar o desprazer) a modular tal contato, e ainda mais tardiamente o advento de um eu-realidade (baseado no princípio de realidade, com a possibilidade de se adiar o prazer). Desta maneira, o eu-real teria de processar primeiramente por si mesmo as estimulações as quais é submetido, do que surgiria um eu-prazer regulado pelo prazer-desprazer no contato com o mundo. E, neste percurso o eu-realidade se constituiria como um aprimoramento do princípio de prazer, o qual passaria a gradualmente considerar as interações e interditos externos na consecução do prazer. Vale destacar que a proposta do autor é concernente ao modo como Freud apresenta a transição entre princípio de prazer e princípio de realidade, como em "Além do princípio de prazer" (1996i):

*O primeiro exemplo do princípio de prazer a ser assim inibido é familiar e ocorre com regularidade. Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. (FREUD, 1996i, p.20)*

Emerge, portanto, que a pulsão é um aspecto limítrofe, marcado pelo anímico e somático. Braunstein e Garcia-Roza explicitam este ponto ao descreverem como a pulsão impele a constituição psíquica, de instâncias e operações, cujos desdobramentos tornam o ser humano uma espécie *sui generis* que afasta-se do determinismo biológico. A criança tanto é ativa no âmbito biológico, apontado acima como um dos princípios reguladores da pulsão, quanto no controle das excitações a que é submetida, mas também é passiva no que se refere a necessariamente receber tal estimulação interna, novamente no sentido estritamente biológico. Contudo, a partir desta situação eminentemente geral, posto que filogenética, cuja universalidade biológica pode ser estendida a outras espécies pela dicotomia estimulação interna e externa, atividade-passividade frente a estas, em que o ser humano se distinguiria das demais espécies? Se distinguiria?

Os autores, tanto Garcia-Roza quanto Brausntein, bem como a psicanálise de um modo geral postulam que sim, o ser humano encerra especificidades que o destacam em meio ao reino animal, o que justifica a psicologia como ciência autônoma da biologia ou da medicina, por exemplo. Garcia-Roza alude ao "Projeto para uma psicologia científica" de (1996a) de Freud para elucidar este processo: "Entre a estimulação pulsional bruta e a descarga, uma trama começa a se formar no sentido de uma ligação desse *quantum* de energia pulsional livre". (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 128). Isto estabelecerá caminhos preferenciais para as excitações decorrentes dessa estimulação pulsional, surgindo primeiro esboço de organização psíquica: "Essa organização, Freud denomina *Ich* (eu). Não é ainda um eu unificado, tampouco trata-se de um eu unificador; o termo 'eu' designa aqui as primeiras sínteses, as primeiras ligações efetuadas sobre excitações dispersas." (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 128).

A argumentação do autor permite concluir que embora universal o trabalho exigido ao ser vivo pela excitação, interna e externa, no ser humano desencadeará um processo específico. O recurso de Garcia-Roza a tese de "O Projeto para uma psicologia científica" freudiano (1996a) se justifica pelo modelo proposto buscar justamente compreender este fato. Freud, neste artigo anterior aos psicanalíticos, enquanto situa-se ainda exclusivamente como profissional médico, aponta que o encaminhamento

no ser humano destas estimulações passa por articulações neurológicas, embora ainda hoje bastante desconhecidas, cuja conseqüência é a constituição de um aparelho psíquico.

A questão é ampla, praticamente marcando um campo de pesquisa em aberto, o qual pode ser entendido de múltiplas maneiras, como de fato acontece não apenas no âmbito da psicanálise, como também no da psicologia (ou mais remotamente ainda no da filosofia). São diversas, e comumente discordantes, as abordagens e teorias acerca de como opera a distinção (considerando que esta exista) entre o ser humano e o ser vivente. No presente trabalho a indicação desta questão visa explicitar o posicionamento aqui assumido, ou seja, o de que cabe pensar em uma especificidade humana, justificando circunscrever o tema do humor enquanto produção psíquica.

Retomando a compreensão do eu-realidade e do eu-prazer, é preciso ainda derivar outras conseqüências destes conceitos freudianos, Garcia-Roza, neste sentido, contribui ao sustentar que:

*No momento inicial correspondente ao do Real-Ich, o que é vivido como bom é identificado como o eu, e o mundo externo é identificado com o indiferente; isto porque a pulsão se satisfaz auto-eroticamente, prescindindo do objeto externo. A polaridade que se instaura é entre o amar e o indiferente. O mundo externo continua porém a ser fonte de estímulos, e na medida em que estes estímulos não sejam absorvidos e identificados com o eu, passam a ser fonte de desprazer e conseqüentemente objeto de ódio. Se o par de opostos amor-indiferença expressa a polaridade eu-mundo exterior, o novo par de opostos amor-ódio corresponderá a polaridade prazer-desprazer (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 131)*

Neste ponto, cabe diferenciar instinto e pulsão. O primeiro desdobra-se em necessidades, com objetos determinados filogeneticamente e implica em comportamentos também determinados a conduzir à possível saciação. A pulsão, por sua vez, desencadeia desejos visando objetos e comportamentos não determinados, resultando em prazer/desprazer - devido à defasagem consciência/inconsciente.

Surge, então, a questão: o que tal defasagem explicita exatamente?

Torna-se necessário avançar um pouco mais na discussão metapsicológica para o esclarecimento da clivagem inconsciente e pré-consciente/consciente em sua relação com a pulsão. Os conceitos de recalque, afeto, e representação psíquica podem ser úteis neste objetivo.

## *2. Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente*

O artigo "O inconsciente" (1996h) constitui parte do conjunto de trabalhos apresentado por Freud em 1915 acerca da metapsicologia psicanalítica. Ao longo do texto o autor procura explicitar a noção de inconsciente (cuja sigla proposta por Freud é Ics), em sua articulação com o pré-consciente (Pcs) e o consciente (Cs). Assim, o aparelho psíquico está dividido topograficamente, o que é posteriormente denominado como primeira tópica freudiana (ainda neste capítulo será comentada a segunda), sendo importante salientar não tratar-se de regiões anatomicamente circunscritas.

A proposta freudiana de que existiria algo de ordem inconsciente desencadeia uma série de questionamentos. Há, assim, mais de uma maneira de conceituar a noção de inconsciente, a depender da corrente psicanalítica adotada como referencial. Em virtude do enfoque do presente trabalho, prioritariamente se partirá do modo como Freud apresenta o conceito no artigo "O inconsciente" (1996h). No próximo capítulo será comentada brevemente a contribuição lacaniana a discussão do tema.

Ao descrever a trajetória até a proposta do inconsciente enquanto conceito psicanalítico, Freud lista os elementos que o diferenciam das acepções que recebe do movimento romântico ou de certas perspectivas correntes na psicologia da época. Destaca-se, neste sentido, o último de seus argumentos:

*Em terceiro lugar - e este é o mais convincente de todos os argumentos -, devemos levar em conta o fato de que a investigação analítica revela alguns desses processos latentes como possuidores de características e peculiaridades que*

*parecem estranhas a nós (...) Assim, temos motivos para modificar nossa inferência a respeito de nós mesmos e dizer que o que está provado não é a existência de uma segunda consciência em nós, mas a existência de atos psíquicos que carecem de consciência. Também estaremos certos em rejeitar o termo 'subconsciência' como incorreto e enganoso. (...)*

*Na psicanálise, não temos outra opção senão afirmar que os processos mentais são inconscientes em si mesmos, e assemelhar a percepção deles por meio da consciência à percepção do mundo externo por meio dos órgãos sensoriais. (FREUD, 1996h, p.175-176)*

O atendimento em psicoterapia por meio da psicanálise aponta que certos acontecimentos ultrapassam a compreensão do paciente acerca de si mesmo, ou ainda, revelam que o "não consciente" é preponderante em determinado momento. Freud ainda alerta não tratar-se de "subconsciência" ou de uma circunstancial diferença de consciência. Todavia, notar o processo inconsciente depende das faculdades conscientes. Logo, cabe a semelhança que Freud assinala em comparação aos eventos exteriores ao indivíduo, cuja percepção depende do funcionamento dos órgãos sensoriais, mas dos quais divergem, não sendo viável reduzir tais eventos aos meios que os captam e traduzem para o sujeito.

Não obstante, no que consiste a diferença entre pré-consciente, consciente e inconsciente? Garcia-Roza (1995b) argumenta que Freud apresenta duas noções de inconsciente, um descritivo e outro sistemático. O inconsciente descritivo, segundo o autor, delinea a relação de um fato psíquico com a consciência, "(...) isto é, pela sua não presença na consciência, corresponde ao que Freud chamou de *sentido descritivo* do termo 'inconsciente'." (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 218). O autor ainda aponta que fatos do dia anterior, por exemplo, não presentes na consciência podem ser facilmente lembrados, portanto estando inconscientes do ponto de vista descritivo. "Por outro lado, há processos que são inconscientes e cuja natureza difere dos processos conscientes, e que não são suscetíveis de se tornarem voluntariamente conscientes." (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 218). Neste caso, trata-se do inconsciente enquanto sistema:

*Há uma diferença fundamental entre a representação que é inconsciente (no sentido descritivo) e aquela que é inconsciente porque pertence ao sistema Ics. No primeiro caso, ela em nada difere das representações conscientes e não há qualquer impedimento a que se torne consciente, enquanto que no segundo caso ela está submetida a uma outra ordem e há uma resistência, por parte do sistema Pcs/Cs, a que ela tenha acesso à consciência. Essa resistência é exercida em nome da censura que opera no limite entre os sistemas Ics e Pcs/Cs. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 219)*

O que formaria o núcleo do inconsciente, sistemático, seriam os representantes<sup>3</sup> da pulsão, conforme assinala Freud (1996h), cujo objetivo é descarregar sua catexia, ou seja, a energia pulsional da qual estão investidos. Os representantes existem paralelamente, não se contradizendo mutuamente, caso dois tornem-se simultaneamente ativos, ambos combinam-se visando um meio-termo, mas um não anula o outro. No inconsciente, segundo Freud, não há contradição ou graus de certeza. Estes advêm, posteriormente, pelo trabalho interposto pela censura entre o inconsciente e o pré-consciente. Inconscientemente haveria apenas representantes catexizados, ou seja, investidos de energia ao encaminharem a pressão pulsional, com maior ou menor força.

Contudo, em que consistiria o trabalho da censura? Freud destaca que os processos inconscientes: "(...) dispensam pouca atenção à *realidade*. Estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer." (FREUD, 1996h, p.192). O princípio de prazer-desprazer seria o regente do inconsciente, sendo inicialmente concebido por Freud como um princípio de inércia, cuja função é descarregar a excitação advinda do trabalho exigido pela pulsão ao aparato psíquico.

O incremento da tensão desencadeia desprazer, ao passo que sua eliminação prazer. A partir do prazer e de se evitar o desprazer que se

---

<sup>3</sup> O conceito é razoavelmente complexo e o presente trabalho adotará a proposta de Piera Aulagnier em relação ao tema, a qual será descrita no próximo item deste capítulo por meio de autores como Violante (2001). Entretanto, visando momentaneamente apresentar ao que se refere pelo termo representante, segue a seguinte noção: imagens e sons, posteriormente palavras, as quais a pulsão liga-se ao ser apreendida e encaminhada pelo aparelho psíquico.

estabeleceriam os caminhos pelos quais os representantes pulsionais buscariam a descarga da catexia pulsional do qual estão investidos. Além disso, Garcia-Roza (1995a) destaca que é a experiência primária de satisfação o que determina o modo pelo qual o psiquismo incipiente do bebê começa a operar ao estabelecer a diferença entre prazer e desprazer, sendo esta experiência modelar.

O aparelho psíquico passa a procurar reproduzir tal vivência de gratificação por meio de uma ação específica cujo objetivo é reencontrar o objeto que originalmente a proporcionou. Ao retomar, o “Projeto para uma psicologia científica” (1996a), Garcia-Roza aponta que a experiência de satisfação estabelece caminhos facilitadores “(...) entre os investimentos correspondentes à percepção do objeto que produziu a satisfação e os neurônios (...)” (GARCIA-ROZA, 1995a, p. 223). Um novo estado de excitação ligado à experiência passada decorre disto. O autor argumenta que o psiquismo alucina a percepção do objeto que anteriormente foi eficaz para a descarga pulsional. O que, em geral, é frustrante, pois o objeto pode não estar presente.

*A esse modo de funcionamento (...) Freud denomina processo primário. Do ponto de vista econômico a energia circula livremente de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e condensação, e a tendência desse modo de funcionamento é a de reinvestir as representações ligadas à vivência de satisfação e, portanto, à realização alucinatória do desejo. O processo primário, regido pelo princípio de prazer, caracteriza o modo de funcionamento do sistema inconsciente.*

*O processo secundário, por sua vez, caracteriza-se por um bom investimento do eu e por uma inibição dos processos primários (...) Do ponto de vista tópico, os processos secundários caracterizam o sistema Pcs (...). (GARCIA-ROZA, 1995a, p. 223-224)*

O processo secundário estaria sob a égide do princípio de realidade. Freud em “Além do princípio de prazer” (1996i) diferencia o princípio de prazer do princípio de realidade. O princípio de realidade engendraria o processo secundário cuja função é a de ordenar os representantes

pulsionais ao considerar desvios e adiamentos para a satisfação, bem como a tolerância ao desprazer e até renúncias a certas possibilidades de obtenção de prazer. Há, portanto, alguma aproximação entre princípio de prazer e princípio de realidade, pelo fato de que, respectivamente, as características do último visam o mesmo objetivo que as do primeiro: viabilizar aos representantes pulsionais meios para a descarga da energia da qual estão investidos pela pulsão. Será destacado no próximo capítulo o quanto esta relação entre os processos primário e secundário conduz ao cômico ou ao riso:

*As intensidades catexiais [no Ics] são muito mais móveis. Pelo processo de deslocamento uma idéia pode ceder a outra toda a sua quota de catexia; pelo processo de condensação pode apropriar-se de toda a catexia de várias outras idéias. Propus que esses dois processos fossem considerados como marcos distintivos do assim denominado processo psíquico primário. No sistema Pcs o processo secundário é dominante. Quando se permite que um processo primário siga seu curso em conexão com elementos que pertencem ao sistema Pcs, ele parece 'cômico' e provoca o riso. (FREUD, 1996h, p.191).*

Um dos elementos envolvidos no efeito humorístico, indicado por Freud, parte justamente deste desencontro, no qual representantes do processo primário ligam-se aos do secundário. Cabe ressaltar também que os processos inconscientes ainda seriam atemporais:

*Os processos do sistema Ics. são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs. Do mesmo modo os processos Ics. dispensam pouca atenção à realidade. Estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer. (FREUD, 1996h, p.192)*

Em virtude de tais características o inconsciente não consideraria a realidade externa, mas sim a psíquica. Dependeria, segundo Freud, do advento do princípio de realidade, caracterizado pelo processo secundário uma maior consideração pelo exterior ao aparato psíquico na consecução das metas pulsionais. Emerge, neste ponto, a questão de em que consistem os processos pré-conscientes. Em primeiro lugar, Freud destaca que destes depende a constatação do inconsciente enquanto distinto da consciência: *“Só poderíamos apreciar a importância total das características do sistema Ics. acima descritas contrastando-as e comparando-as com as do sistema Pcs.”* (FREUD, 1996h, p.193). Além disso:

*(...) cabe ao sistema Pcs. efetuar a comunicação possível entre os diferentes conteúdos ideacionais de modo que possam influenciar uns aos outros, a fim de dar-lhes uma ordem no tempo e estabelecer uma censura ou várias censuras; também o ‘teste da realidade’, bem como o princípio de realidade, se encontram em seu domínio. A lembrança consciente, outrossim, parece depender inteiramente do Pcs. Isso deve ser claramente distinguido dos traços de memória nos quais se fixam as experiências do Ics., correspondendo provavelmente a um registro especial como o que propusemos (e depois rejeitamos) para explicar a relação entre as idéias conscientes e as inconscientes.* (FREUD, 1996h, p.196)

Importante também esclarecer o que caracterizaria o consciente, segundo Garcia-Roza (1995a) percepção e memória não podem ocorrer no mesmo sistema. O autor argumenta que um mesmo sistema não pode ser responsável pela recepção contínua de estímulos e simultaneamente pelo armazenamento dos traços mnêmicos constituídos durante tal processo. *“Assim, a memória fica referida aos sistemas Ics e Pcs, enquanto que a percepção formará juntamente com a consciência um sistema à parte.”* (GARCIA-ROZA, 1995a, p. 212). Laplanche apresenta posicionamento semelhante:

*A consciência jamais foi considerada por Freud a não ser*

*como um campo, um aparelho de atenção, ou seja, um dispositivo complexo que permita, fazer voltar ao nível da percepção, através de conexões muito refinadas, o que tinha desaparecido de sua atualidade. Logo, o que se opõe ao inconsciente, como sistema, não é absolutamente a consciência, mas o pré-consciente como lugar psíquico, como um conjunto de processos e de representações psíquicas, muito distinto do sistema inconsciente por sua situação, sua relação precisamente, com o aparelho percepção-consciência. O sistema pré-consciente define-se, em primeira aproximação, pela circunstância de poder, a cada instante, ser reevocado. Não é consciente do ponto de vista descritivo mas unicamente por suas potencialidades: ele é suscetível-de-vir-a-ser-consciente (bewusstseinfähig). Pelo contrário, o inconsciente é um inconsciente que não é potencialmente capaz de ter acesso à consciência, exceto através de procedimentos analíticos muito complexos, muito arriscados, e sobre os quais é lícito perguntar se serão alguma vez suficientes para exauri-lo. (LAPLANCHE, 1992, p. 124)*

O registro das experiências ocorre no inconsciente e no pré-consciente, com o primeiro estando submetido ao princípio de prazer e ao processo primário, e o segundo ao princípio de realidade e ao processo secundário. A consciência, junto da percepção, focaria determinado aspecto em um dado momento. Esclarece-se por que Freud atribui a consciência a condição de se conhecer algo do inconsciente, pois é ao entrar no campo consciente que ao sujeito torna-se acessível determinados conteúdos. Segundo o autor, em síntese, se espera encontrar nos processos inconscientes: “(...) a isenção de contradição mútua, o processo primário (mobilidade das catexias), a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica” (FREUD, 1996h, p.192). Freud ainda assinala também que em determinadas condições psicopatológicas os funcionamentos pré-consciente e inconsciente se sobreporiam.

### 3. Recalque

No entanto, como advém tal clivagem do aparato psíquico? De que maneira ocorre a formação do pré-consciente e do inconsciente? Ao comentar as possíveis vicissitudes pelas quais a pulsão pode passar, em "Instinto e suas vicissitudes" (1996h), Freud explicita o conceito de recalque como um dos possíveis encaminhamentos pulsionais. E, especificamente em "Repressão" (1996h) ele aprofunda a noção de recalçamento. O autor sustenta que a pulsão passaria pelo recalque por engendrar mais desprazer do que prazer, para que assim seja evitado o desprazer. O artigo "Repressão" ainda objetiva demonstrar os possíveis meios pelos quais o processo ocorre, bem como as conseqüências neste implicadas.

*Uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante. Em certas condições, que logo investigaremos mais detidamente, o impulso passa então para o estado de 'repressão' ['Verdrängung']. Se o que estava em questão era o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado; para o instinto, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio. (...)*

*Não é fácil deduzir em teoria a possibilidade de algo como a repressão. Por que deve um impulso instintual sofrer uma vicissitude como essa? Condição necessária para que ela ocorra deve ser, sem dúvida, que a consecução, pelo instinto, de sua finalidade produza desprazer em vez de prazer. (FREUD, 1996h, p.151)*

O processo de recalque desencadearia dois sistemas distintos: pré-consciente/consciente (ambos viriam juntos pelo fato dos conteúdos pré-conscientes serem diretamente acessíveis ao campo da consciência) e inconsciente. Freud adverte para não se reduzir o inconsciente ao recalçado e postula haver um recalque originário e antecedente aos demais, anterior aos recalques propriamente ditos. No momento do recalque primevo o psiquismo ainda não estaria dividido em consciente e inconsciente, aliás, sendo pelo processo do recalçamento que o aparelho psíquico se tornaria clivado.

*Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele.*

*(...) A segunda fase da repressão, a repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. Por causa dessa associação, essas idéias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primeiramente reprimido. Na realidade, portanto, a repressão propriamente dita é uma pressão posterior. Além disso, é errado dar ênfase apenas à repulsão que atua a partir da direção do consciente sobre o que deve ser reprimido; igualmente importante é a atração exercida por aquilo que foi primeiramente repellido sobre tudo aquilo com que ele possa estabelecer uma ligação. Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente. (FREUD, 1996h, p.153)*

Freud argumenta, assim, que o recalçamento acontece pela articulação de duas circunstâncias, dependendo do recalque originário a existência do recalque posterior. Importante salientar que o recalque se deve à busca por evitar o desprazer operante no princípio de prazer, regulador do aparato psíquico. A censura, operando na fronteira entre pré-consciente e inconsciente, recalcaria as representações que poderiam ocasionar experiências mais frustrantes do que gratificadoras. Permanecendo, assim, no pré-consciente apenas as representações que engendram mais prazer do que desprazer.

A primeira questão suscitada é a de como poderia existir o recalque originário se não há ainda representação previamente recalçada com a qual (ou para qual) seja viável alguma ligação. É, portanto, necessário diferenciar recalque originário do recalque propriamente dito. A tal questão subjaz outra, pois Freud propõe que o recalque incidiria sobre a representação e não sobre o afeto: "(...) Afirmamos que na repressão ocorre uma ruptura entre o afeto e a idéia à qual ele pertence, e que cada um deles então passa por vicissitudes isoladas." (FREUD, 1996h, p.184).

Portanto, é preciso estabelecer as diferenças entre o encaminhamento do afeto e da representação ao longo do recalçamento.

*Chegamos à conclusão de que a repressão constitui essencialmente um processo que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas Ics. e Pcs. (Cs.). (...) Deve tratar-se de uma retirada da catexia; mas a questão é: em que sistema ocorre a retirada e a que sistema pertence a catexia retirada? A idéia reprimida permanece capaz de agir no Ics., e deve, portanto, ter conservado sua catexia. O que foi retirado deve ter sido outra coisa. (FREUD, 1996h, p.185)*

As questões indicadas por Freud o levam a propor que o desinvestimento da representação não basta para explicar todo o processo de recalque, principalmente por que a representação recalçada permanece capaz de agir no inconsciente, e conservando-se deveria renovar a tentativa de entrar no sistema pré-consciente/consciente. Isto acarretaria um movimento contínuo de retirada da energia da representação para se manter o recalque. Além disso, como ocorreria o recalque originário, uma vez que é inviável o desinvestimento da representação pelo sistema pré-consciente/consciente devido o fato desta não ter sido investida para que ocorra a descatexização, afinal, a clivagem entre os sistemas pré-consciente/consciente e inconsciente ainda não se constituiu. Freud em virtude destes impasses propõe que deva existir um outro processo, independente do mero desinvestimento, operante no recalamento.

*Necessitamos, por conseguinte, de outro processo que, no primeiro caso, mantenha a repressão [isto é, o caso da pressão posterior] e, no segundo [isto é, o da repressão primeva], assegure o seu estabelecimento e continuidade. Esse outro processo só pode ser encontrado mediante a suposição de uma anticatexia, por meio da qual o sistema Pcs. se protege da pressão que sofre por parte da idéia inconsciente. (...) A anticatexia é o único mecanismo da repressão primeva; no caso da repressão propriamente dita ('pressão posterior') verifica-se, além disso, a retirada da catexia do Pcs. É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da idéia a utilizada para a anticatexia. (FREUD, 1996h, p.185-186)*

Há, desta maneira, uma fixação pelo contrainvestimento de energia sobre o representante a ser mantido fora do campo consciente. Disto decorre uma ligação entre a pulsão e o seu representante:

*(...) Freud emprega ainda o termo inscrição (Niederschrift) para designar essa fixação da pulsão ao representante de representação [imagem, som, palavra, enfim, traço mnêmico], e a manutenção deste último num registro psíquico inteiramente inacessível à consciência.*

*A fixação ou inscrição ou ainda recalque primário são portanto anteriores à constituição do inconsciente concebido como um sistema psíquico (...) Esses representantes podem, quando muito, ser organizados segundo a associação por simultaneidade, mas não formam ainda uma rede ou uma trama (...) No entanto, estabelecem uma demarcação interna ao psíquico que vai servir de referência para o recalque propriamente dito.*(GARCIA-ROZA, 1995b, p. 177-178)

O representante a engendrar mais desprazer do que prazer é retirado de circulação por meio de um contrainvestimento, de uma anticatexia, a qual visa mantê-lo inacessível. Isto forma um campo, configurado gradualmente, o qual constituirá o pólo a atrair as representações posteriormente recalçadas pela censura pré-consciente. As instâncias são assim paulatinamente delimitadas. O advento do princípio de realidade por meio do processo secundário estabelece outros meios, mais sintonizados com a realidade exterior do que os do processo primário. A instância pré-consciente apresenta, desta maneira, recursos pautados pelo processo secundário (organização lógica, consideração pelas circunstâncias externas e pelo outro, temporalidade etc), enquanto que o inconsciente permanece regido pelo princípio de prazer, operador do processo primário (atemporal, alógico etc).

Existiria, ainda, mais uma diferença entre o recalque primário e o recalque secundário. Freud apresenta duas hipóteses acerca da circulação da representação no psiquismo: a) a representação busca entrar no sistema pré-consciente/consciente e é por este barrada; b) e uma representação presente no sistema pré-consciente/consciente é enviada ao inconsciente. Respectivamente, de acordo com Laplanche (1992): a primeira hipótese

seria a topográfica, com retranscrições da representação ao circular pelas instâncias psíquicas, sendo compatível com o que ocorre no retorno do recalado, com a tentativa de bloqueio da representação oriunda do inconsciente; e a segunda hipótese seria funcional, concernente ao recalamento, com a retirada da catexia da representação, a qual seria atraída e reinvestida pelo inconsciente (lembrando que há um pólo constituído pelas representações já recaladas a atrair as novas representações).

O recalamento, enfim, incide sobre a representação, mas o que acontece com o afeto, o outro componente presente no encaminhamento da pulsão pelo psiquismo? Como explicitado anteriormente, a ação da pulsão acarreta um efeito eminentemente físico, o afeto, o qual liga-se a uma representação para obter sua descarga, ou seja, para alcançar satisfação. Retomando as características da pulsão, o afeto remonta a fonte somática, pressionando a uma finalidade, à satisfação, por meio de um objeto. O que torna premente o encontro do afeto com uma representação, cuja articulação a outras balize a ação no sentido de se atender à exigência pulsional. Em outros termos, o afeto seria um índice da pulsão a mobilizar a captação de representações, com o objetivo de ser contido e encaminhado pelo aparato psíquico.

Ao comentar sobre o conceito de representação, Garcia-Roza (1995b) sustenta que:

*Esta é a idéia que está presente desde o primeiro volume desta Introdução: a do aparato psíquico entendido como um aparato de captura e transformação do disperso pulsional. Assim, se de um lado temos pulsões anárquicas, de outro lado temos o aparato como o lugar da ordem, capturando e transformando as pulsões segundo uma ordem que é a da linguagem. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 251)*

Em passagem de "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1996h) Freud apresenta posicionamento que justifica tal concepção:

*Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é, no momento, indesejável. (FREUD, 1996h, p.92)*

Assim como em "Além do Princípio do Prazer" (1996i):

*(...) seria tarefa dos estratos mais elevados do aparelho mental sujeitar a excitação instintual que atinge o processo primário. Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuada é que seria possível à dominância do princípio de prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculo. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o. (FREUD, 1996i, p.45-46)*

Contudo, Garcia-Roza admite que sua argumentação pode levar a certa contraposição entre aparato psíquico como organizador por meio de um sistema de representações, cujas regras assemelham-se as da linguagem; e o pulsional, enquanto estímulos dispersos exigindo trabalho por parte do psiquismo. A isto responde assinalando que "pulsão e representação constituem-se na relação uma à outra, simultaneamente, sem que seja possível imaginarmos cada uma delas isoladamente, embora se contraponham como duas exterioridades." (GARCIA-ROZA, 1995b, p.252). Logo, para o autor pulsão e representação engendram-se:

*Nessa relação entre o aparato psíquico e a fonte somática de estimulação é a pulsão que funciona como elemento de articulação. Este pode ser um dos sentidos da afirmação freudiana de que a pulsão é um conceito fronteiro entre o anímico e o somático; por outro lado, aponta para o psíquico, enquanto sede das representações e isto exige um esclarecimento maior. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 252)*

Ao defender que: "O aparato psíquico deve ser entendido, portanto, como um aparato de captura, transformação e ordenação dessas intensidades que lhe chegam de fora (...)" (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 84), Garcia-Roza aponta justamente o trabalho exigido ao psiquismo ao ser estimulado, no que destaca-se a excitação proveniente da pulsão em virtude da parcialidade de sua satisfação. O psiquismo é obrigado a encontrar incessantemente novos meios para satisfação da pulsão, sob pena de ser cooptado pela tarefa de domínio desta, como assinalado por Freud no trecho anteriormente citado.

A relação de congruência e mútua influência entre pulsão e representação apontada por Garcia-Roza é metapsicologicamente viável, mas requer aprofundamento. O conceito de fixação da pulsão à dada representação, visando um enlace, é tomado como base para a afirmação de que é pelo encontro da representação com a pulsão que ambas se constituíam. Entretanto, como este processo engloba o outro aspecto relativo à pulsão no psiquismo, ou seja, retomando as considerações acerca do afeto, como este é encaminhado junto à representação? Em relação a isto, Freud enfatiza que:

*Até esse momento, em nosso exame, tratamos da repressão de um representante instintual, entendendo por este último uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de um instinto. Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo do instinto tem de ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de repressão que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão quota de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos. A partir desse ponto, ao descrevermos um caso de repressão, teremos de acompanhar separadamente aquilo que acontece à idéia como resultado da repressão e aquilo que acontece à energia instintual vinculada a ela. (FREUD, 1996h, p.157)*

Dessa maneira, Freud apresenta a importância em se distinguir a dimensão afetiva da representacional. Garcia-Roza aponta de modo coerente que o aparato psíquico ao capturar a pulsão busca processá-la por meio de sua articulação, fixação, a uma idéia ou elemento representativo. Todavia, esta atividade não basta, permanecendo uma parte do estímulo pulsional ao psíquico livre e insistente na busca por satisfação, exigindo do psiquismo que continuamente religue a pulsão a uma representação. É possível atribuir tal "resto" pulsional em seu encaminhamento pelo aparato psíquico à dimensão afetiva, enquanto aspecto que é corporal e de difícil figuração por meio de uma representação.

Ainda cabe enfatizar que este processo incessante redundando no recalque devido à busca por evitar o desprazer operante no princípio de prazer, regulador do aparato psíquico. Freud assinala que disto decorre um duplo trabalho, um relativo à representação e outro ao afeto:

*(...) Em geral, o emprego das expressões "afeto inconsciente" e "emoção inconsciente" refere-se a vicissitudes sofridas, em consequência da repressão, pelo fator quantitativo no impulso instintual. Sabemos que três dessas vicissitudes são possíveis: ou o afeto permanece, no todo ou em parte, como é; ou é transformado numa quota de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em ansiedade; ou é suprimido, isto é, impedido de se desenvolver. (...) Sabemos, também, que suprimir o desenvolvimento do afeto constitui a verdadeira finalidade da repressão, e que seu trabalho ficará incompleto se essa finalidade não for alcançada. Em todos os casos em que a repressão consegue inibir o desenvolvimento de afetos, denominamos esses afetos (que restauramos quando desfazemos o trabalho da repressão) de "inconscientes".*

*(...) A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias - basicamente de traços de memória -, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. No presente estado de nosso conhecimento a respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente. (FREUD, 1996, p.182-183)*

Segundo Freud, o encaminhamento pertinente à representação é, assim, paralelo ao concedido ao afeto e não concomitante. Ele propõe: a

supressão total do afeto, sem que este encontre posterior expressão ou efeito; a expressão qualitativamente colorida do afeto, principalmente sendo transformado em ansiedade, a partir da manifestação aguda e irrepresentada do afeto no aparato psíquico; e, por fim, o afeto pode permanecer como é.

A pulsão remete, portanto, a representação e ao afeto. A ruptura entre afeto e a representação demonstra que a pulsão pode manifestar-se por meio de um ou de outro no aparato psíquico. Neste ponto, retomando Garcia-Roza e sua proposta do psiquismo como processador pulsional, é interessante introduzir a noção de pulsão de morte e pulsões de vida. De que maneira a pulsão de morte interroga e apresenta respostas à problemática da representação articular-se à pulsão, novamente conforme proposta de Garcia-Roza? E, ainda, o que a pulsão de morte pode indicar quanto ao afeto?

#### 4. Pulsão de morte e Pulsões de Vida

É proposto em 1920, no artigo "Além do princípio de prazer" (1996i) um novo dualismo pulsional. Freud, inicialmente, concebe as pulsões sexuais e oposição as de autoconservação, as primeiras visam o prazer de órgão e as últimas preservar a integridade do indivíduo:

*(...) Apesar de serem todas "da mesma índole", Freud distingue inicialmente dois grupos de pulsões primordiais: as pulsões de autoconservação [visam conservar o indivíduo], ou pulsões do eu, e as pulsões sexuais [visam prazer de órgão](...)*

*Até a introdução do conceito de narcisismo, Freud defendia o ponto de vista de que apenas as pulsões sexuais tinham por energia a libido; as pulsões de autoconservação ou pulsões do eu seriam não-libidinais. No entanto, a partir de 1914, descobre que o eu é também objeto de investimento libidinal, o que tornava frágil a distinção estabelecida anteriormente. Além disso, se as pulsões de autoconervação visam à conservação do indivíduo, elas correm o risco de serem identificadas ao instinto, perdendo sua característica de pulsão, ameaçando o dualismo pulsional tão enfaticamente*

*defendido [por Freud]. Apesar de frágil, este primeiro dualismo pulsional é mantido até 1920 quando, em Além do Princípio de Prazer, Freud propõe o novo dualismo pulsional: pulsões de vida (que passam a englobar as pulsões sexuais e as de autoconservação) e pulsão de morte. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 157-158)*

A partir de "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1996h), Freud reconhece que o próprio ego pode ser alvo das pulsões sexuais, o que questiona a validade do dualismo pulsional anterior. Diante disso, Freud propõe existirem duas modalidades de libido: libido do eu e libido objetal. "A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego." (FREUD, 1996h, p. 85).

Ainda assim, Freud mantém a oposição entre pulsões sexuais e de autoconservação. O novo paradigma pulsional entre pulsões de vida e de morte ocorre somente anos mais tarde a partir da observação, principalmente das neuroses de guerra e do brincar infantil, da repetição de uma experiência frustrante. Isto o faz postular algo que esteja para além do princípio de prazer. A proposta assim apresentada em "Além do princípio de prazer" (1996i), considera que a compulsão a repetir algo que anteriormente ocasionou dor ou sofrimento é um dos últimos recursos do aparato psíquico frente a um excesso de estimulação. Esta excitação excessiva teria um efeito disruptivo sobre os recursos corriqueiramente empregados pelo indivíduo para encaminhar a descarga pulsional, pois os meios usualmente utilizados fracassariam em encontrar um destino para a pulsão.

Segundo Garcia-Roza (1995b), Freud estava anteriormente muito mais preocupado com as pulsões já capturadas pelo aparato psíquico, sob a égide do princípio de prazer. "Com a introdução do conceito de *pulsão de morte*, tudo se modifica, e o campo psicanalítico, até então todo ocupado pela ordem dá lugar ao caos, ao acaso, transformando por consequência a própria prática psicanalítica.". (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 157). Em seu trabalho o "Mal Radical em Freud" (1999), Garcia-Roza questiona qual seria

a energia da pulsão de morte, uma vez que as das pulsões de vida é a libido.

O autor destaca ser apenas em o “Mal estar na Civilização” (1996k) que Freud sustenta a absoluta independência da pulsão de morte, até este momento sempre apresentada em associação às de vida. A pulsão de morte é, a partir de então, destacada como destruidora, ao passo que as pulsões de vida associar-se-iam à sexualidade, ao trabalho de ligação promovido pelo aparato psíquico na busca de meios para encaminhar a exigência de trabalho pulsional.

A proposta de Garcia-Roza (1999) nesta obra é interessante pelas derivações que encontra ao aprofundar a noção de pulsão de morte. O autor argumenta que a oposição a ser pensada pela psicanálise ocorreria entre o aparato psíquico, regido pelo princípio de prazer, e o disperso pulsional, caótico, da pulsão de morte. Garcia-Roza enfatiza que conhecemos a pulsão pelos seus representantes, mas não diretamente:

*A autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição (ou potência de destruição) é perfeitamente consistente com a idéia de que a pulsão, por se situar além da representação, além da ordem, além do princípio de prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa. Sob este aspecto faz juz à afirmação de que ela é a pulsão por excelência (...) como situar, agora, as pulsões sexuais? (...) Se caracterizamos o sexual como aquilo que está sob a égide do princípio de prazer, então ele é algo que se encontra referido ao aparato anímico e, portanto, inerente ao espaço de representação. “Além do princípio de prazer” designaria, em decorrência, o que estaria para além do sexual. (GARCIA-ROZA, 1999, p. 143)*

Garcia-Roza ainda prevê a crítica de colocar a sexualidade sob a égide do princípio de prazer, mas argumenta se há outro modo de se estabelecer uma distinção entre as pulsões, as quais seriam qualitativamente semelhantes. A proposta do autor é coerente com a noção de aparelho psíquico como processador do estímulo exterior pulsional, porém cabe retomar neste ponto a interrogação que encerrou o item anterior: o que o afeto (ainda que pensado como representante pulsional)

indica acerca da pulsão? Além da questão: de onde a pulsão partiria para exigir este trabalho ao psiquismo?

Neste sentido, o autor propõe uma articulação ao conceito de Coisa freudiana, de o "Projeto para uma psicologia científica" (1996a), em que Freud comenta de um componente não assimilável ao conjunto de percepções:

*(...) No início da função judicativa, quando as percepções despertam interesse devido a sua possível conexão com o objeto desejado, e seus complexos são decompostos num componente não assimilável (a coisa) e num componente conhecido do ego através de sua própria experiência (atributos, atividade) - o que chamamos de compreensão -, dois vínculos emergem [nesse ponto] em relação com o enunciado da fala. (FREUD, 1996a, p.421)*

O artigo é anterior às formulações de Freud enquanto psicanalista, embora apresente idéias que permeiam toda a obra freudiana. No trecho citado Freud refere-se à Coisa como sendo um componente elidido do conjunto perceptual do indivíduo. Garcia-Roza, ao referir-se a esta conceituação, comenta:

*Em três momentos do Projeto [Projeto para psicologia científica], Freud faz uma clara referência a uma divisão dos complexos perceptivos num componente não assimilável (Ding) e num componente conhecido do eu através de sua própria experiência (...)*

*Nesses textos iniciais, fica clara a idéia de que no nível das Vorstellungen [representações] algo permanece de não assimilável, de excluído da organização psíquica, ou, melhor ainda, de um "interior excluído", em torno do qual a organização psíquica se faz. E Lacan pergunta sobre esse "interior" no momento em que o aparato psíquico está ainda se formando: "Interior de quê?" (...) O que ele [Lacan] aponta como esse "interior" é "o Real-Ich, o real derradeiro da organização psíquica". Das Ding, é o que é excluído desse real psíquico, e não parte integrante dele. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 146 a 147)*

O autor prossegue afirmando que o *Real-Ich* (ênfatisado por Lacan) é um estado originário do psiquismo em que ainda não se distinguem eu e mundo exterior ou prazer e desprazer. O que apenas ocorreria no momento em que o organismo diferencia estímulos controláveis, externos, ou dos quais é viável fugir de outros, internos, cuja presença precisa ser suportada. Advém, segundo o que o autor comenta de Lacan, neste ponto o *Lust-Ich*, com a transformação do eu inicial em eu-prazer. Garcia-Roza lembra que Lacan atribui a *Lust-Ich* o surgimento de uma organização *psi*, antes do que esta inexistiria, não havendo mínima diferenciação entre humano e animal. Aproximando as noções freudianas das de Heidegger e Kant, Garcia-Roza sustenta que:

*Das Ding é, para Freud, o objeto perdido, embora nunca o tenhamos tido, e que deve ser reencotrado. Tal como na coisa heideggeriana, ele é um vazio – um vazio de determinações – e, tal como na coisa kantiana, ele é o que se encontra para além da representação, podendo apenas ser pensado. No entanto, Freud supõe um momento mítico, no começo de tudo, quanto teríamos a posse da Coisa. Daí por diante, seríamos lançados numa busca infundável dessa coisa perdida, embora nunca a tenhamos tido verdadeiramente. Nessa procura da Coisa, forma-se a trama das representações (Vorstellungen) através dos caminhos da memória.*

*Essa busca é governada pelo princípio do prazer, e como este exerce sobre as representações, fazendo com que a energia (Qn) se transfira de representante para representante num trilhamento (Bahnung) que nunca se repete da mesma maneira, ficamos interminavelmente girando em torno de um centro que nunca é atingido e que Freud chama de das Ding. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 152)*

Prosseguindo na análise feita por Garcia-Roza, o autor caracteriza dois termos na língua alemã empregados para designação do termo coisa: *die Sache* e *das Ding*. As primeiras constituiriam um mundo organizado, portanto, submetido a ordem simbólica. *Das Ding*, por sua vez:

(...) *designa a coisa de modo diverso, como que habitando um outro lugar, para além do universo da linguagem. O que podemos dizer é que o aparato psíquico, tendo como referência a experiência de satisfação (Befriedigungserlebnis), produz uma ação específica cujo objetivo é reproduzir essa experiência, isto é, reencontrar das Ding, mas o que ele reencontra é inevitavelmente die Sache.* (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 153)

O autor, à guisa de exemplo, compara *das Ding* e *die Sache*. Garcia-Roza comenta da situação inicial humana em relação à experiência de satisfação junto à mãe (exemplo em que supõe o cuidador ser uma mulher e ainda a progenitora). O *infans*<sup>4</sup> desejaria a mãe, como *das Ding* (coisa-mãe), na medida em que esta ocupasse o lugar em torno do qual gravitam as representações-coisa (imagens, sons, texturas, mas não palavras). Contudo, esta mãe não é atingível enquanto coisa, *das Ding*, mas somente enquanto *die Sache*, pois ela não corresponde (ou não deveria) completamente à experiência de satisfação cuja ação específica do bebê visa reviver.

Além disso, o autor adota a premissa de que a mãe ainda seria interdita enquanto meio para a total satisfação. O trecho citado a seguir é longo, mas é válido que o seja pela síntese de Garcia-Roza das concepções lacanianas articuladas às freudianas, demonstrando o modo como este referencial compreende a emergência da constituição do sujeito:

(...) *A mãe-Ding não é interdita pela cultura e é esse interdito que nos constitui como humanos (e que constitui a própria cultura). Em termos psicanalíticos, podemos dizer que, na medida em que o desejo de possuir das Ding, cessa toda a demanda, e é precisamente essa demanda que funda o inconsciente humano. Possuir das Ding, isto é, cometer o incesto [inserindo-se, então, o porquê o autor adota o exemplo do bebê a requerer a mãe-Ding] nos remeteria ao registro do natural, já que é a interdição do*

---

<sup>4</sup> Trata-se do "(...) termo que o próprio Lacan emprega para qualificar a criança antes que ela utilize a linguagem" (KAUFMAN, 1996, p. 157) *Infans* é um termo que remete a teoria da constituição do sujeito lacianiana, mais precisamente ao momento de passagem da criança do estado de indiferenciação - que Lacan chamou período de "corpo despedaçado" - ao de objeto, o que Lacan chamou de Estádio do Espelho.

*incesto que funda o humano. Assim, a função do princípio de prazer não é a de tornar possível a satisfação relativa de das Ding, mas precisamente impedir que isto ocorra. Em outras palavras, a função do princípio de prazer é manter irreduzível a distância entre das Ding e die Sache. (...)*

*Algo no nível das Vorstellungen (ou dos significantes) sinaliza a coisa. Esse algo não é uma coisa, nem tampouco a própria Coisa disfarçada, travestida de objeto, mas um vazio que não pode ser preenchido adequadamente por objeto algum. É o que Lacan denomina "objeto a". Este não é das Ding, mas o índice ou testemunha de das Ding como objeto perdido. Esse índice não é também um objeto específico, mas, como foi dito acima, ele é um vazio ou um furo.*

*Pode parecer estranho que se nomeie um furo de "objeto" – objeto a -, mas o que pretende Lacan é precisamente assinalar que esse "objeto" está ausente, e, mais ainda, que ele está ausente para sempre. O objeto a não é sequer o objeto do desejo, mas sim o "objeto causa do desejo". O objeto do desejo é a fantasia. A função do objeto a, causa do desejo, é ser produtor da falta, e sua relação com a pulsão é a de ser contornado por ela. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 153 a 154)*

O autor parte da noção de que ao longo das primeiras experiências de satisfação o *infans* se depararia com o impossível de reproduzi-las fielmente. Isto resulta no buraco que a Coisa imprime no psiquismo, na medida em que a tentativa de reproduzir o prazer original é frustrante pelo objeto ser sempre *die Sache* e não *das Ding*, portanto menos gratificador do que o esperado. Vale observar, ainda, que as articulações quanto ao objeto *a* serão melhor explicitadas no próximo capítulo, acerca do referencial lacaniano.

Retomando a proposta de Garcia-Roza da pulsão de morte ser exterior, puro caos, cabe pensar que a pulsão percorre um vazio constante. A busca em reproduzir a *das Ding*, neste sentido, seria uma exigência de trabalho ao psiquismo de modo desordenado, para além da rede de representações e ordenamentos do aparato psíquico. A Coisa imporia um furo, um buraco interior, para além dos recursos do psiquismo e a exigir deste um trabalho permanente. Isto é coerente com a noção do princípio de prazer ser homeostático, em seu trabalho incessante de por todos os meios viáveis encaminhar esta estimulação, visando alcançar a plena satisfação pulsional, ou seja, a *das Ding*. A pulsão de vida remeter-se-ia a esta

elaboração do aparato psíquico em ligar meios e objetos para a consecução das metas pulsionais.

Não obstante, permanece a questão de como o afeto relativo à pulsão participaria dos encaminhamentos organizados pelo psiquismo para a satisfação pulsional. Afinal, em que momento o afeto incide no encontro da representação com a pulsão? De que modo isto ocorre? De que maneira a expressão do afeto não ligada a nenhum representante, enquanto pura intensidade pode ser pensada em relação à pulsão? A presença do afeto desligado da representação remete à pulsão de morte? Visando encontrar algumas indicações para tais questões será realizada uma breve apresentação das propostas de: Birman (1997); Laplanche (1992); Laplanche e Pontalis (1993); e Violante (2001).

Em “Estilo e modernidade em psicanálise” Birman (1997), aponta que: “(...) o conceito de pulsão de morte como indicando a existência de uma pulsão sem representação foi precedido historicamente pela idéia de pulsão como força e como exigência de trabalho” (BIRMAN, 1997, p. 36-37). O autor apresenta um posicionamento semelhante ao de Garcia-Roza (1999) ao considerar que o aparato-psíquico precisa inserir a pulsão no registro da representação, o que ocorre por meio do oferecimento de objetos capazes de possibilitar experiências de satisfação:

*(...) a pulsão é uma força (Drang), antes de mais nada, que precisa ser submetida a um trabalho de ligação e de simbolização para que possa se inscrever no psiquismo propriamente dito. Esse processo foi denominado domínio da força pulsional, que se realizaria simultaneamente nos registros do objeto e da representação, de forma a se constituir o circuito pulsional. (BIRMAN, 1997, p. 63)*

O autor ainda sustenta que a exigência pulsional tornaria incessante o trabalho do sujeito em encontrar novos meios de satisfazê-la. Portanto, as formas de obtenção de prazer apresentam-se como provisórias, tendo de ser revistas constantemente.

*Dessa maneira, o conceito de pulsão de morte foi a conseqüência necessária dessa concepção de pulsão como força, pois ao enunciar a existência de uma modalidade de pulsão sem representação, o discurso freudiano sublinhou radicalmente o que estava em questão no seu novo conceito de pulsão, que tem na descarga a sua finalidade originária. Além disso, o que a construção do conceito de pulsão de morte indica é que, antes de mais nada, a pulsão é sempre de morte, pois como força o que busca é a quietude absoluta possibilitada pela descarga. Para que a pulsão seja transformada, remodelando o seu estatuto primordial como força, é necessário um trabalho de ligação aos objetos e a sua inscrição no campo da representação, de maneira a se constituir um circuito pulsional. (BIRMAN, 1997, p. 64)*

A argumentação de Birman permite postular algumas respostas aos questionamentos anteriores. O afeto pode ser pensado como o aspecto intensivo a investir a representação quando a pulsão é capturada pelo aparato psíquico. O estabelecimento de objetos para a satisfação pulsional, segundo o princípio de prazer-desprazer, engendra um circuito pulsional, o qual precisa ser reinventado constantemente. Isto porque a pressão da pulsão é permanente e, assim, exige a desconstrução e reordenação dos circuitos pulsionais. A participação da pulsão de morte no processo criativo é uma das teses de Garcia-Roza em "O mal radical em Freud" (1999), sendo também apresentada por Birman em "Estilo e modernidade em psicanálise" (1997).

Ainda assim, de que modo algo somático (o que remete ao biológico) se transformaria em psíquico (ou anímico), tornando constante a pressão pulsional? Visando esclarecer estes questionamentos, cabe pensar na proposta de Garcia-Roza (1995b) acerca da *das Ding*, e também na de autores como Laplanche e Violante (ao comentar sobre Aulagnier). A começar pelas concepções de Laplanche, ao retomar o conceito de recalçamento em "O inconsciente e o id" (1992):

*Pois bem, o que é importante para recalçamento originário é que – nesse estado de uma certa presença, estado pré-consciente-inconsciente anterior à distinção de um sistema pré-consciente e de um sistema inconsciente – aparecem representações sublinhadas, delimitadas, fornecidas,*

*implantadas, pode-se dizer, pelo mundo dos adultos (...) Representações que Freud denomina, em seus primeiros trabalhos, representações sexuais-pré-sexuais, o que implica um primeiro tempo em que elas próprias, essas representações, têm ainda um estatuto que poderíamos chamar o dos "limbos" (...) [situando-se] antes que, num segundo tempo (e aí que a teoria do trauma em dois tempos é essencial), se apresentem como intoleráveis, por que se converteram em fontes internas e autônomas de excitação, e que, nesse momento [neste segundo tempo em que são intoleráveis], se encontram, propriamente falando, recalçadas. (LAPLANCHE, 1992, p. 62)*

O autor considera, assim, que o que circula no inconsciente são " (...) restos de fonemas – [que] figuram como elementos entre outros, tomando seu sentido da experiência infantil singular do sujeito e não, no essencial, de sua inserção num código universal (...)" (LAPLANCHE, 1992, p. 95). Desta forma, não haveria discurso estruturado no inconsciente, apenas ligações fortuitas entre os elementos que o constituem. Além disso, segundo o autor, o processo de análise buscaria revelar o que está fechado no inconsciente e justamente por isto insistiria, tornaria o inconsciente repetitivo. Para Laplanche existiria "(...) um fenômeno de comunicação que, em seguida, se fechou sobre si mesmo, convertendo-se então a comunicação em 'circulação'". (LAPLANCHE, 1992, p. 99).

O que permaneceria no inconsciente seria uma seqüência alheia ao sujeito, de representações-coisa (objetos, sons, imagens, diferentemente de representações-palavra), cuja significação sexual seria desconhecida pela própria pessoa. Isto ocorreria porque do discurso do cuidador do bebê ao inconsciente da criança haverá, segundo Laplanche, um "metabolismo", em que "(...) o significado do inconsciente (...) [é] inicialmente, um significado sexual, enigmático, não assumível num primeiro tempo pelo bebê que o recebe" (LAPLANCHE, 1992, p. 100). Contudo, o autor adverte que a criança não interioriza o desejo da mãe, pelo processo de metabolização destes significados enigmáticos decorre a "(...) 'desqualificação'. O inconsciente não é o discurso-desejo do outro, é o resultado de um estranho metabolismo (...) [que] comporta decomposição e recomposição". (LAPLANCHE, 1992, p. 101). Tal mensagem

desqualificada, segundo o autor, não vincula nada, exceto energia, o que dota a mensagem como traumatizante:

*(...) pois tende a se comutar em energia pura, em pura excitação. E, a partir daí, verão nascer também a compulsão à repetição como tentativa de dar um sentido: voltar ao armazém para dar um sentido a essa mensagem. Desqualificação e traumatismo são, portanto, necessários e isso por razões muito concretas: não por causa de alguma característica metafísica, mas em função (...) da dessemelhança dos níveis de elaboração e de maturação psicofisiológicos entre o bebê e o adulto (...)  
Pois o inconsciente é também o que está fechado ao sentido, para tornar-se um modo de metabolizar, ao longo de vias associativas pouco diferenciadas, com a ajuda de representações primitivas que são e continuam sendo coisas – essas representações-coisa [imagens, sons e não palavras] – uma energia que é apenas o resto energético de um significado enigmático; um sentido perdido, se assim quiserem, mas perdido naturalmente, sem ter de recorrer a todo um "pathos" da perda. (LAPLANCHE, 1992, p. 102)*

O autor enfatiza que, dadas tais características, o inconsciente não seria uma estrutura: "Em primeiro lugar o inconsciente não é uma estrutura. O inconsciente é constituído de *elementos* mnêmicos, de representações recalcadas (...)" (LAPLANCHE, 1992, p. 112). Ele afirma, ainda, que embora não sendo estruturado, mas sim constituído por determinados conteúdos, os elementos inconscientes encontram-se ligados, pautados pelo processo primário, o que faz tais aspectos apresentarem "(...) uma circulação não-freada por estar afastada de todo objetivo referencial e de toda comunicação". (LAPLANCHE, 1992, p. 113).

No ensaio "Fantasia Originária" Laplanche e Pontalis (1993) retomam a teoria da sedução originária freudiana, apontando novos sentidos para tal noção em psicanálise. Os autores entendem que a fantasia originária teria a função de proporcionar uma solução àquilo que quando apreendido do outro foi enigmático enquanto mensagem, vinculando uma pura excitação. A emergência da sexualidade, da diferenciação sexual, da incidência da castração, seriam os temas recorrentes destas fantasias. Assim como Laplanche (1992) aponta em "O inconsciente e o id", o trauma ocorreria em

um segundo tempo, quando de um reencontro com o que inicialmente foi incompreendido.

No artigo "O originário: um conceito que ganha visibilidade", Sigal (2003) assinala o quanto este segundo tempo do traumatismo vivido no início passivamente pela incorporação da pura excitação vinculada pelas mensagens do outro, torna-se auto-traumático, provocando o recalçamento em si. O momento da sedução originária implanta estes significantes em um sujeito no qual a instância inconsciente não está ainda diferenciada, sendo sobre estas primeiras representações que se operam as primeiras tentativas de compreensão. Contudo, o que não for possível traduzir constituirá parte do recalçado. Estes restos não traduzidos corresponderão, a partir disso, ao objeto fonte da pulsão. A sexualidade materna, a sedução, as mensagens enigmáticas se tornarão internas, se transformando em fontes autônomas de excitação, de pulsão. Em um segundo momento, o recalçamento originário define essas fixações e gera um *topos* para essas representações, o inconsciente, as quais permanecem, assim, alheias ao sujeito.

Ao aproximar as concepções laplancheanas das de Piera Aulagnier, Sigal (2003) ainda tece considerações acerca do originário nos dois autores. Segundo a autora, Aulagnier propõe três registros para a compreensão da constituição do psiquismo e especialmente a atividade de representação, os quais seriam três modelos de funcionamento ou três processos de metabolização: o originário, o primário e o secundário. Na tentativa de difundir a contribuição de Aulagnier no Brasil, Violante (2001) procura compilar as idéias da autora. Segundo ela, para Aulagnier os três modelos (citados por Sigal) são modos do aparelho psíquico atribuir causalidade ao vivido ao encaminhar e representar a pulsão.

O funcionamento originário é consequência da própria atividade pulsional, cuja representação é o pictograma (pautado no sensorial). Violante (2001) enfatiza que no originário todo o prazer ou desprazer será atribuído à onipotência da psique, a partir do postulado do auto-engendramento. Os sucessivos encontros entre uma zona-função (boca, ouvido, olhar) e um objeto complementar (seio, voz, objeto visto) ignoram o signo de relação, se atraindo quando há prazer ou se repelindo quando ocorre desprazer. A autora ressalta que no pictograma o Eu torna-se uma

boca cheia ou que vomita, um excremento retido ou expulso etc. Em virtude do que o processo originário os pictografa fusionadamente.

O originário seria coextensivo às atividades e excitações corporais, transformando-se zona sensorial em erógena a partir do contato com o outro cuidador. Cabe salientar que a representação pictografante não tem lugar nas posteriores representações fantasmáticas (primário) ou nas do registro do eu (secundário), permanecendo inconscientes. O sujeito constituído jamais possui conhecimento do pictograma.

O processo primário, por sua vez, funciona sozinho somente em certos momentos e não durante uma fase. Neste, a realidade da separação impõe-se e a psique é obrigada a se representar destituída do poder de se auto-engendrar prazer. Deste modo, Violante (2001) aponta que o primário advém para ajudar psiquismo a lidar com as alternâncias de presença e ausência do adulto. Isto implica que a noção de separável já opere. No primário também haveria a participação do princípio de realidade, não apenas do de prazer. E, se em um primeiro momento o primário produz apenas imagem dos objetos, posteriormente a estes agrega a imagem da palavra enquanto significação primária, mas ainda não como signo lingüístico.

O norteador do primário é o postulado de figurabilidade, em que há três elementos: um a olhar outros dois ou dois espaços sob a onipotência do desejo de um só. Exemplo, apresentado por Violante (2001): fantasiante-mãe/ outro sem seio; mãe-outro sem seio/ fantasiante; fantasiante-outro sem seio / mãe. Esta é, segundo a autora, a estrutura própria do fantasma (fantasia). "A atribuição da causa do vivo à onipotência do desejo do Outro – o desejo da própria criança projetado em um dos pais ou o desejo dos pais – é o postulado que rege o primário". (VIOLANTE, 2001, p. 34).

O prazer e desprazer vividos nos sucessivos encontros e desencontros com as outras pessoas será representado na psique e atribuído, assim, ao desejo (onipotente) do Outro em dar ou em recusar prazer. Isto remete à ordem cultural, uma vez que este Outro marca uma alteridade da qual todo sujeito depende para se constituir. Interessante apontar que, sempre que o desprazer não puder ser atribuído a um desejo,

será representado como auto-engendrado, remetendo ao funcionamento pictografante.

O advento do Eu, com aquisição da linguagem, marca a entrada no funcionamento secundário, cuja representação é a ideativa. A relativização do desejo onipotente do Outro (corrente no processo primário) permite que criança enuncie seu desejo de modo mais independente, não mais apenas do interior da lógica onipotente (tudo ou nada, tenho ou não tenho). Há a exigência de significação no campo do discurso, a partir do postulado de significação das experiências. Abre-se a possibilidade do sujeito narrar-se, constituindo uma história acerca de si mesmo, podendo pensar e planejar seu próprio futuro.

Violante (2001) lembra que para Aulagnier os três modos de funcionamento continuam operando, portanto não trata-se de fases superáveis, mas sim articuláveis. A autora também enfatiza que para Aulagnier a pulsão de morte seria a busca por não desejar, enquanto que a pulsão de vida seria o desejo de desejar, de incrementar e ampliar o desejo. A proposta acerca do originário e da mensagem enigmática, respectivamente de Aulagnier e Laplanche, como Sigal (2003) assinala, denota a importância da primeira atividade de representação da criança por meio do encontro com o corpo e as produções da psique do adulto.

Sigal (2003) lembra que para Laplanche o que se instaura no inconsciente não é uma representação memorizada, mas sim restos de certos processos de memorização. Isto afasta a noção de recalque como um mero esquecimento, pois no recalque originário temos aspectos excitantes, desqualificados ao longo da metabolização da mensagem vinculada pelo outro. A autora argumenta que, por sua vez, a noção de fantasia inconsciente em Aulagnier supõe alguma concatenação, bem como a incidência da noção de separação. O que não está presente nos conteúdos que Laplanche propõe circular em no momento do recalque primário (pura excitação e mensagens enigmáticas de potencial traumatizante), o que aproxima este aspecto de suas formulações ao conceito de pictograma em Aulagnier. Afinal, as fantasias pertenceriam ao registro do primário, enquanto que no inconsciente existiria a circulação fechada, pelo recalque, das representações pictografadas. Em ambos os autores certas representações teriam um estado de fixação permanente (pictograma,

mensagem enigmática a traduzir), operando no psiquismo antes do advento do processo primário.

Sigal (2003) destaca que para Laplanche a memorização das experiências infantis ocorre posteriormente e depende da existência de um primeiro tempo infantil, de um depósito de marcas. A autora ainda aponta que em Aulagnier algo semelhante acontece, posto que a representação pictográfica é prévia ao surgimento das demais. Outro paralelo apontado por Sigal é o conceito em Aulagnier de auto-engendramento, cuja noção em Laplanche aparece como algo que seria auto-traumático. Sigal argumenta que o pictograma se aproximaria das representações comentadas por Laplanche, devido a sua relação com o objeto fonte da pulsão.

Em Laplanche o autotramático ocorreria quando a mensagem exterior é dotada de algum sentido, passando a operar com independência como fonte de energia interna. Ainda comentado sobre Laplanche, Sigal observa que as mensagens enigmáticas oriundas do adulto são decodificadas (parcialmente) pela criança como resultado de um processo de metabolização. Em Aulagnier, o sujeito jamais possuirá um conhecimento direto do pictograma, enquanto que em Laplanche os restos não decodificados do recalque originário constituem o objeto fonte da pulsão, mantendo-se também inacessíveis. Um se refere ao objeto-fonte da pulsão (Laplanche), segundo Sigal, e outro à zona-objeto (Aulagnier), mas sem que neste momento a representação apresente a complexidade de uma cena ou fantasia.

Portanto, o afeto relativo à pulsão pode ser pensado como passando pelas vicissitudes do objeto-fonte pulsional laplancheano, ou pelo pictografante proposto por Aulagnier. De alguma maneira, ainda que não seja articulável de modo direto ou acessível, o afeto estaria associado intimamente por seu impacto sensorial (como no pictograma) ou ainda pelo seu impacto traumático (ao não ser passível de tradução e permanecer recalcado). É válido salientar que Garcia-Roza apresenta um posicionamento neste sentido semelhante, pois também seria a *das Ding* inacessível e ilusória (enquanto meta de satisfação plena pulsional) o que engendraria uma busca pela repetição da experiência.

Isto aproxima-se do pictograma, cujo postulado é o do auto-engendramento do prazer de uma psique onipotente, bem como dos restos

da mensagem traumática recalcados (como citado por Laplanche), a qual circulará e fundará o inconsciente, exercendo pressão constante sobre o pré-consciente, como Freud descreveu. É importante destacar que esta articulação relativa ao afeto visou entendê-lo separadamente da representação, contudo, em geral, ambos se mesclariam. Ainda cabe enfatizar que esta argumentação visa sustentar: por qual caminho é possível entender a apresentação da pulsão de morte por Freud enquanto força constante disjuntiva capaz de separar representação e afeto em sua articulação à pulsão, tal como é assinalado por Birman e Garcia-Roza; e como a pulsão articula-se a atividade de representação, principalmente a partir das propostas de Aulagnier e Laplanche.

### *5. Id, Ego e Superego*

A partir do artigo "Ego e o Id" (1996j) Freud apresenta algumas mudanças advindas com a segunda tópica, a qual não substitui a primeira, mas amplia a compreensão dos processos mentais pela psicanálise. O autor propõe que a organização coerente dos processos mentais seja denominada como ego, ao qual a consciência liga-se. Ao ego caberia coordenar as funções motoras, bem como o recalque. O ego também apresentaria uma parte inconsciente, a qual pressiona a ações mesmo que a revelia da vontade consciente; e também outra pré-consciente que viabilizaria a memória acessível à consciência.

Uma parte do ego se fundiria com o id, o qual seria constituído por uma parte do que é recalcado. Freud considera em "O ego e o id" (1996j) que o ego emergiria do id, como uma modificação deste último para melhor lidar com o mundo externo, pela substituição parcial do princípio de prazer pelo de realidade. Há, ainda, uma certa gradação no interior do ego, o que faz com que Freud apresente o conceito de superego e ideal do ego.

Neste ponto, o autor retoma as conceituações apresentadas em "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1996h) e em "Luto e melancolia" (1996h). Ao conceituar narcisismo Freud alude ao narcisismo primário, resultante dos pais reviverem junto ao seu bebê o próprio narcisismo do

qual tiveram de se afastar ao longo do próprio desenvolvimento. O bebê desempenha o papel de ego ideal, onipotente, a quem são atribuídas todas as qualidades. Contudo, paulatinamente são impostos limites a ilusão de onipotência infantil, ocorrendo um deslocamento do ego ideal para a formação de um ideal de ego:

*O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1996h, p.100-101)*

Ao longo do trabalho "Ousar rir" Kupermann (2003) enfoca o tema do humor e neste percurso apresenta como se constitui o ideal de ego e o superego em sua articulação com o conceito de narcisismo. O autor lembra que a criança logo ao nascer é investida tanto de emblemas simbólicos (nome próprio, gênero sexual, estrutura de parentesco) aos quais terá de corresponder, quanto de emblemas imaginários, "(...) na forma de uma versão idealizada através da qual os adultos resgatam importante parcela de seu próprio narcisismo, já esgarçado pelas frustrações do destino e do acaso" (KUPERMANN, 2003, p. 110).

O narcisismo primário, assim constituído, permite que a criança forme uma imagem de si unificada, a ser a partir de então investida pulsionalmente (o ego, portanto, é um objeto passível de ser investido e desinvestido) por meio do qual a pessoa se reconhecerá. O ego ideal surge como perfeito, onipotente e imortal. A unidade e totalidade imaginária do ego serviriam, segundo Kupermann, como uma forma de ordenação do corpo pulsional originalmente fragmentado, sendo que futuramente

emergirá como uma defesa ante momentos angustiados ou frente ao desamparo. Esta totalidade passa a trabalhar, segundo o autor, no sentido de conservar o sujeito vivo.

Entretanto, Kupermann (2003) ressalta que a incidência da frustração às possibilidades infinitas de satisfação pulsional, promovida pelo real, pela cultura, bem como pelas próprias vicissitudes pulsionais constituem o início da castração do ego ideal. Isto explicita a condição de finitude, incompletude e dependência do objeto características do ser humano. O autor aponta que visando recuperar a unidade e a organização egóica, o sujeito por meio de mecanismos identificatórios mediados pela linguagem, constrói uma imago ideal, herdeira do complexo de Édipo: o ideal de ego.

Ao transitar pelo complexo de Édipo a criança constitui uma nova instância ideal, diferente da inicial (ego ideal), a saber, o ideal de ego, por meio da identificação com o agente interditor (papel atribuído por Freud ao pai). Doravante este será o principal alvo de seu investimento narcísico, uma vez que o sujeito teve de abandonar em parte o ego ideal. Esta nova instância passa a determinar os caminhos a serem tomados pelo sujeito desejante, o qual passa a seguir o ideal de ego visando obter de alguma forma parte das satisfações infantis, agora interditas, do ego ideal. Kupermann considera que:

*A instância ideal, portanto, uma vez constituída, porta em si mesma uma marca de alteridade, representando o próprio fracasso da homeostase pretendida pelo corpo narcísico [satisfação plena pulsional], e desempenhando, além disso, uma função de mediadora do incessante movimento pulsional no encontro de objetos de satisfação no âmbito da relação com o Outro, permitindo assim o movimento do psiquismo no sentido da modulação de suas frustrações e da busca de suas realizações. É sobretudo a instância ideal que permite ao aparelho psíquico fantasiar, imaginar e mesmo investir desejantemente um tempo futuro, podendo ser considerada a inscrição, a partir do reconhecimento por parte do ego da sua própria finitude, de uma modalidade de temporalidade no psiquismo, na forma de um projeto de realização provocado na direção de seu ideal. "Ainda não sou, mas posso vir a ser" seria uma enunciação possível propiciada a partir da constituição da instância ideal. (KUPERMANN, 2003, p. 111-112)*

Atravessar o complexo de Édipo implicaria em que a criança encontre meios para lidar com a castração, ou seja, para aceitar os limites colocados a sua onipotência infantil ao buscar a satisfação de suas pulsões. Como ressalta Birman (1997):

*Neste contexto, o que nos interessa frisar é o desenho entre duas modalidades conflitantes de subjetividade: uma que se acredita autocentrada (eu ideal) [ego ideal] e outra que se representa descentrada (ideal do eu) [ideal de ego], pois orientada pela alteridade. Posteriormente, o discurso freudiano delineou uma outra instância de alteridade do sujeito e que acentuava mais ainda o seu descentramento: o super eu [o superego]. O que evidencia esse conjunto de figuras do sujeito não é apenas a multiplicidade e diversidade de sujeitos no interior do indivíduo, mas também a ênfase de que a produção do sujeito se realiza pelo outro (...). (BIRMAN, 1997, p. 31-32)*

O ego emerge, portanto, como um “precipitado de identificações” ao se identificar com os objetos perdidos (as quais o sujeito não tem mais livre acesso), para apresentar as características desejadas no objeto em si mesmo, e assim poder continuar obtendo o prazer atualmente vetado. Este trabalho efetuado pelo ego é próximo ao descrito por Freud em “Luto e Melancolia” (1996h) como meio de se elaborar a perda do objeto amado. Recapitulando, se o ego se incrementa como uma modificação do id, visando a consecução das metas deste último por meio da obediência ao princípio de realidade em detrimento do de prazer, o superego constitui-se justamente pela proibição dos objetivos do id:

*O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetivas do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você deveria ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento*

*revolucionário que ele deve a sua existência.* (FREUD, 1996j, p.47)

A alusão freudiana ao pai viria da noção de socialmente estar a cargo deste transmitir o respeito aos interditos sociais, familiares etc (o que evidentemente pode ser feito por uma figura substituta). Importante frisar, neste ponto, a relação do superego com o id. Freud propõe que em grande medida a tirania do superego deva-se a tal ligação, uma vez que o superego deve proibir as antigas pretensões do id (as quais o ego buscava alcançar), invertendo neste processo a força, se antes incitando à realização, para agora a evitar. O superego, portanto, cobraria do ego com a mesma veemência que no passado o id exigia deste a consecução de certas satisfações infantis. E, ainda, quanto mais o ego obedece ao superego, tanto mais é cobrado por este, em um ciclo mortificante. Birman (1997) aponta que esta relação entre superego e ego demonstra que:

*A constituição do sujeito implica a assunção de uma dívida face ao outro, sem o qual sujeito não teria condições de existir. De fato, se o sujeito não é a causa de si mesmo e apenas pode advir a partir do outro, sendo um conjunto de identificações, então a constituição do sujeito implica o estabelecimento de uma dívida inefável com as potências que lhe ofereceram as possibilidades de ser produzido.* (BIRMAN, 1997, p. 33)

Cabe salientar que neste percurso, ao se lidar com as limitações a onipotência infantil, o ego coloca-se a disposição do id, visando compensá-lo por suas perdas, decorrentes do respeito aos interditos ao narcisismo primário. Deste modo, o ego retira o investimento pulsional no objeto vetado para si mesmo e coloca-se como objeto de satisfação ao id. Freud ainda aponta que esta dessexualização pulsional pela intermediação do ego pode constituir o caminho para o processo de sublimação, uma vez que posteriormente o ego volta a investir a pulsão que reteve em novos objetos. Estes novos investimentos, no entanto, obedecem também às determinações do ideal de ego.

## 6. Sublimação e Idealização

A sublimação é um conceito que dá margem a diversas interpretações errôneas. Isso parcialmente se deve ao fato de Freud não tê-lo elaborado de forma mais sistemática, deixando as idéias referentes ao assunto pulverizadas ao longo de sua obra. Concepções de sublimação como algo imposto pela sociedade (sendo fruto de normatizações), ou ainda meramente como a obtenção de prazer por meios não sexuais, dessexualizados, são criticadas pela psicanálise contemporânea (como por Fabbrini (1999), a qual assinala a freqüência com que o conceito tem sido interpretado erroneamente).

Em grande parte isso se deve a uma má interpretação da noção de sexualidade em Psicanálise, embora Freud já explicitasse uma mudança da idéia em sua abordagem; como Laplanche elucida:

*Freud é um pansexualista, sem dúvida, no sentido de que o sexual está agindo por toda parte, que é coextensivo com as atividades humanas; mas não é pansexualista no sentido de que o sexual deve conservar uma especificidade: há sexual por toda parte mas **não há** apenas o sexual [grifo do autor]. (LAPLANCHE, 1989, p.19)*

Retomando, as pulsões caracterizam-se por: objeto, alvo, fonte e impulso. No processo sublimatório alteram-se estes aspectos – exceto o último. A partir do momento em que a pulsão busca um objeto não sexualizado, o alvo também se dessexualiza. Isto ocorre na medida em que o alvo é uma ação que busca um objeto. Se este deixa de ser sexual, o alvo tampouco será:

*O impulso sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados. (FREUD 1970, v. XI, p. 86)*

Um exemplo são as atividades artística e científica. A fonte da pulsão sublimada, por sua vez, será sexual, apesar das transformações de seu alvo e objeto. Contudo, a pulsão sexual pode ocorrer através de duas formas:

*Temos, por um lado, aquilo a que Freud chama as fontes diretas: são aquelas a que se aplica propriamente a hipótese de uma modificação somática precisa, físico-química, num determinado ponto do corpo. Mas, por outro, existem fontes 'indiretas', ou seja, qualquer processo somático, qualquer modificação difusa, qualquer ação ainda que 'psíquica', pode num segundo tempo, formar-se 'fonte' de pulsão sexual. (LAPLANCHE, 1989, p. 17)*

O fato das pulsões sexuais poderem ter uma via não só somática, biológica, mas também psíquica, possibilita a sublimação. Por fim, o impulso se equipara à própria pulsão, não se enfraquecendo no processo sublimatório, encerrando um *quantum* de energia equivalente ao que se configuraria se sua fonte, objeto e alvo fossem sexuais. Assim, há obtenção de prazer da mesma qualidade e intensidade da sexual ao se sublimar, embora por caminhos diferentes e sem o substituir a atividade sexual. Assim, a sublimação retrata a possibilidade da aceitação da incompletude humana:

*(...) seria apenas neste limiar de recomeço possível que a sublimação se faria possível, costurando novos territórios psíquicos como modalidades outras de subjetivação, caracterizados agora pela ausência do falo como operador do processo e defesa contra o desamparo. (FREUD, 1998, p. 77)*

É interessante, neste ponto destacar o estudo que Freud empreendeu em relação a certas características da obra artística de "Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância" (1996f), buscando extrair certas conclusões acerca de seus conflitos e de sua capacidade criativa. Utiliza documentos históricos sobre Da Vinci, reconstruindo na medida do possível

sua história, ressaltando as respectivas limitações visto a escassez do material.

Pouco se conhece da vida sexual de Da Vinci, que aparentemente não se concretizou em relacionamentos. Ainda assim, Freud considera que a sua escolha objetal poderia ser referida como homossexual, suposição apoiada em algumas especulações.

A análise freudiana nesse trabalho se baseia em grande parte numa fantasia infantil de Leonardo. Entretanto, como anuncia a nota do editor, tal interpretação parte de um referencial equivocado, o que relativiza sua validade intrínseca, mas não a geral.

As considerações sobre o tipo peculiar de homossexualidade de Da Vinci e também a respeito da sublimação são interessantes e instigantes. No que se refere à sublimação, Freud tratará da mesma sob o prisma da *curiosidade sexual infantil* e seu destino ulterior.

Ele escreve que a curiosidade sexual na infância pode ser reprimida e com isso prejudicar o futuro desenvolvimento intelectual, havendo uma inibição *neurótica*. Outra alternativa seria exatamente a oposta à repressão. Por estar muito desenvolvida, a curiosidade sexual infantil burlaria os mecanismos repressores e permaneceria na consciência de um modo *obsessivo*. O último destino reservado às investigações sexuais infantis seria o da *sublimação*. Neste último, a libido escapa à repressão e a atividade intelectual adquire uma relevância incomum. A sublimação evitaria o recalque da libido, emergindo como uma vicissitude pulsional em que a mediação da pulsão não passa pelo efeito do recalque, mas sim por outros meios (como será apontado adiante, havendo o papel do narcisismo e do ideal de ego durante o processo). Entretanto, não necessariamente alguém apresentaria um quadro puro, cuja direção seja única no concernente à se sublimar ou a a apresentar algum conflito psíquico.

É importante salientar que o interesse científico de Leonardo suplanta o artístico; somente na velhice ele se volta para a arte. Freud atribui isso a uma lembrança, a do sorriso da mãe de Leonardo, registrada em seu famoso quadro, a *Monalisa*. A razão pela qual Da Vinci preteriu a arte e se dedicou mais à ciência é de difícil resposta. Uma possibilidade seria a maior racionalidade presente na ciência, tradicionalmente avessa à emocionalidade. Nas artes, como propõe Freud, o contato com a própria

emotividade é praticamente condição para a criação e a expressão dos sentimentos. Se além da capacidade criativa Leonardo também apresentasse fortes conflitos, e postulando que estes tenham se tornado demasiado intensos, pode-se hipotetizar que talvez ele não mais conseguisse canalizá-los e elaborá-los através da arte, justamente em consequência da relação entre criatividade e afetividade.

O resultado pode ter sido o recalque e respectiva construção de sintomas e/ou ainda o controle das fantasias condenadas socialmente. Ainda assim, o importante é reconhecer a criatividade de Da Vinci, uma vez que o prazer obtido através das suas realizações científicas também indica a presença da sublimação. É possível que através da atividade artística e intelectual Leonardo conseguisse enfrentar grandes conflitos internos, dando vazão a seus desejos e fantasias, ainda que os conflitos em questão não desaparecessem.

Retomando as noções de Kupermann (2003), este cita o trabalho de Freud acerca de Leonardo da Vinci, e atribui a diminuição da produção artística deste último ao incremento do processo de idealização e inibição em detrimento do de sublimação. O que não deixa de ser arbitrário, pois não há dados suficientes para corroborar nem refutar tais asserções. Contudo, estes comentários apontam um interessante aspecto, pois Kupermann alerta para a idealização em contraposição à sublimação. Afinal, enquanto instância ideal, o ideal de ego inclui os valores e interdições culturais. Isto pode engendrar o recalque e a renúncia à satisfação erótica, como meios de garantir ilusoriamente o amor e a proteção da imago paterna (lembrando que Freud atribui ao pai o papel de interditor e transmissor das normas sociais), visando evitar a emergência da angústia de desamparo.

*Dessa maneira, na forma da incorporação de um superego severo e castrador, a renúncia à singularidade pulsional e desejante é também, paradoxalmente, satisfação ideal egóica. Além disso, na instância ideal reside ainda a possibilidade de realização do projeto frustrado de satisfação plena do ego narcísico que, apesar de apresentar-se falida em um momento real presente, é prometida através da ilusão de realização definitiva desse ideal. Em termos*

*metapsicológicos, Freud define através do mecanismo de idealização a modalidade de investimento da instância ideal propiciadora da ilusão totalizante de uma completude efetivamente atingida, o que caracterizaria uma fixação no objeto idealizado e estancaria o movimento criativo sublimatório (KUPERMANN, 2003, p.112)*

O autor enfatiza que se o ideal de ego pode mediar a sublimação, por outro lado, pode incentivar a idealização. No caso do processo sublimatório, Kupermann retoma a leitura freudiana presente em "O ego e o id" (1996j) e em "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1996h), nos quais Freud aponta que o ego retira o investimento de um objeto externo para si próprio, o reinvestindo posteriormente em novos objetos. Neste sentido, Garcia-Roza comenta que:

*A sublimação será bem-sucedida apenas se houver a intervenção do eu narcísico [ego ideal], isto é, se obtiver sucesso em retirar a libido do objeto sexual e fazê-la retornar sobre si mesmo. Este é o primeiro momento do processo de sublimação. O segundo momento consiste em dirigir essa libido retirada do objeto sexual para um outro não sexual. (...)*

*Entre a satisfação erótica infantil e a satisfação sublimada há, portanto, a mediação necessária do narcisismo. (...) Para que esse deslocamento se faça, é necessário, contudo, que o novo objeto seja valorizado socialmente. (...) Esse processo passa pelo ideal de eu [ideal de ego].*

*Não se trata de eliminar a distinção entre sublimação e idealização. Vimos que, enquanto a sublimação é um processo que diz respeito à pulsão, a idealização diz respeito ao objeto. No entanto, como o próprio Freud assinala, a formação de um ideal do eu [ideal de ego] freqüentemente se confunde com a sublimação. No entanto, o fato de alguém substituir seu narcisismo pela dedicação a um ideal do eu [ideal de ego] valorizado socialmente não quer dizer que tenha alcançado a sublimação das pulsões sexuais. Pode acontecer da idealização dar lugar à sublimação, mas não é necessário que isto ocorra. O ideal de eu [ideal de ego] é o incitador ou desencadeador da sublimação, mas não seu executor. (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 143-144).*

As indicações de Garcia-Roza parecem interessantes e são semelhantes às conclusões as quais Kupermann chega ao longo de sua articulação acerca da sublimação. No entanto, há uma diferença marcante na proposta de um e outro autor, cujas implicações engendram diferentes formas de conceber tanto a sublimação quanto o humor (como ficará explícito na articulação de Kupermann em relação ao laço social e ao humor). Vale destacar que a proposta acerca da sublimação de Birman (1997) aproxima-se da de Kupermann (2003), e à guisa de síntese segue abaixo:

*Neste contexto, serão colocadas duas grandes questões, que seriam inéditas no percurso freudiano anterior:*

*1. A existência de formas de sociabilidade que implicarão a abolição do sujeito, como a religião e a filosofia. Dessa maneira, a sociabilidade não implicará necessariamente em alteridade, existindo pois modalidades narcísicas de sociabilidade;*

*2. A sublimação que será regulada pelo desamparo, sem que isso implique a abolição do desejo. Ao contrário, o desamparo será o Outro do desejo, a sua condição de possibilidade, o que promoverá o desejo de saber do sujeito. A sublimação implicará a alteridade, sendo pois uma forma de sociabilidade que reconhece a diferença entre os sujeitos. A alteridade se coloca como um critério da sublimação, na medida em que, na sublimação, a pulsão se inscreve na cultura pela produção de um objeto passível de compartilhamento por diferentes sujeitos.*

*Neste contexto, o discurso freudiano forjou um novo conceito de sublimação, diferente do conceito inicial, já que agora a mudança de objeto da pulsão passa a ser um atributo fundamental na reordenação do circuito pulsional promovido pela sublimação. A invenção de um outro objeto para o circuito pulsional, que seja ao mesmo tempo um objeto compartilhado por outros sujeitos, revela a nova concepção de sublimação. (BIRMAN, 1997, p. 95)*

O autor contrapõe idealização e sublimação, assim como Kupermann (2003). Não obstante, é preciso neste ponto uma breve digressão quanto ao “laço social narcísico” apontado por Birman no trecho citado, o que remete a constituição de laço social e ao conceito de idealização. Dos textos freudianos retomados a fim de demonstrar a possibilidade melancólica ou

destrutiva de laço social, serão comentados dois: "Totem e tabu" (1996g) e "Mal estar na civilização" (1996k).

Sinteticamente, em "Totem e tabu" Freud (1996g) apresenta um início mítico para a cultura. Os seres humanos viveriam em bandos, em uma horda primitiva, cujo chefe seria onipotente, dispondo plenamente dos membros do grupo, com poder arbitrário e sem mediação alguma à exceção de seus próprios interesses. Somente a este homem é liberado o pleno acesso às mulheres, bem como a possibilidade de comando do grupo. A certa altura, os membros uniriam-se e assassinariam este homem, esquartejando e comendo seu corpo, em um banquete, com o intuito de assim herdarem seu poder. Após a consumação do ato, a fratria órfã teria descarregado seu ódio pelo líder morto, passando a reconhecer certo amor por ele, o que desencadeou culpa pelo homicídio.

Além disso, segundo Freud, os irmãos passaram a dividir entre si as atribuições e o poder no grupo, não sendo mais viável a nenhum deles dispor exclusivamente das mulheres ou do comando da antiga horda. Em nome do pai, morto, estes irmãos saudosistas ergueram um totem, cujo valor simbólico é o de evocar o pai morto. Esta alegoria é passível de críticas antropológicas, históricas etc, mas é válida para a compreensão do funcionamento interno dos grupos, o qual pode ser pautado pela saudade deste pai (ou figura) onipotente, a qual dirige-se a idealização, visando a ilusão de assim obter o amor pleno, ilimitado, do líder, bem como garantias de imortalidade e proteção frente às adversidades.

Os membros de grupos pautados por esta modalidade de funcionamento, idealizadora, competiriam até certo ponto entre si pelo amor do chefe. Contudo, buscariam amar os outros "irmãos" para assegurar a continuidade do amor do líder. Desta forma, a maior parte da hostilidade é dirigida aos estrangeiros do grupo, as pessoas excluídas deste. Por fim, a obediência e a homogeneização de pensamento e conduta prevalecem sob a diversidade e a criatividade, pois estas últimas ameaçariam a estabilidade do poder, o qual não é móvel, mas cristalizado na figura do líder.

Em "Mal estar na civilização" Freud (1996k) ressalta o quanto é custoso para o indivíduo sua inserção na sociedade, a qual o obriga a abdicar de suas satisfações individualistas para a promoção do laço social. Basicamente, Freud apresenta outro aspecto da pulsão de morte, que

transcende o presente em "Além do princípio de prazer" (1996i), no qual esta era concebida como tentativa de zerar o trabalho pulsional. Em "Mal estar na civilização" Freud aponta que a pulsão de morte é agressiva, destrutiva e subjaz ao laço social, o qual deve ser garantido pelas instituições sob pena de ser desencadeada a barbárie social.

Entretanto, cabe a ressalva de que não trata-se de um elogio à tirania como meio de viabilizar a vida comunitária, principalmente se for considerado o texto "Totem e tabu" o qual demonstra o quanto regimes totalitários são problemáticos. Kupermann (2003), ao resgatar este referencial, aproxima humor e sublimação enquanto paradigmas de uma outra forma de laço social, menos pessimista ou idealizada.

O autor ainda ressalta que o laço social promovido pela sublimação é criativo, devido à alteração das circunstâncias reais em nome de uma experiência mais interessante ao sujeito. Contudo, há o respeito à alteridade, o que diferencia a sublimação da perversão. Esta última também visaria adaptar melhor a realidade as demandas subjetivas, mas desrespeitaria o Outro no processo.

A sublimação, segundo Birman (1997) e Kupermann (2003), remete ao desamparo, pelo sujeito precisar lidar com as próprias limitações ao buscar novas possibilidades de satisfação pulsional. A pressão constante desta, por outro lado, torna premente o trabalho da criatividade na constituição de novos objetos, os quais engendrem novos circuitos pulsionais. Há ao longo deste processo a participação da alteridade pela mediação do ideal de ego na escolha de quais novos objetos serão investidos pulsionalmente.

Assim, Birman e Kupermann sustentam que o trabalho sublimatório incide sobre a constituição de novos objetos, escolhidos a partir do ideal de ego; e Garcia-Roza aponta que a sublimação engendra outro meio de satisfação pulsional, sendo que o novo objeto a ser criado deve ser investido pulsionalmente e valorizado socialmente, remetendo ao ideal de ego. Desta forma, parece inexistir uma diferença decisiva entre as duas concepções, porém o ponto decisivo é a diferenciação enfatizada por Kupermann (a partir de uma leitura lacaniana) entre ideal de ego e superego. Neste sentido, o superego apontaria para os mandatos e interditos ao ego ideal, enquanto que o ideal de ego executa possibilidades

para o ego ideal (enquanto núcleo potencial do que será o ego) obter prazer. Vale, neste ponto, retomar na literalidade o destacado por Garcia-Roza: "(...) O ideal de eu [ideal de ego] é o incitador ou desencadeador da sublimação, mas não seu executor" (GARCIA-ROZA, 1995b, p. 144).

O que isto indica? Pode-se pensar que assinala o fato de depender do ego a consecução do processo incitado (apontado) pelo ideal de ego. Retomando as noções freudianas de "O ego e o id" (1996j), o ego atende ao superego e ao id, ou seja, a realização do que é indicado pelo ideal de ego não escapa (pelo menos não sempre) aos mandatos superegóicos, bem como às pressões do id. Logo, a sublimação erige novas modalidades para o circuito pulsional, mas isto não implica no superego não estar operante. Além disso, é a própria pressão superegóica que exige do ego que encontre caminhos pautados pelo ideal de ego para a realização da satisfação pulsional. É possível concluir, assim, que tal como Garcia-Roza indica, o ideal de ego pode dar lugar à sublimação, mas isto nem sempre ocorreria posto que o ideal de ego pode servir também à idealização do objeto.

Por fim, é importante retomar as observações freudianas (1996f) sobre Leonardo da Vinci, em que a atividade científica em certo momento pareceu ter sobrepujado a artística, fato que pode ser atribuído a um aumento da inibição em detrimento da sublimação. Adotando esta hipótese como válida, haveria um quadro puro? Um momento em que exista apenas a execução da idealização ou da sublimação? O presente trabalho não pretende esgotar este questionamento, mas vale ressaltar ser mais prudente considerar que não, não haveria apenas idealização ou sublimação, mas sim ambas em certa medida presentes e operantes. Isto é pelo menos o que a história de Leonardo da Vinci parece indicar, o gênio da renascença vivia constantemente crises de inibição criativa.

## Capítulo II – Referencial lacaniano

Os conceitos lacanianos indicados anteriormente requerem explicitação. O que, por sua vez, remonta a teoria da constituição do sujeito lacaniano, pela qual ao nascer o bebê é atravessado pelo discurso do meio com o qual interage. Ele será tomado pelas expectativas inconscientes, desejos, das pessoas que estão ligadas à ele. Isto é, por significantes. A linguagem nas palavras de Benveniste (1976):

*(...) reproduz a realidade (...) a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem (...) [o] ato de discurso [tem] dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1976, p. 26)*

A linguagem não tem princípio de ordenação, é inclusive possível se criar uma linguagem própria, sendo heteróclita. Cabe ainda salientar que não poderia haver pensamento sem linguagem, ela é assim: “logos, discurso, e razão juntos” (BENVENISTE, 1976, p. 26).

A faculdade simbólica encontra na linguagem sua expressão mais elaborada e complexa, Benveniste (1976) enfatiza que os sistemas de comunicações, tanto gráficos quanto gestuais, ou qualquer outro, derivam da faculdade de simbolizar e a supõem. Esta é um sistema simbólico especial, tendo dupla face: de um lado se dá num fato físico, valendo-se da audição e vocalização, no caso da linguagem falada, por exemplo; por outro é uma estrutura imaterial, comunicando significados, tornando a experiência de um sujeito acessível a um outro através de uma evocação desta.

Portanto, abre-se um fato inédito ao mundo animal. Vai-se além, simbolizando, estabelecendo significações, sentidos ao mundo. Não trata-se mais de sinalizações, como nos animais. O ser humano é capaz de simbolizar. E, Benveniste ainda enfatiza: “o homem inventa e compreende

*símbolos, o animal não*" (BENVENISTE, 1976, p. 26). A representação simbólica é a fonte comum entre pensamento, linguagem e sociedade. É só através da faculdade de simbolizar que torna-se possível pensar, desejar, se organizar mediante leis, normas.

Segundo Saussure (2006), o significante seria a forma a ser preenchida por um conceito, o significado, formando, então, um signo lingüístico. O significante é material enquanto que o significado seria imaterial, sendo articulados resultariam em uma representação da realidade através da significação promovida pelo signo, o qual se aproximaria da palavra. O grafonema B.A.L.A., por exemplo, pode ter tanto o sentido de doce como o de munição. Percebe-se que o sentido dependerá da combinação entre significantes e significados, o que permitiria as diversas figuras de linguagem. A estabilidade do signo será, então, contextual.

A lingüística entende que o significado viria sobre o significante, já que o primeiro para ser representado na linguagem teria de se associar ao segundo. Isto faria com que o predominante seja o que se quer significar, o significado, tornando necessário fazê-lo através de sua associação com um significante, uma forma. É importante notar o fato do significante e do significado deslizarem um sobre o outro, o que permite a liberdade que subjaz à linguagem. Nela abre-se a possibilidade de metonímias e metáforas, justamente por esse "deslizamento" entre significantes e significados.

Lacan, por sua vez, perceberá que, contrariamente do defendido pela lingüística, é o significante que seria o preponderante e não o significado. Além disso, ele amplia as definições de significante e significado feitas pelos lingüistas. O primeiro seria considerado não só o fonema, mas também quaisquer outros tipos de expressão: gestos, grafismos, imagens, sonhos, ruídos ou qualquer elemento relativo à estrutura material da linguagem.

Assim, é revertida a conceituação dada por Saussure. Este situou o significado (s) acima do significante (S): "s/S"; já Lacan inverte esta relação conceituando: "S/s", "s" abaixo de "S". Isso decorre do fato de toda significação remeter a uma outra significação. O significante é inconsciente, predominando sobre o significado, que seria consciente. O inconsciente é o discurso do Outro, pois o sujeito humano é efeito da linguagem, a qual o precede e é adquirida através do Outro, o que será explicitado a seguir.

Daí a reversão empreendida por Lacan em relação a Saussure. Afinal, como falar em primazia do "s", se o preponderante na linguagem é o "S". A forma de produzir significação é transmitida na e pela linguagem, através dos significantes, de seu registro inconsciente. O significante vem antes e ao falar o sujeito vai buscar o significado para os seus significantes inconscientes, já que a linguagem precede o sujeito. Logo, a própria determinação do sujeito e de seu discurso se remeterão aos significantes do desejo do Outro, com os quais interagimos ao nascer. Cabe, portanto, a reversão proposta por Lacan.

Assim, é o campo da linguagem que circunscreveria o *infans* a uma dada posição no interior da dinâmica familiar e adjacentes: social, escolar, etc. Lacan denominou de função materna o lugar dado ao *infans* com o qual ele se identifica. É o discurso da função materna que, em um primeiro momento, estruturará o dinamismo, o lugar com o qual ele se identificará. Se ao longo desse processo ele se identifica com a posição de um ser diferenciado do todo circundante o *infans* sairá da indiferenciação, o que Lacan chamou de Estádio do Espelho, passando a se identificar com a posição de objeto do desejo do Outro. Caso isso não ocorra, o bebê permanecerá indiferenciado, em um quadro autista.

*O espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é irremediavelmente, e para sempre, uma relação com o outro, só representa uma fase privilegiada na medida em que tem um valor exemplar para toda a seqüência de um desenvolvimento; não é um estádio destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável. "Estádio do Espelho", bem mal nomeado, onde afinal se trata muito pouco de espelho e estádio. Ao mesmo tempo lugar de nascimento e estrutura definitiva, ele representa a característica própria do ser humano: a separação, que Lacan irá analisar mais tarde com os termos "alienação" e "refenda" relacionando esta constituição e esta separação (...) (OGILVIE, 1988, p.112)*

Se for adotada a tese lacaniana de que o inconsciente se estrutura como linguagem, sua primeira manifestação ocorreria pelo balbucio. Isto

ocorre porque o *infans* está imerso em um campo desejante<sup>5</sup>, ou seja, suscetível à influência das pessoas ao seu redor, às suas expectativas inconscientes. São os desejos de que a criança se estruture enquanto sujeito que fazem com que ela prossiga em sua estruturação psíquica. O desejo é o intermediário entre a pulsão e o objeto, enquanto eterna busca por prazer, sendo sempre maior que o objeto e, portanto, insaciável. Afinal, em sua fonte, origem, não há o registro da falta, mas sim o puro gozo.

O desejo é fundado a partir do recalque originário, da impossibilidade da ilusão de completude, da falta. Braunstein (2007), chama o momento prévio à incidência da falta de "gozo do ser", pelo fato de a pessoa não ser obrigada a encaminhar a satisfação pulsional por um dado caminho, havendo a ilusão de se ser ilimitado (em amplo sentido, tanto na dor, quanto no prazer). Assim, o desejar depende da falta, do registro simbólico, pois é o que possibilita a busca da completude perdida, de se obter algum tipo de gozo (não mais imaginariamente, de modo ilimitado), do contorno da *das Ding*, dos significantes da função materna.

É preciso ainda apontar que o desejo diferencia-se de necessidade e demanda. As necessidades seriam biológicas, saciáveis. Demandar, por sua vez, diz respeito a uma exigência concreta consciente, ao passo que o desejo é abstrato e inconsciente. A demanda seria o desejo representado conscientemente, o que nunca ocorreria plenamente, já que sempre haveria uma parte do desejo, do inconsciente, inalcançável pela linguagem. Exatamente por isso, Braunstein (2007) aponta que a aquisição da linguagem estabelecerá uma economia de gozos, posto que invariavelmente não se poderia obter uma sensação de plenitude.

O autismo representa uma falha inicial em que o bebê não é imerso no campo do desejo do Outro, não estabelecendo um circuito desejante, em

---

<sup>5</sup> É importante fazer uma ressalva em relação aos termos *função materna* e *função paterna*. Para torná-los menos empíricos, ou seja, menos sujeitos à concretude das figuras parentais, na medida em que a criança pode não ter passado por uma experiência familiar, mas institucional, ou pertencer a culturas em que a família se estrutura diferentemente, é interessante substituí-los por: *campo desejante* e *campo normativo*, respectivamente. Isto porque tais campos não se restringiriam a uma figura qualquer, mas sim, representariam a somatória das expectativas inconscientes dos cuidadores – campo desejante – bem como as leis, os limites que estão associados ao acesso à posição de sujeito – campo normativo. Portanto, o presente trabalho apresentará ambas nomenclaturas como sinônimas.

que o *infans* interage com os significantes da função materna a ele dirigidos. Há, então, o aprisionamento em um período de indiferenciação, prévio ao estabelecimento da demanda por identificação com o Outro. Sendo assim, cabe ressaltar a proposta lacaniana acerca do “estádio do espelho”, o qual não é um processo dado filogeneticamente; e depende, isto sim, da identificação com este Outro, prioritariamente com a função materna. Caso isto ocorra, advirá a percepção de si enquanto ser unificado, o que possibilitará uma primeira diferenciação frente ao mundo, como indica Battaglia:

*(...) a apreensão da imagem do corpo próprio e unificado é fornecida antecipadamente por um Outro ao bebê, permitindo que haja a instalação das experiências subjetiva e cognitiva nele. O corpo próprio não é um objeto físico químico que responde natural e instintivamente ao mundo que o cerca (como seria adequado dizer a respeito do organismo), mas sim a partir da apreensão da própria imagem fornecida pelo exterior, a partir de uma perspectiva privilegiada e individualizada pela qual apreende também os objetos do mundo. Tal imagem, portanto, não é uma informação passiva dada ao indivíduo, ela é pregnante e tem uma importante função formadora. É ela que permite ao corpo sair do caos inicial de fragmentação e passa a unificação, tornando-se ao mesmo tempo lugar das representações psíquicas. (BATTAGLIA, 2005, p.14)*

É o primeiro tempo do Complexo de Édipo, em que o bebê se encontra em uma relação fusional junto a função materna, no gozo do ser citado por Braunstein. É a partir desta relação que se diferencia uma imagem unificada do até então “corpo despedaçado”. Contudo, esta unificação é dependente do olhar, do contato a o Outro, com o bebê existindo como unificado por ocupar um lugar no desejo do campo desejante. Segundo Battaglia, o Outro, inconscientemente, seria o responsável pelo fornecimento de um “tesouro de significantes” à criança. Seria, assim, uma instância que é feita destes significantes e é a partir da apreensão deles que o bebê conseguirá se diferenciar e interagir com o meio. Tal possibilidade só se abre pelo processo de identificação com o campo desejante, com o Outro - fornecedor de significantes.

A linguagem é o grande alicerce desta relação bebê/campo desejante, pois há um discurso que expressa expectativas em relação a ele, situando-o em determinado local, que é inconsciente, no interior deste campo. Assim, ele se identifica com este local que lhe é dado, com os desejos do Outro e responde a eles. Por isso o inconsciente é o discurso do Outro e o desejo do ser humano é o desejo do Outro, segundo Lacan. A partir do "estádio do espelho" então, a criança – já minimamente diferenciada do meio - passa para a posição de objeto do desejo do Outro. O bebê tem a vivência da dualidade na sua relação com o mundo, pois é um objeto para o Outro, e só o é porque provê satisfação a este.

Se instaura, deste modo, o narcisismo primário, com um investimento libidinal sobre a imagem de si mesmo, e também contribuindo para a formação dessa mesma imagem. Nessa situação, as necessidades do bebê são satisfeitas pelo Outro, operando no *infans* a busca em reproduzir a sensação de plena gratificação. A criança, até aqui, ainda não adquiriu linguagem, mas já é capaz de se comunicar, por exemplo, pelo balbucio. É importante salientar que essa situação é uma fonte de tensão a ser superada. Lacan argumenta que, prosseguindo o processo de estruturação do sujeito:

*Qual é a dimensão nova introduzida pela entrada no drama fálico? O que ele não tem, aquilo que não está a sua disposição naquele ponto de nascimento e de revelação do desejo genital, nada mais é que seu ato. Ele não tem mais nada a não ser uma promissória para o futuro. Ele institui o ato no campo do projeto. (LACAN, 1997, p. 218)*

O "drama fálico", referido pelo autor, representaria a entrada de um terceiro na relação dual, cuja aceitação pelo próprio mundo adulto, ou seja, por parte do campo desejante, nem sempre ocorre. O *infans* deixa, desse modo, a posição de objeto de plena satisfação dos desejos do Outro, o que pode muitas vezes suscitar conflitos, gerando ansiedade e até mesmo psicose infantil. É o segundo tempo do Édipo, caracterizado pela intervenção de um terceiro que introduz a lei da interdição à relação fusional do campo desejante com o bebê.

Se a criança for destituída da sua posição fálica, de completude imaginária do desejo do campo desejante, ela ingressará no campo da linguagem, deixando a posição de objeto, a qual será substituída pela posição de sujeito. Na teoria freudiana o ser ou não o falo diz respeito ao momento da incidência do Complexo de Castração. Isto é, a criança deve assumir que existe uma interdição ao seu objeto de desejo. Assim sendo, o falo é uma fantasia inconsciente de acesso pleno ao prazer.

Lacan faz uma releitura do conceito de falo, o qual é entendido como a representação da completude, do gozo não interdito e absoluto. O falo, no segundo tempo do Édipo é imaginário, e ser o falo permitira obter o pleno gozo, máximo. Sendo o falo, imaginariamente, abre-se a possibilidade ao ser humano de uma completude ilusória, de um estado perfeito de satisfação pulsional irrestrita. Logo, seria errôneo correlacionar falo ao pênis concreto, pois o falo sendo da ordem imaginária remete a algo valorizado como objeto de desejo da função materna. Isto é captado pelo bebê como algo que caso ele pudesse ser lhe proporcionaria uma completude, a qual é ilusória, e calca-se na eterna reprodução das experiências gratificadoras. Ser o falo seria a fantasia, portanto, que imaginariamente faria o bebê conseguir acesso irrestrito ao amor.

A passagem do segundo tempo do Édipo para o terceiro, para a posição de sujeito, caracteriza o terceiro tempo do Complexo de Édipo e não se fará sem conflitos, devidos à dificuldade do(s) adulto(s), campo desejante, tanto em aceitar como recusar o desenvolvimento da criança. Em relação à recusa, a mesma reflete os conflitos da função materna em relação à possibilidade do *infans* se tornar sujeito desejante. É importante ressaltar que não é diretamente a criança, *infans*, que se angustia com tal momento, visto que não se encontra na posição de sujeito. As demandas dos protagonistas da função materna não são unívocas, configurando uma situação contraditória que permitiria a intervenção da abertura na relação fusional estabelecida com o bebê e ao mesmo tempo a obstaculizaria.

A criança debate-se, então, em ter o falo do campo desejante, mas neste momento o falo emerge como simbólico, intercambiável pela e na linguagem. Se permanecer identificada com a posição de objeto da função materna o bebê passaria a apresentar um quadro de psicose infantil. Se, independentemente dos conflitos o corte na relação fusional por meio do

campo normativo prosseguir, o *infans* adquire linguagem e depara-se com o terceiro tempo do Complexo de Édipo. O falo, então, emerge como simbólico, portanto, circulante na cadeia significante, delimitando um novo dilema: ter ou não ter o falo.

Havendo uma travessia bem sucedida pelo Complexo de Édipo, ao final do terceiro tempo, ocorre a identificação da criança com certos ideais estabelecidos simbolicamente, logo compartilhados socialmente, os quais permitiriam a ela buscar os objetos de seu desejo. Esta autorização a desejar outorgada pelo campo normativo caracterizaria o final da estruturação psíquica. O sujeito advém como desejante ao admitir que falta-lhe algo, identificando-se com os ideais vinculados pelo campo normativo para buscar estes objetos faltantes. Em consequência, estaria simultaneamente submetido ao discurso inconsciente do desejo e da lei (respectivamente: função materna e função paterna, ou campo desejante e campo normativo), e às representações metafóricas conscientes do citado discurso inconsciente.

Tal momento marca a clivagem psíquica em dois discursos, consciente e inconsciente, como debatido no capítulo anterior, embora em termos freudianos e não lacanianos. O ingresso no universo simbólico pela aquisição da linguagem, intermediada pela função paterna, permite a passagem da posição de objeto para a posição de sujeito, o que significa ingressar no universo da falta, da incompletude. Cada nível de estruturação (da posição de indiferenciação à de sujeito desejante) corresponderia à possibilidade de um grau maior ou menor de desenvolvimento. Saindo da indiferenciação e passando para a posição de objeto (do campo desejante) o *infans* desenvolveria várias habilidades (andar, comunicar-se, manipular objetos). Posteriormente, com a aquisição da linguagem e a identificação com o lugar aberto pelo campo normativo, surgem possibilidade inéditas de desenvolvimento e autonomia, como as marcadas pela sublimação, pelo pensamento simbólico e pelo sujeito ser capaz de enunciar seu próprio desejo.

Ao longo deste processo, através da identificação, há a estruturação do Eu, enquanto instância que se enuncia na cadeia significante e ao seu desejo. Sinteticamente, esta instância buscará suprir a falta: o desejo, o Real, o vazio da *das Ding*, do gozo; tendo que lidar com a aceitação da

falta, o Simbólico como instância do código, da Lei que limita e condiciona a imaginarização, a fantasia, de se possuir o objeto do gozo absoluto; e com a negação desta falta em virtude do registro Imaginário, cujo trabalho visa produzir fantasias de que se tem o objeto de e para o gozo. Nota-se a dificuldade em se delimitar as três instâncias propostas por Lacan (Imaginário, Real e Simbólico), pois estas se implicam e se constituem mutuamente.

É com a transição pelo complexo de Édipo que a criança integra melhor a falta, a incompletude, inserindo-se na posição de sujeito desejante. Forma-se aí o superego, pois há a introjeção do "não", do veto ao objeto sexual primário da criança, existindo a constituição de um ideal de eu vinculado às exigências do campo normativo. O sujeito agora é capaz de dizer não ao seu próprio desejo, o Simbólico representa isso, já o Imaginário é a negação da falta, o indivíduo neurotiza ou torna-se perverso ao permanecer em conflito com ela: na primeira, o indivíduo busca uma fuga do objeto sexual; na segunda, sua fusão com este.

Neste ponto, cabe um comentário realizado por Fink (1998) acerca do conceito de gozo em Lacan ao longo da estruturação do sujeito, ou seja, da integração em alguma medida da falta, saindo do gozo do ser (como assinala Braunstein). A estruturação do sujeito é mediada, assim, pelas trocas com o Outro, o que estabelece relações, limitações, e, portanto, barreiras ao gozo. Este remeteria a uma vivência ilimitada, cuja experiência radical daria-se para cada sujeito no tempo do estágio do espelho, em que se estabelece uma relação dual e fusional com o Outro. A aquisição da linguagem, por sua vez, faz incidir limites ao gozo. Fink (1998), aponta duas modalidades principais de gozar: gozo fálico e gozo do Outro. O primeiro se estabeleceria pelos intercâmbios simbólicos (o falo teria o sentido de aceitação mínima da castração, de se recorrer à instância simbólica) por meio das demandas dirigidas ao Outro.

O gozo do Outro, por sua vez, estaria para além da linguagem, remetendo a uma experiência em que não se está submetido às limitações da linguagem, mas sim as do Outro. Neste sentido, trata-se de uma experiência que Fink (1998) aponta de construção do Outro psiquicamente, enquanto que no gozo fálico seria uma experiência de construção de um objeto de desejo a ser demandado ao Outro. O gozo fálico seria uma

modalidade a apontar para o objeto, o requerendo do Outro por meio dos intercâmbios da linguagem. O gozo do Outro seria, por outro lado, um meio de se obter diretamente, sem mediação simbólica, o gozo. Entretanto, o autor o diferencia de um gozo patológico, pois não trata-se de um gozo ilimitado, apenas de um gozo submetido a uma ordem que não é a simbolizada, mas sim próxima ao registro do Real. Fink ainda relaciona ambos às fórmulas de sexuação lacanianas, o que não será discutido, pois fugiria ao escopo do presente trabalho.

### Capítulo III – Psicanálise e Humor

O interesse freudiano pelo humor o levou a compilar uma vasta gama de “ditos espirituosos”, para os quais propôs uma abordagem psicanalítica em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1996d). Nesta obra, Freud apresenta uma compreensão do tema calcada na primeira tópica, distinguindo: chiste, cômico e humor. Segundo o autor, o primeiro estágio operante na psicogênese dos chistes é o *jogo*. Haveria a repetição descompromissada de palavras aleatórias, as quais não necessariamente precisariam fazer qualquer sentido.

*O jogo com palavras e pensamentos, motivado por alguns gratificantes efeitos de economia, seria pois o primeiro estágio dos chistes. (...) O jogo é agora rejeitado como sem sentido ou efetivamente absurdo; em consequência da crítica, torna-se impossível. (FREUD, 1996d, p. 125)*

O advento das leis da linguagem vetaria esta modalidade de prazer. Contudo, Freud considera que o sujeito dificilmente renuncia a atividades que em algum momento lhe tenham sido prazerosas. Isto levaria a uma substituição do jogo lingüístico pelo *gracejo*, o qual consiste em repetições ecológicas, por meio de construções livres e absurdas (como no *nonsense*). Tal atividade burla a censura por não se encontrar motivos para inibir tal ato.

*Com isto, assoma o segundo estágio preliminar dos chistes - o gracejo. Trata-se agora de prolongar o prazer resultante do jogo, silenciando ao mesmo tempo as objeções levantadas pela crítica as quais não permitiriam que emergisse o sentimento gratificante. Há apenas um modo de alcançar esse fim: as combinações sem sentido de palavras ou as absurdas reuniões de pensamentos devem, não obstante, ter um sentido. Toda a engenhosidade da elaboração do chiste é convocada para que essa condição seja cumprida. (...) O que distingue um gracejo de um chiste é que o significado da sentença que escapou à crítica não necessita ser válido,*

*novo, ou mesmo bom; é simplesmente permissível dizer tal coisa daquela forma, ainda quando seja infreqüente, desnecessário ou inútil dizê-lo de tal forma. Nos gracejos o que figura em primeiro plano é a satisfação de ter tornado possível o que era proibido pela crítica. (FREUD, 1996d, p. 125-126)*

Em "Ousar rir", Kupermann (2003) aproxima o gracejo dos chistes inocentes ou não-tendenciosos, os quais teriam a função de viabilizar os chistes mais maliciosos (agressivos ou sexuais). O investimento no gracejo, permitido pela crítica, somaria-se ao dos conteúdos recalçados, ultrapassando a barreira do recalque e encontrando expressão. Os chistes tendenciosos, como aponta Freud (1996d), são formas de liberação de prazer obtidas pela temporária suspensão do recalque.

*(...) Entre os vários tipos de inibição ou supressão interna há um que merece nosso especial interesse, porque é o mais abrangente. Dá-se-lhe o nome de 'repressão' e é reconhecido por sua função de impedir que os impulsos a ele sujeitos, e seus derivativos, tornem-se conscientes. Os chistes tendenciosos, como veremos, são capazes de liberar prazer mesmo de fontes que já sofreram repressão. Se, como sugerido acima, a superação de obstáculos externos pode ser, dessa forma, referida à superação de inibições e repressões internas, podemos dizer que os chistes tendenciosos exibem a principal característica da elaboração do chiste - a de liberar prazer pelo descarte das inibições - mais claramente que quaisquer outros dos estágios do desenvolvimento dos chistes [Freud refere-se ao jogo ou ao gracejo]. Ou fortalecem os propósitos a que servem, transmitindo-lhes apoio procedente dos impulsos mantidos suprimidos, ou põem-se inteiramente a serviço dos propósitos suprimidos. (FREUD, 1996d, p. 129-130)*

Os chistes tendenciosos situam-se geralmente entre dois pólos, transitando entre o obsceno e o agressivo. Não obstante, o principal salientado por Freud é a ultrapassagem por meio do chiste de um conteúdo recalçado. O juízo crítico permitiria a expressão consciente de um elemento recalçado devido à associação do primeiro ao prazer preliminar promovido

pelos jogos e gracejos. Logo, haveria uma relação entre o lúdico, o brincar, e o humor, como aponta Kupermann (2003).

Em outro trabalho, "Escritores criativos e devaneios" (1996e) Freud busca explicitar melhor esta ligação entre processos mentais, tal como os operantes nos escritores criativos, e o brincar infantil. Neste artigo o autor analisa o comportamento lúdico da criança na tentativa de entender quais seriam os primeiros traços e manifestações da atividade imaginativa. A criança reajustaria os elementos de seu mundo submetendo-o a novas formas, corrigindo o desprazer e a frustração que a realidade impõe. Assim, a antítese do brincar não é o que é sério mas sim o que é real. A criança leva muito a sério o brincar, vinculando a brincadeira constantemente ao real, embora não deixe de diferenciá-los. É, aliás, por essa característica que Freud distingue o brincar do fantasiar.

Freud considera que o escritor criativo faria o mesmo que a criança – cria um mundo de fantasia que trataria muito seriamente. O autor aproxima a atividade lúdica da atividade artística argumentando que seria difícil renunciar a uma atividade que no passado propiciou prazer. O artista investiria na obra de arte uma considerável quantia de energia pulsional, mas nem por isso deixaria de separá-la nitidamente da realidade, à semelhança da criança. Ele seria impelido por desejos insatisfeitos, que na e pela atividade artística corrigiriam uma realidade insatisfatória.

Não obstante, o autor ressalta uma diferença importante entre a obra de arte que se vale de moldes, temas preexistentes, já consagrados e a que é espontânea e livre de qualquer estimulação externa. Caracteriza a primeira como derivada de histórias egocêntricas, protagonizada por um herói que nos cativa e com o qual nos identificamos. Em relação à segunda, destaca a relação entre o desejo que motiva o artista e a realidade temporal (uma experiência no presente suscitaria desejos infantis e a obra seria o recurso utilizado para realizá-los). Ainda assim, Freud pensa que mesmo no primeiro caso o autor tem a liberdade de escolher, ressaltando um ou outro aspecto, pois a própria escolha temática já expressa uma razoável margem de liberdade.

Outro ponto abordado neste trabalho é a questão de como os artistas, mediante suas obras, despertam no público diferentes emoções. A resposta, ou um caminho para ela, é a de que através da apreciação da arte

haveria um "prazer preliminar". Este poderia libertar o público de sua própria censura permitindo o acesso, com menores impedimentos, a conteúdos inconscientes. A *projeção* de fantasias e desejos sobre a obra é o que explicaria o prazer que o público tem ao apreciá-la.

O gracejo e o jogo seriam elementos que no processo humorístico remetem ao infantil, assim como esta fase subjaz a outros mecanismos, entre os quais destaca-se a atividade imaginativa dos escritores criativos. Ao comentar sobre o que é risível (faz rir, gargalhar) Freud novamente alude à infância:

*Assim o riso se aplicaria à comparação entre o ego do adulto e o ego da criança. Mesmo a falta de uniformidade na diferença cômica - o fato que me parece cômico é uma despesa ora maior, ora menor (...) - se adequaria ao determinante infantil; de fato o que é cômico, o é invariavelmente do lado do infantil. (FREUD, 1996d, p. 209)*

Neste ponto cabe prosseguir na diferenciação entre chiste, cômico e humor antes de se analisar ao que leva a relação destes três processos com o infantil. Ferenczi, ao apresentar a perspectiva freudiana acerca do humor argumenta que:

*Enquanto os gracejos com subtendidos requerem três personagens, o autor do chiste, o objeto da troça e o público, o cômico satisfaz-se com dois: aquele que apresenta o caráter cômico e aquele que o percebe e ri. O chiste é fabrico pelo homem; na seqüência de uma idéia, produz-se em nossa consciência um momento de "vazio intelectual"; durante este tempo, a idéia penetra no inconsciente e dele só volta a emergir condensada, deslocada, eivada de erros e de associações superficiais, sob a forma do chiste pronto e acabado (...) Para realizar o efeito cômico esta imersão não é necessária; a cena de sua origem é acessível à consciência (...). (FERENCZI, 1991, p. 142).*

Ferenczi diferencia o chiste do cômico por meio dos participantes, das pessoas envolvidas, bem como pelo processo psíquico subjacente a ambos.

Freud em "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (1996d) empreende sua abordagem do tema calcada nestes argumentos, atribuindo ao chiste a capacidade de ultrapassar a instância do julgamento, da lógica, ao lograr que tendências inconscientes manifestem-se subitamente, ainda que estas sejam de modo geral inviáveis ou proibidas para o sujeito em seu cotidiano. Por outro lado, Freud destaca que no cômico a pessoa se compararia com alguém cuja situação ou características o tornariam diferente do outro, sendo a percepção disto resultante em comicidade. Há certa mobilização psíquica nesta comparação, em se por no lugar do outro, se imaginando como ele, o que ao se mostrar inverossímil acarreta a descarga da energia então mobilizada.

Todavia, caso a força desta maneira solta no aparato psíquico encontre alguma aplicação em outra parte não há o efeito risível, a gargalhada. Em virtude disso, segundo Freud, ocasiões cômicas em determinado momento podem em outro não engendrar qualquer efeito humorístico: "(...) sendo extraordinariamente numerosas as ocasiões em nossa vida ideacional onde ocorrem tais diferenças na despesa, são, relativamente, bastante raras as ocasiões em que o cômico emerge dessas diferenças." (FREUD, 1996d, p. 203).

É preciso assinalar que o efeito risível apenas se manifesta caso a economia com a despesa a que Freud se refere não seja direcionada para algum uso. Segundo Diatkine (2006), ao comentar sobre o riso, o chiste e o cômico aproximam-se, pois em ambos o afeto atinge diretamente o corpo pela descarga do elemento afetivo da pulsão, cujo investimento em uma representação mostrar-se subitamente desnecessário.

*A maioria dos autores que releram "O chiste" e "O humor" acham pouco operativa a distinção que Freud faz entre essas três economias [operantes no chiste, no cômico e no humor]. Há nos três casos uma economia de investimento. O humor, como o cômico mobiliza um investimento em face de um perigo [ou situação, circunstância penosa, como Freud destaca] iminente que se revelará inútil (...) No chiste, o que se revela de repente inútil é um contra-investimento permanente usado para manter a repressão. Embora Freud não empregue esse termo, parece claro de fato que, em "O chiste", o que ele chama de "energia de investimento*

*empregada na inibição” (...) corresponde á definição posterior de “contra-investimento” [quando Freud (1996i) define os mecanismos operantes no recalçamento primário, na clivagem psíquica em inconsciente, pré-consciente e consciente]. (DIATKINE, 2006, p. 57)*

Emerge, assim, a questão de como Freud compreende o humor em suas relações com o chiste e o cômico:

*Ora, o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso e então operam sobre este motivos que o suprimem in statu nascendi. Nos casos ora mencionados a pessoa que é vítima da ofensa, dor etc. pode obter um prazer humorístico, enquanto a pessoa não envolvida ri sentindo um prazer cômico. O prazer do humor, se existe, revela-se - não podemos dizer de outra forma - ao custo de uma liberação de afeto que não ocorre: procede de uma economia na despesa de afeto.*

*O humor, entre as espécies do cômico, é a mais facilmente satisfeita. Completa seu curso dentro de uma única pessoa; a participação de alguma outra nada lhe acrescenta. (FREUD, 1996d, p. 212-213)*

Se o objetivo dos chistes, sucintamente, é a obtenção de um prazer infantil inibido pela censura pré-consciente (seja por pretender a satisfação pelos jogos e gracejos ou pela expressão de elementos recalçados), por sua vez, o humor visa à recusa em sofrer, afirmando a possibilidade de encontrar novos objetos para a satisfação pulsional. Este aspecto do humor seria uma diferença marcante em relação ao chiste e ao cômico:

*Já é hora de nos familiarizarmos com algumas das características do humor. Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade*

*intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor. (FREUD, 1996k, p. 166)*

Entretanto, estas diferenças começam a esmorecer ao se comparar humor e cômico:

*Há duas maneiras pelas quais o processo humorístico pode realizar-se. Ele pode dar-se com relação a uma pessoa isolada, que, ela própria, adota a atitude humorística, ao passo que uma segunda pessoa representa o papel de espectador que dela deriva prazer; ou pode efetuar-se entre duas pessoas, uma das quais não toma parte alguma no processo humorístico, mas é tornada objeto de contemplação humorística pela outra. (FREUD, 1996k, p. 165)*

O processo assim descrito não é claramente distinguível do cômico. Em relação a este último Freud comenta em "Os chistes" (1996d) os meios pelos quais é produzido intencionalmente:

*Antes de tudo, é possível produzirmos o cômico em relação a nós próprios a fim de divertir outras pessoas - por exemplo, fazendo-nos de desajeitados ou estúpidos. Dessa forma, produzimos o efeito cômico tal como se essas coisas fossem reais, cumprindo a condição da comparação que leva à diferença na despesa. Mas desse modo não nos tornamos ridículos ou desprezíveis podendo mesmo merecer, em algumas circunstâncias, admiração. (...)*

*No que concerne a tornar outras pessoas cômicas, o principal meio é colocá-las em situações em que a pessoa se torna cômica em conseqüência da dependência humana a eventos externos, particularmente fatores sociais, sem respeitar as características pessoais do indivíduo envolvido (...) - por exemplo, esticar a perna de modo a que alguém escorregue, como se fora desajeitado, fazer alguém de bobo, explorando-*

*Ihe a credulidade, tentar convencer alguém de algo absurdo etc. - ou pode ser simulada pelas palavras ou pelo jogo. A agressividade, a serviço de que freqüentemente se engaja o ato de tornar uma pessoa cômica, é muito ajudada pelo fato de que o prazer cômico seja independente da realidade da situação cômica, de modo que todo mundo está exposto, sem qualquer defesa, a tornar-se cômico. (FREUD, 1996d, p. 186-187)*

Evidencia-se, ao se contrapor na literalidade as duas acepções freudianas acerca do humor e do cômico o quanto ambos se aproximam. Se por um lado o humor remete a uma recusa em sofrer, evitando a despesa com um afeto penoso, por outro o cômico alcança a descarga de um afeto mediante a constatação deste não ser necessário. A principal diferença entre ambos está em que um inibe a despesa com um afeto e o outro descarrega um afeto no riso. Aliás, este critério também seria válido para diferenciar chiste e humor, posto que também no chiste há uma descarga de afeto como no cômico.

Contudo, como assinalado nos trechos acima, Freud apresenta o humor como um processo individual ou dual, à semelhança do cômico. A pessoa, no cômico, pode auferir a descarga do afeto mobilizado e subitamente inútil ao ver alguém em uma circunstância desfavorável e comparar-se a este. Da mesma forma no humor o indivíduo pode estabelecer uma atitude humorística com outro sujeito, deliberadamente ou não:

*Temos um exemplo da segunda maneira pela qual o humor surge, quando um escritor ou narrador descreve o comportamento de pessoas reais ou imaginárias de modo humorístico. Essas próprias pessoas não precisam demonstrar humor algum; a atitude humorística interessa apenas à pessoa que as está tomando como seu objeto, e, tal como no primeiro exemplo, o leitor ou ouvinte partilha da fruição do humor. Para resumir, então, podemos dizer que a atitude humorística - não importando em que consista - é possível de ser dirigida quer para o próprio eu do indivíduo quer para outras pessoas; é de supor que ocasione uma produção de prazer à pessoa que a adota, e uma produção semelhante de prazer vem a ser a quota do assistente não participante (FREUD, 1996k, p. 165)*

A definição acima aproxima ainda mais humor e cômico, ao estabelecer que a atitude humorística engendra prazer, e, portanto, não apenas baseia-se na economia de afetos penosos. Ainda assim, Freud apresenta uma idéia cujas conseqüências aproximam chiste e cômico como processos implicados no humor. O humor pode ser dual, referindo a atitude humorística a alguém, ou individual, na medida em que a pessoa pode dirigir esta atitude para si mesma. O que é viável devido às relações entre superego e ego:

*Obteremos uma explicação dinâmica da atitude humorística, portanto, se supusermos que ela consiste em ter o humorista retirado a ênfase psíquica de seu ego, transpondo-a para o superego. Para o superego, assim inflado, o ego pode parecer minúsculo, e triviais todos os seus interesses, e, com essa nova distribuição de energia, pode tornar-se coisa fácil para o superego reprimir as possibilidades de reação do ego. (FREUD, 1996k, p. 168)*

O humor emergiria para Freud, então, como um recurso, pelo qual se percebe a futilidade da mobilização psíquica apresentada perante determinado fato. Isto viabilizaria a descarga da energia subitamente inútil para o enfrentamento da questão, seja por meio do riso, seja permitindo seu aproveitamento de outra maneira, a tornando de qualquer forma novamente disponível ao psiquismo. Freud, ainda destaca, que o superego em geral tirânico, mostra-se surpreendentemente afável diante do ego, tratando-o como uma criança: "(...) Assim, o humorista adquiriria sua superioridade por assumir o papel do adulto, identificar-se até certo ponto com o pai, e reduzir as outras pessoas a crianças." (FREUD, 1996k, p. 167).

Além destas semelhanças, há ainda outras, como a presente nas implicações da atitude humorística: "(...) O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais." (FREUD, 1996k, p. 166). Em certa medida o comentário de Freud vale para o cômico e o chiste, uma vez que em ambos existe a prevalência do princípio de prazer frente a circunstâncias adversas.

O chiste promove o “triunfo do ego” assinalado por Freud ao viabilizar o prazer por meio de jogos de linguagem suficientemente eficazes em engendrar a expressão de conteúdos recalçados. Na comparação subjacente ao cômico ocorre a explicitação da diferença entre a própria condição do ego diante daquele ou daquilo que é visto. Isto exige, ainda que minimamente, alguma capacidade de auto-percepção por parte do ego, bem como interrogação acerca das próprias vicissitudes. Considerando que até certo ponto esta apreciação do ego é realizada pelo superego, a diferença entre humor e cômico esvaece, tal como Diatkine (2006) comenta.

Os três processos resultam da percepção de que a mobilização do psiquismo frente a determinado acontecimento é inútil, o que conseqüentemente possibilita o aproveitamento da energia psíquica então liberada. Nos três casos existiria uma mudança na relação estabelecida entre o ego e o princípio de prazer e o princípio de realidade, variando mais como operam a via por onde isto se concretiza, em geral: o chiste pela linguagem, o humor em virtude da alteração do estado de ânimo, e o cômico ao se notar certa diferença em comparação com um outro. Os três conceitos se interpenetram, podem desencadear-se ou ainda ocorrerem simultaneamente. A atitude humorística referida por Freud aproxima ainda mais chiste, cômico e humor:

*(...) O principal é a intenção que o humor transmite, esteja agindo em relação quer ao eu quer as outras pessoas. Significa: 'Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!'* (FREUD, 1996k, p. 169)

A intenção humorística não é exclusiva da atitude com humor, podendo operar tanto no chiste quanto no cômico ao apresentar uma realidade menos problemática, mais suave e permeável ao desejo do sujeito. Sendo, deste modo, possível obter prazer ou o buscar apesar das condições adversas da realidade. Cabe ressaltar que invariavelmente todos engendram alterações de humor no que este concerne a estados de ânimo

(alegre, triste, eufórico, etc). Logo, nos três processos o ego é atingido pela exigência pulsional de um modo novo, transformador da relação estabelecida com a realidade.

Em virtude disso, Freud alerta para a ilusão operante durante a atitude humorística:

*(...) É verdade que o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer do cômico ou dos chistes, que jamais encontra vazão no riso cordial. Também é verdade que, ocasionando a atitude humorística, o superego está realmente repudiando a realidade e servindo a uma ilusão. Entretanto (sem saber exatamente por quê), encaramos esse prazer menos intenso como possuindo um caráter de valor muito alto; sentimos que ele é especialmente liberador e enobrecedor. Além disso, a pilhéria feita por humor não é o essencial. Ela tem apenas o valor de algo preliminar. (FREUD, 1996k, p. 169)*

O repúdio à realidade, portanto, é preliminar à intenção do humor, sendo este último aspecto o que seria essencial na atitude humorística, conforme apontado anteriormente. A ilusão sustentada pelo superego, assim, é uma etapa para se chegar à intenção do humor, cuja característica não necessariamente é ocasionar riso. No entanto, por alterar a relação entre o princípio de prazer e o de realidade (ao permitir a expressão de conteúdos censurados concernentes ao processo primário) e ainda possibilitar o encaminhamento da exigência pulsional de um modo diferente do usual (seja pelo chiste, cômico ou humor) os processos humorísticos aproximar-se-iam da sublimação, como aponta Birman (KUPERMANN e SLAVUTZKY, 2005)<sup>6</sup>:

*Assim, o que o discurso freudiano constituiu, com o enunciado do conceito de inconsciente e com o descentramento do sujeito dos registros do eu e da*

---

<sup>6</sup> Vale retomar a nota de rodapé número 1, devido às normas para citação a referência remete aos organizadores, embora o texto citado, neste caso, seja de autoria de Birman.

*consciência, foram as formas pelas quais o sujeito insiste em afirmar o seu desejo contra a pulsão de morte que o habita. Dos sonhos aos chistes, passando pelos lapsos, atos falhos e sintomas, é sempre o desejo o que se contrapõe à morte como afirmação infalível que é do sujeito. (KUPERMANN e SLAVUTZKY, 2005, p. 95)*

O fato de o humor criar novas modalidades para a obtenção de prazer o aproxima da sublimação. Este é o mote da proposta de Kupermann em "Ousar rir" (2003): "O objetivo dos chistes, do cômico e do humor seria então, em última instância, o de restabelecer esse prazer, ou seja, resgatar a euforia e a felicidade em viver própria ao infantil" (KUPERMANN, 2003, p. 45). O autor sustenta que no humor o indivíduo estabelecerá novas relações com os elementos da realidade, alterando-os de acordo com sua singularidade pulsional e desejante. Isto torna o paradigma humorístico próximo ao sublimatório, no qual também o sujeito busca alterar seu meio visando constituir objetos mais condizentes com seu desejo.

Ao retomar o texto "Escritores criativos e devaneio" (1996e) de Freud, Kupermann (2003) assinala que este reordenamento dos elementos da própria realidade, tal como a criança ao brincar, difere de um processo psicopatológico. O humor e sublimação seriam processos, à semelhança do lúdico em que para o autor encontrar-se-ia criativamente novos meios de satisfação pulsional: "O humor adulto teria assim, do mesmo modo que a criação literária, suas fontes na brincadeira infantil; mas, mais do que isso, o humor seria a própria atualização do brincar (...)" (KUPERMANN, 2003, p. 93).

Considerando o argumento de Kupermann, a observação freudiana de que "(...) a rejeição das reivindicações da realidade e a efetivação do princípio do prazer - aproximam o humor dos processos regressivos ou reativos que tão amplamente atraem nossa atenção na psicopatologia". (FREUD, 1996k, p. 166) é compreensível pela ligação que os processos psicopatológicos também teriam com o infantil, à semelhança do humor. Desta forma, o sujeito não abstrai a realidade pelo humor, pelo contrário, estabelece uma relação entre seu desejo e o real.

É preciso salientar que o chiste apresenta-se como um processo social e, portanto, vinculado à alteridade. Kupermann (2003) ressalta que

isto decorreria, essencialmente de três fatores: a transgressão advinda do chiste; o efeito de ricochete subjacente ao riso; e, por fim, a procura de repetir o prazer obtido quando se ouviu pela primeira vez a piada. Além disso, como o trecho de Ferenczi (1991) citado anteriormente explicita, o chiste tendencioso ainda remeteria claramente a três figuras: quem conta, quem ouve, e quem está ausente e é o alvo das intenções do chiste. O exemplo a seguir talvez facilite a compreensão destes aspectos:

*Eis uma anedota americana: 'Dois homens de negócio, não particularmente escrupulosos, conseguiram, por meio de uma série de empreendimentos de alto risco, acumular grande fortuna, e faziam agora sérios esforços para introduzir-se na boa sociedade. Um método, que impressionou-os como de provável êxito, era ter seus retratos pintados pelo mais famoso e mais bem pago artista da cidade, cujos quadros gozavam de alta reputação. As preciosas telas foram exibidas pela primeira vez em um grande sarau e os próprios anfitriões conduziram o crítico e connoisseur de arte mais influente até a parede de onde pendiam os retratos lado a lado, para desfrutar o seu admirado julgamento a respeito. Após estudar os trabalhos por longos instantes, o crítico balançou a cabeça como se algo estivesse faltando e indicando o espaço vazio entre os quadros, perguntou calmamente: "Mas onde está o Salvador?"' (...)*

*O sentido deste comentário é claro. Tratamos ainda uma vez da questão de representar alguma coisa, que não pode ser expressa diretamente. Como ocorre esta 'representação indireta'? Partindo da representação dada no chiste, reconstituímos o trajeto inverso através de uma série de associações e inferências facilmente estabelecíveis.*

*Podemos adivinhar pela pergunta 'Onde está o Salvador? Onde a imagem do Salvador?' que a visão dos dois quadros recordou ao locutor uma visão semelhante, familiar a ele, que incluía entretanto um elemento ora omitido - a figura do Salvador entre duas outras. Há apenas uma situação desse tipo: Cristo crucificado entre dois ladrões. O chiste confere proeminência ao elemento omitido. (FREUD, 1996d, p.77-78)*

A transgressão efetuada pelo crítico ao salientar a origem duvidosa dos anfitriões é, em certa medida, autorizada ao ser contada a piada. O ataque agressivo à figura "do homem corrupto" subjaz ao comentário do crítico, sem que este precise necessariamente a explicitar. Ao ser contada a

piada para outra pessoa, tal transgressão das normas que pautam o convívio social em nome da indignação frente à corrupção é viabilizada, novamente, por meio do chiste. É possível pensar que opera neste processo o gozo fálico proposto por Fink (1998), pelo qual é preciso submeter-se às limitações, aos interditos à plena satisfação pulsional, para se obter algum prazer. A anuência do espectador permite que se burle as regras, sem que isto constitua motivo para represálias superegóicas, pois naquele momento é autorizada à transgressão junto ao ouvinte do chiste.

Isto talvez decorra da piada permitir aludir a um elemento ausente, no caso do exemplo citado acima, ou compartilhado. Afinal, outro aspecto importante do chiste é o fato das piadas não terem tal efeito universalmente ou em qualquer grupo. O recurso a um campo compartilhado, a um universo de representações comum inconscientemente, é o que viabiliza a piada ser bem sucedida em sua economia com a despesa do recalque dirigido aos representantes censurados envolvidos no chiste. Quem ouve e quem conta ri pela expressão dos mesmos elementos inconscientemente viáveis pela piada.

O efeito de ricochete, por sua vez, remete ao Outro, como aponta Lacan (1999) no "Seminário 5: As formações do inconsciente" ao abordar o tema. Isto porque o *infans* aprenderia junto das primeiras palavras a demandar do Outro o que precisasse.

*Vejam bem. As coisas se desenrolam em dois planos, o da intenção, por mais confusa que a suponham, do jovem sujeito enquanto dirige seu chamado, e o do significante, também por mais desordenado que possam supor seu uso, na medida em que ele é mobilizado nesse esforço, nesse chamado. (LACAN, 1999, p. 94)*

Neste sentido, a criança paulatinamente apreende que depende deste Outro para obter prazer. O chiste pelo efeito de ricochete restitui esta demanda dirigida ao Outro, que segundo Lacan (1999) permite que se ria ao constatar o riso alheio, como a criança sente prazer ao ser atendida em seu chamado. A retomada desta antiga satisfação pulsional, referida por Lacan (1999) remete diretamente ao corpo, ao movimento muscular

mobilizado durante os primeiros momentos de articulação entre representação e pulsão, ao se lograr a captura da pulsão pelo representante, permitindo seu encaminhamento pelo psiquismo. Pode-se pensar que o gozo do Outro, como propõe Fink (1998), é o operante neste ricochete, em que escapa a energia afetiva pela economia com a despesa da inibição, do contra-investimento atuante no recalque. Novamente, se goza pelo Outro, pelos efeitos operados neste pelo chamado (comparando ao bebê citado por Lacan), agora traduzido em chiste.

Ao longo deste percurso o sujeito repetiria o prazer obtido pela primeira vez em que ouviu a piada. Disso adviria o impulso quase incontrolável citado por Freud (1996d) de se transmitir o chiste. Kupermann (2003) resgata este aspecto e propõe que o humor viabilizaria, assim como a sublimação, a possibilidade de um laço social entusiasmado, e não idealizado. O humor, assim como a sublimação, permitiria um contato entre as pessoas pautado pela criação de novos objetos para a satisfação pulsional e não pela idealização.

A pressão incessante da pulsão de morte a exigir trabalho tornaria premente ao sujeito lidar com seu desamparo, com o fato de ter de aceitar não ser possível alcançar a plena satisfação pulsional. Deste modo, as metas do ego ideal precisam ceder ao princípio de realidade. Segundo Kupermann (2003), o ideal de ego operaria o processo de criação de novos objetos, capazes de ajudar o sujeito a lidar com seu desamparo ao apontar quais seriam os melhores meios para a criação sublimatória.

O autor salienta o quanto as diversas modalidades de humor (chiste, cômico e humor) reinventam a realidade ao se ligarem ao brincar infantil, tal como conceituado por Freud em "Escritores criativos e devaneio" (1996e). Desta forma, tornam-se viáveis novas possibilidades de interação social. A condição desejante, bem com a singularidade do sujeito são assegurados, constituindo um laço social que respeita as diferenças e não estimula a homogeneização, já que depende da própria experiência e desejo a construção de novas perspectivas ou objetos sublimatórios. Segundo Kupermann (2003), o indivíduo por meio do humor não buscaria alcançar as metas onipotentes do ego ideal (como aconteceria nos processos idealizadores citados por Freud (1996g) em "Totem e tabu"), mas sim criar

novos objetos, desejados na medida em que são eficazes na construção de circuitos pulsionais singulares aptos no enlace e processamento da pulsão.

Como apontado no capítulo referente à sublimação, é preciso cuidado em tais considerações, pois os mecanismos idealizadores operariam simultaneamente aos sublimatórios, ainda que um ou outro prevaleça, e no humor não seria diferente. Cabe enfatizar que para Kupermann (2003) o que tornaria o superego "paternal" no humor é a diferenciação entre ideal de ego e superego. Segundo o autor, na atitude humorística o ideal de ego operaria, e não o superego, mostrando ao ego o mundo e apontando-lhe o quanto suas preocupações são demasiadas. Entretanto, novamente, vale salientar que o ego remete-se ao superego e ao id, e nisto, busca atender a ambos. Assim, ainda que o processo humorístico seja engendrado pelo ideal de ego isto não anularia os mandatos superegóicos. Afinal, o ideal de ego aponta caminhos, mas quem os executa é o ego.

Nota-se que a tentativa de distinguir humor, chiste e cômico redundava em diversas intersecções, não sendo possível diferenciá-los rigidamente. O presente trabalho adotou genericamente o processo humorístico como foco, pois este subjaz em alguma medida a todos os demais, pois nos três é comum que existam alterações quanto a atitude humorística proposta por Freud (1996k), porém a distinção entre estes também é pertinente para a análise mais detalhada das peças publicitárias. Portanto, cabe a seguinte denominação, ainda que provisoriamente: humor chiste; humor cômico; e humor (ao qual refere-se ao processo baseado na atitude humorística (*strito sensu*)).

## Capítulo IV –Humor e Propaganda

*Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado com frente para Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita, que tem ordem para as vender. (RAMOS, 1985, p. 9)*

O anúncio acima é o primeiro publicado no Brasil, a partir da fundação da imprensa brasileira, há cerca de 200 anos. A publicidade, então, consistia na descrição de produtos ou anúncio de serviços de modo pouco preciso, como percebe-se no trecho citado. Ramos, ao descrever a trajetória da publicidade no país, ainda afirma: “a linguagem desses anúncios ecoava os velhos pregões. O ‘quem quiser’ está muito próximo do ‘quem quer comprar’” (RAMOS, 1985, p.9). É comum o emprego de termos inespecíficos como “há quem precise” ou “há quem deseje vender”, pois a mercadoria resumia-se ao objeto anunciado, porém sem necessidade de maior precisão no discurso. Os anúncios apresentavam-se como comunicados, sem intenção de persuasão, centrando-se em enumerar as qualidades dos objetos, até pelo menos a primeira metade do século XIX.

O surgimento do *agenciador de anúncios*, cuja função era servir de intermediário entre os anunciantes e a imprensa. E, posteriormente, o advento das primeiras agências publicitárias em São Paulo (ARRUDA, 2004) mudou este panorama radicalmente. Segundo Arruda, em sua análise da publicidade no capitalismo nacional, a propaganda passa ao longo dos anos de 1920 a apresentar textos, de cunho poético até a listagem objetiva das qualidades da mercadoria, visando explicitamente persuadir o consumidor.

O posterior advento de revistas no mercado editorial brasileiro, como “O Cruzeiro”, passa a veicular imagens ilustrativas do produto, ao mesmo tempo existindo o incremento da rádio no país, instituindo-se como veículo de comunicação de massa (ARRUDA, 2004). Inicia-se a veiculação de caricaturas, bem como de imagens coloridas, nos meios impressos, enquanto que nas rádios emergem os *gingles* e principalmente os *slogans*.

Sendo que partir de 1950, com a entrada da publicidade com maior força na televisão, emerge uma figura emblemática: “a garota propaganda”

cuja apresentação dos produtos mantinha um caráter descritivo, mas agora visual e também tátil ao acariciá-los em frente do espectador (RAMOS, 1985). Os primeiros programas da televisão, assim como os de rádio, eram produzidos e veiculados pelo anunciante. Apenas em 1970 a produção da programação é assumida pelas emissoras (RAMOS; MARCONDES, 1995).

Arruda (ARRUDA, 2004), enfatiza que é por meio da consolidação do capitalismo monopolista no Brasil que a publicidade é impulsionada. Se antigamente não fazia diferença termos inespecíficos em relação aos produtos anunciados, gradualmente isto se altera até tornar-se uma exigência de mercado a clara definição do que e para quem se anuncia. O que tem seu ápice com a concorrência e a disputa pelo consumidor entre as empresas, as agências de propaganda e a mídia, moldando, então, uma nova categoria profissional, o publicitário:

*(...) as mensagens centradas em apelos indiretos pressupõem a existência de profissionais capacitados a realizá-las, isto é, 'conhecedores' das aspirações sociais, detentores de técnicas sofisticadas de pesquisa, manipuladores de técnicas de veiculação, criadores de design e layout, sem cujo domínio certamente não se atingirão os objetivos desejados: o enredamento do consumidor. Tudo isso envolve uma complexidade crescente das empresas de publicidade. (ARRUDA, 2004, p. 157).*

Entre estes recursos e técnicas mais complexos utilizados atualmente na área destaca-se o humor, como aponta Neves: "O humor na propaganda é considerado uma estratégia para conquistar o consumidor, mas também pode trazer resultados nem sempre satisfatórios. Mesmo correndo esse risco, por que tantos anunciantes o empregam em seus comerciais?" (NEVES, 2004, p. 163). Esta é, inclusive, uma das questões do presente trabalho. Qual seria, afinal, o papel do humor na propaganda? Por que o humor tornou-se um meio tão interessante à publicidade? O que este fato revela da sociedade e sujeito contemporâneos? Por fim, uma observação é necessária. Para os objetivos da presente pesquisa a diferenciação entre publicidade e propaganda seguirá a regulamentação concordada no "Normas Padrão da Atividade Publicitária" do Conselho Executivo de Normas

Padrão (1998), cuja diretriz adota os termos como sinônimos, portanto, não os discriminando.

## Capítulo V – Psicanálise e Contemporaneidade

O tema “contemporaneidade” exige a reflexão crítica acerca dos processos envolvidos na modernidade/pós-modernidade. Neste sentido, oito autores nortearão este processo: Freud (1996k); Roudinesco (2000, 2003); Giddens (1991); Lipovetsky (1983, 2004); Bauman (1997, 2004, 2007); Kehl (2005, 2008, 2009); Poster (1979) e Therborn (2006). Freud (1996k) ao escrever sobre a sociedade de sua época em “O mal estar na civilização” (1996k) oferece uma possibilidade para se pensar os impasses suscitados pela modernidade. Este trabalho já foi discutido no item “sublimação e idealização” do capítulo referente ao referencial freudiano e neste ponto do presente trabalho, portanto, a obra será retomada sucintamente.

É importante salientar de o “Mal estar na civilização” que Freud descreve o funcionamento da sociedade moderna, a qual impõe limites ao pleno gozo do sujeito. Do contrário, retomando “Totem e tabu”, outro texto freudiano (FREUD, 1996g) já discutido anteriormente (também referido no item “sulimação e idealização” do capítulo sobre o referencial freudiano e neste ponto retomado brevemente) é provável que o mais forte entre os membros do grupo assuma o controle deste, de forma totalitária e onipotente. Visando evitar tal possibilidade e constituir laço social, restaria ao indivíduo lidar com as regras impostas a sua plena satisfação pulsional. O Estado moderno, ao qual refere-se o “Mal estar na civilização”, representa a constituição de uma sociedade pautada pelo normatização da experiência individual, principalmente sob a égide do patriarcado, como destaca Roudinesco (2003) em “A família em desordem”.

O trajeto da família pela modernidade, reconstituído por Roudinesco (2003), explicita a transição de uma civilização cujos códigos calcavam-se no domínio do feminino pelo masculino (ou seja, pelo patriarcalismo), a uma sociedade em que isto se diluiu: “Baseada durante séculos na soberania divina do pai, a família ocidental foi desafiada, no século XVIII, pela irrupção do feminino.” (ROUDINESCO, 2003, p. 11).

O advento das cidades e, posteriormente, a transição de uma sociedade camponesa para uma sociedade industrial é o primeiro momento de ameaça a soberania do discurso medieval, pelo qual à mulher caberia

obediência ao homem. Isto por que, se delineia um espaço privado, sob controle da mulher, a saber, a casa. Ao assinalar os modelos de estrutura da família ao longo da história, Pôster (1979) comenta que o preponderante na "família camponesa" era o papel da comunidade na normatização das atividades, o que altera-se paulatinamente com a organização da "família burguesa". Esta, segundo o autor, delimita espaços privativos, valorizando a individualidade e a privacidade. Pôster assinala que isto é algo inédito, pois mesmo na "família aristocrática" a privacidade não era um valor essencial, os aposentos reais, aliás, sendo facilmente acessíveis à corte, bem como próximos às vias públicas do castelo, inviabilizavam a privacidade.

A "família burguesa", pelo contrário, exige o respeito à propriedade privada e à singularidade. O que remete, segundo Pôster, a uma maior autonomia dos sujeitos, apesar de ainda submetidos à moral religiosa (predominantemente cristã). Neste sentido, se diferenciam os papéis masculinos e femininos, cabendo ao homem sustentar a família e à mulher os cuidados dos filhos e da casa. O que resulta em uma profunda diferença entre a circulação social de homens e mulheres, pois a eles era liberado o acesso ao que lhes interessasse socialmente e às mulheres restava o âmbito privado, familiar, ser "dona de casa".

É a esta situação que Roudinesco (2003) refere-se ao comentar de uma primeira irrupção do feminino, posto que a soberania patriarcal (já corrente nas comunidades camponesas) é atacada pela maior autonomia das mulheres, agora responsáveis por alguma coisa individualmente, o que implica em uma maior liberdade em relação ao que existia antes. Entretanto, a nova ordem familiar logrou evitar uma maior independência feminina:

*(...) Foi então que se transformou, com o advento da burguesia, em uma célula biológica que concedia lugar central à maternidade. A nova ordem familiar conseguiu represar a ameaça que esta irrupção do feminino representava à custa do questionamento do antigo poder patriarcal. A partir do declínio deste (...) esboçou-se um processo de emancipação que permitiu às mulheres afirmar sua diferença, às crianças serem olhadas como sujeitos e aos "invertidos" [homossexuais] se normalizarem. Esse movimento gerou uma angústia e uma desordem específicas,*

*ligadas ao terror da abolição da diferença entre os sexos, com a perspectiva de uma dissolução da família no fim do caminho.*

*Nessas condições será o pai condenado a não ser mais que uma função simbólica [tal como Lacan denomina "função paterna", responsável pelo interdito ao pleno gozo]? Deve ele, ao contrário, se transformar em educador benevolente, como desejavam os modernistas? Se o pai não é mais o pai, se as mulheres dominam inteiramente a procriação e se os homossexuais têm o poder de assumir um lugar no processo de filiação, se a liberdade sexual é ao mesmo tempo ilimitada e codificada, transgressiva e normalizada, pode-se dizer por isso que a existência da família está ameaçada? Estaremos assistindo ao nascimento de uma onipotência do "materno" que viria definitivamente aniquilar o antigo poder do masculino e do "paterno" em benefício de uma sociedade comunitarista ameaçada por dois grandes espectros: o do culto à si próprio e a clonagem?*

*Eis as questões levantadas neste livro. (ROUDINESCO, 2003, p. 11-12)*

As últimas questões apontadas pela autora não são o escopo do presente trabalho, contudo, ao explicitar as inquietações quanto ao futuro da família, Roudinesco apresenta questionamentos que de diferentes maneiras incidem sobre os sujeitos na contemporaneidade. Neste sentido, é marcante: a revolução feminista e em seu bojo o movimento organizado dos homossexuais (pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente ao substituir a mão de obra masculina durante a primeira e segunda guerras mundiais; bem como por meio da pílula anticoncepcional, ao desvincular sexo e reprodução; e, ainda, pela revogação de leis que criminalizavam a homossexualidade, com a aprovação de outras que criminalizam a homofobia); o movimento de maio de 1968, na França, pelos protestos a favor da liberalização dos costumes; assim como o movimento de contracultura *hippie*, que criticava a sociedade de consumo e o belicismo.

Tais fatos e acontecimentos são indicativos das mudanças sociais subjacentes ao questionamento do patriarcalismo, pela reivindicação por maior liberdade e reformulação das normas então vigentes, no caso, pautadas pelo patriarcado. Emerge, assim, a questão de como se configuram estas mudanças, tão drásticas, na sociedade e como isto incide

sobre o indivíduo na atualidade. A partir da sociologia, Giddens (1991) é um dos autores a elaborar uma interessante reflexão acerca destas relações estabelecidas na atualidade. Em "Conseqüências da modernidade" o autor reflete sobre o tema, e começa por questionar a própria terminologia: seria mais adequado definir a contemporaneidade como modernidade ou pós-modernidade? Segundo o autor:

*Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é "pós-moderna"; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de "pós-modernidade". (GIDDENS, 1991, p. 9)*

O que significaria, então, modernidade? Giddens destaca que o processo de modernização parte da Europa, estando inicialmente circunscrito ao ocidente. Contudo, na contemporaneidade o processo envolve todo o globo:

*Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos — um diminuto período de tempo histórico — foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento*

*de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las. (GIDDENS, 1991, p. 10-11)*

Entre as alterações salientadas pelo autor destaca-se a do *espaço vazio*, a qual advém da separação entre espaço e tempo a partir, por sua vez, da separação entre espaço e lugar. O lugar se caracteriza pela relação com o ambiente físico, e coincidia com o espaço nas sociedades pré-modernas (da antiguidade ao período medieval e renascentista). Todavia, a uniformização da unidade de tempo ao redor do planeta desvinculou espaço e localização:

*O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS, 1991, p. 22)*

Isto gera, segundo Giddens, um *desencaixe*, pois as instituições dilatam as relações que estabelecem com as pessoas ao desvincular suas práticas da presença, de sua localização física em um dado momento circunscrito. Torna-se possível a coordenação de atividades e acontecimentos ainda que entre locais distantes física e temporalmente. Na atualidade, por exemplo, é possível reservar um livro na biblioteca em um feriado, enquanto que antigamente seria preciso esperar o dia útil para isso.

O *desencaixe* proposto pelo autor se apresenta tipicamente sob duas formas: *fichas simbólicas* (no que se destaca o dinheiro, por viabilizar uma circulação social independentemente das especificidades pessoais) e *sistemas peritos* (especializados e organizadores das experiências humanas, principalmente por meio de certas figuras, tais como: advogados, arquitetos, psicólogos, etc). Ambos dependeriam da confiança em sua eficácia, demonstrando o quanto as instituições contemporâneas dependem

de sua credibilidade frente ao sujeito. O planejamento e funcionamento adequado dos dispositivos institucionais, *desencaixados espaço-temporalmente*, dependem largamente de serem confiáveis. Retomando o exemplo da biblioteca, caso não se confie no sistema este é substituído por outro, por sua vez, confiável, ainda neste caso, outra biblioteca poderia ser consultada.

A coordenação das atividades humanas, portanto, depende da articulação, não pautada pelo espaço físico, entre diversos elementos dispersos temporalmente e espacialmente, daí a noção de *espaço vazio*. Cabe ainda salientar que a ausência de confiança na instituição praticamente inviabiliza o trabalho, pois as pessoas ficam soltas, perdidas, sem referências das quais partir em suas ações.

As *fichas simbólicas* e os *sistemas peritos* visam, assim, assegurar a confiabilidade das pessoas ao longo do tempo-espaço descontínuo da contemporaneidade, em que acontecimentos futuros e em certa medida incertos determinarão a questão em foco hoje, em seu presente. Exemplos do funcionamento das *fichas simbólicas* e *sistemas peritos* podem ser encontrados nos investimentos financeiros em longo prazo, ou ainda na ênfase em um diagnóstico especializado, como garantia da qualidade de um serviço ou atendimento (os "ISOS" ou certificados de qualidade também partem desta lógica).

Disso emerge outro aspecto marcante da modernidade, o qual Giddens atribui ao aumento do risco diante do *desencaixe* promovido pela desarticulação *espaço-tempo*. Segundo o autor, a ênfase na confiança é requerida pela incerteza advinda deste contexto, cujos eventos encadeiam-se fragmentariamente, tornando premente a confiança nos *peritos* e *fichas simbólicas* como meio de auferir alguma garantia de futuro, e organizar as práticas humanas no presente.

Outro elemento corrente na modernidade é a *reflexividade*, abordada pelo autor como sendo a capacidade de cada ser humano de refletir sobre a própria atividade, acerca das bases sobre as quais se produz alguma coisa. Na modernidade as ações são planejadas desvinculadamente da tradição, tornando a reflexão quanto a estas constante:

*(...) A rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o passado, exceto na medida em que o que "foi feito antes" por acaso coincide com o que pode ser defendido de uma maneira proba à luz do conhecimento renovado. Não se sanciona uma prática por ela ser tradicional; a tradição pode ser justificada, mas apenas à luz do conhecimento, o qual, por sua vez, não é autenticado pela tradição. Combinado com a inércia do hábito, isto significa que, mesmo na mais modernizada das sociedades, a tradição continua a desempenhar um papel. Mas este papel é geralmente muito menos significativo do que supõem os autores que enfocam a atenção na integração da tradição com a modernidade no mundo contemporâneo. Pois a tradição justificada é tradição falsificada e recebe sua identidade apenas da reflexividade do moderno.*

*A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) Em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana, inclusive à intervenção tecnológica no mundo material. Diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, mas talvez isto não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada — que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão. (GIDDENS, 1991, p. 39)*

Esta perspectiva racionalizante substitui os dogmas e certezas anteriores, da tradição, mas resvala em outros dogmas pretensamente capazes de garantir a verdade. Deste modo, o discurso do *perito* ganha força, na tentativa de assegurar alguma garantia de verdade, de que tal ou qual prática é a melhor etc. Por todas estas características, Giddens (1991) não considera ter havido uma alteração social suficiente para justificar o termo pós-moderno. O autor parte da noção de que atualmente existe a radicalização das características da modernidade. Afinal, a liberdade e a individualização promovidos pela modernidade continuariam sendo o mote da civilização (mais precisamente no ocidente).

Por sua vez, ao apresentar sua compreensão a respeito da contemporaneidade em "A era do vazio", partindo da filosofia, Lipovetsky

(1983) aproxima-se em muitos momentos das concepções de Giddens (1991), mas defende o emprego do termo pós-modernidade. A atualidade é concebida por Lipovetsky (1983) como um momento pós-disciplinar, em que o cumprimento das regras não é mais imposto pela tradição, Estado ou outras instituições, mas sim por meio da *sedução*. Tais alterações justificariam, para ele, a substituição do termo modernidade por pós-modernidade. Como Charles (LIPOVESTKY, 2004)<sup>7</sup> assinala:

*Afora o desenvolvimento da autonomia que ela alicerça, a moda desempenhou igualmente papel fundamental no momento de inflexão da modernidade num sentido pós-moderno. Isso porque é com a extensão da lógica da moda ao conjunto do corpo social (quando a sociedade inteira se reestrutura segundo a lógica da sedução, da renovação permanente e da diferenciação marginal) que emerge o mundo pós-moderno. É a era da moda extrema, em que a sociedade burocrática e democrática se submete aos três componentes essenciais (efêmero, sedução, diferenciação marginal) da forma-moda e se apresenta como sociedade superficial e frívola, que impõe a normatividade não mais pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade. (LIPOVETSKY, 2004, p. 19)*

Destaca-se, neste sentido, uma lógica da *moda*, a qual contempla todos os âmbitos da vida dos sujeitos, pela incitação ao consumo em larga escala:

*(...) A vida sem imperativo categórico, a vida kit modulada em função das motivações individuais, a vida flexível da época das combinações, das opções, das fórmulas independentes tornadas possíveis por uma oferta infinita — é assim que opera a sedução. Sedução no sentido em que o processo de personalização reduz os quadros rígidos e coercivos, funciona suavemente jogando a cartada da pessoa*

---

<sup>7</sup> Trata-se de ensaios organizados por Lipovetsky acerca da contemporaneidade, cujos autores são ele próprio e Sébastien Charles. Em virtude das normas para citação a referência remete ao organizador, e não ao autor do ensaio, que neste caso é Charles.

*individual, do seu bem-estar, da sua liberdade, do seu interesse próprio.* (LIPOVETSKY, 1983, p. 19)

Lipovetsky ainda destaca que o humor na publicidade revelaria ainda mais tacitamente a tentativa de seduzir o consumidor, mas não exatamente o doutrinar:

*Certamente, o spot publicitário não é nihilista, não cai na incoerência verbal e no irracional absoluto, sendo as suas declarações controladas pela vontade de pôr em evidência o valor positivo do produto. Tal é o limite do nonsense publicitário: nem tudo é permitido, a extravagância deve acabar por servir para realçar a imagem do produto. Mas mesmo assim a publicidade pode levar muito longe a lógica do absurdo, o jogo do sentido e do não-sentido, e isto num espaço em que, sem dúvida, a parada é a inscrição da marca, mas que — e é este o ponto essencial — de fato não se atribui os meios necessários para garantir a sua própria credibilidade. Eis o paradoxo: a publicidade, que é estigmatizada por todos os quadrantes como instrumento de doutrinação, de matraqueamento ideológico, não se atribui os meios necessários a esse inculcar de doutrina.* (LIPOVETSKY, 1983, p. 137-138)

A publicidade, segundo o autor, vincularia mensagens humorísticas como um meio sedutor, mas não disciplinador, cujo objetivo é incitar o indivíduo a consumir. O humor para Lipovetsky presta-se, na atualidade, a lubrificação dos meios sociais e não a contestação ou transformação destes. Isto, segundo ele, é o que justifica seu emprego pela publicidade. Emergiria na pós-modernidade um sujeito *cool* (termo empregado por Lipovetsky), o qual refuta estabelecer compromissos e exige a satisfação imediata do próprio prazer. O autor chega a denominar tal sujeito como *Narciso*, pois suas preocupações seriam auto-centradas e superficializantes.

Em uma sociedade cujo consumismo é acentuado o controle social exerce-ia-se pela vasta gama de possibilidades oferecidas às pessoas, criando uma *personalização* do meio social. Na lógica da *sedução* o importante é instigar o consumo de novos objetos, os que estão na *moda*, a

partir dos gostos *personalizados* de cada um e não por meio da coerção ou da disciplina, o que para Lipovetsky justifica denominar o momento presente de pós-moderno, e não mais moderno. Quanto a isso Charles (LIPOVESTKY, 2004) ressalta que:

*Com a difusão da lógica da moda pelo corpo social inteiro, entramos na era pós-moderna, momento muito preciso que vê ampliar-se a esfera da autonomia subjetiva, multiplicarem-se as diferenças individuais, esvaziarem-se de sua substância transcendente os princípios sociais reguladores e dissolver-se a unicidade das opiniões e dos modos de vida. Donde, especialmente em A era do vazio, esta insistência no conceito central de personalização, a fim de entender uma notável mudança de rumo na dinâmica do individualismo nascido na modernidade. Ao permitir uma libertação dos indivíduos em face do mundo a que pertencem, uma autonomização que permitiu a cada um não mais seguir um caminho preestabelecido pela tradição e assumir uma liberdade de ação cada vez mais acentuada, a pós-modernidade possibilitou realizar aqueles ideais das Luzes que a modernidade anunciara em termos meramente legalísticos, sem ter-lhes dado força real. (LIPOVETSKY, 2004, p. 19-20)*

A ênfase no individualismo em detrimento da tradição embora subjacente ao projeto moderno não foi por este efetivada, segundo Charles (LIPOVESTKY, 2004) devido ao papel exercido pelo Estado. Este substituiu o controle dos antigos mecanismos tradicionais (correntes durante o período pré-moderno, por exemplo, por meio da religião ou da comunidade da época Medieval) e exerceu influência decisiva no sentido da continuidade da normatização do indivíduo. Cabe retomar, neste ponto, as propostas de Giddens, ao comentar sobre o que considera o aprofundamento do processo da modernidade. O autor ressalta que justamente por tal esfacelamento da normatização disciplinar pautada pelas instituições, e pela vivência cada vez mais descontínua entre espaço-tempo (do que emergem *espaços vazios*), desenha-se a figura do *perito* e das *figuras simbólicas* como meios de assegurar algum referencial *confiável* diante de experiências cada vez mais fragmentadas ou em rápida transformação.

Este campo de incertezas é, segundo Charles (LIPOVESTKY, 2004), paradoxal, tornando a pós-modernidade um fenômeno duplo. Por um lado valorizar-se-ia a independência do indivíduo e por outro sua autonomia:

*(...) O importante é entender bem que é a própria lógica do individualismo e da desagregação das estruturas tradicionais de normatização o que produz fenômenos tão opostos quanto o autocontrole e a abulia, o superempenho prometício e a total falta de vontade. De um lado, mais tomada de responsabilidade; de outro mais desregramento. A essência do individualismo é mesmo o paradoxo. (LIPOVETSKY, 2004, p. 21)*

Aumenta a pressão sobre cada um para que recuse ou assuma determinados compromissos. Se por um lado a autonomia viabiliza o estabelecimento mais livre dos objetivos a serem buscados por si mesmo, por outro, amplia a vivência de maior independência frente ao coletivo, incrementando o desregramento, o desgarramento, ante a projetos grupais ou que dependam de certa aliança com outras pessoas, as quais, devido a tal independência, estão também mais voltadas para projetos pessoais em detrimento dos coletivos. Essa é, assim, a dinâmica paradoxal do individualismo pós-moderno segundo Charles e Lipovetsky (LIPOVETSKY, 2004), a qual enfraquece as ideologias, as metas sociais e coletivas de longo prazo, ao mesmo tempo em que (daí o paradoxo) leva a um número gradualmente maior de pessoas a engajarem-se e responsabilizarem-se pessoalmente por aquilo que julgam importante, o que eventualmente, mas não necessariamente, pode ser algum projeto coletivo.

Anos depois da publicação de "A era do vazio", Lipovetsky apresenta certas modificações no modo como entende estas questões na contemporaneidade. Sendo este o principal foco das propostas de "Os tempos hipermodernos" (2004) em que o autor argumenta que a civilização teria entrando em um processo ainda mais acirrado de pós-modernidade em virtude da maior pressão sobre os indivíduos:

(...) *Eleva-se uma segunda modernidade, desregulamentadora e globalizada, sem contrários, absolutamente moderna, alicerçando-se essencialmente em três axiomas constitutivos da própria modernidade anterior: o mercado, a eficiência técnica, o indivíduo. Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada.* (LIPOVETSKY, 2004, p. 54)

Os tempos atuais seriam hipermodernos pela aceleração das mudanças, devido tanto à globalização (que multiplica o volume das trocas comerciais e o consumo de massa) quanto às novas tecnologias (como a *internet* e o celular). Para Lipovetsky, o ritmo da sociedade, assim, torna-se frenético. Incrementa-se a pressão para que o sujeito efetue escolhas, bem como se adapte a um mercado de trabalho cujas taxas de desemprego e cobrança por eficiência técnica são exacerbados: "(...) instalou-se um novo clima social e cultural, a cada dia distanciando-se um pouco mais da tranquilidade descontraída dos anos pós-modernos." (LIPOVETSKY, 2004, p. 71). O individualismo pós-moderno do sujeito *cool* é, deste modo, progressivamente substituído pela tensão e nervosismo:

(...) *Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo* (LIPOVETSKY, 2004, p. 83)

Nota-se que o *desencaixe* assinalado por Giddens (1991) resulta em um *espaço vazio*, em uma sociedade na qual, a partir do que sustenta Lipovetsky, a confiança nas *fichas simbólicas* e nos *peritos* mostra-se insuficiente para aplacar as incertezas deixadas pela queda da tradição, das ideologias coletivas e totalizadoras. Na tentativa de restaurar a confiabilidade destes dispositivos aumentar-se-ia a pressão sobre os indivíduos por eficiência técnica e escolhas bem sucedidas, como ressalta Lipovetsky. Tal autor ainda demonstra o quanto este processo deixa de ser

considerado como emancipador do sujeito, em um sistema pós-disciplinar pós-moderno, para tornar-se um novo problema.

As opções, a mobilidade do sujeito *cool*, a sedução pela *moda*, os diagnósticos proferidos por *peritos* e as *fichas simbólicas*, exigem do indivíduo maior responsabilização por seus atos, mas não oferecem referenciais estáveis o bastante para organizarem a experiência humana fragmentada e sob pressão na contemporaneidade. Ao contrário, o individualismo paradoxal pós-moderno potencializa a angústia, pois concomitantemente aponta para a *autonomia* e para a *independência*, os quais, respectivamente, tanto permitem escolhas mais autênticas e condizentes com o próprio desejo, quanto estimulam o desregramento e não incentivam o engajamento em projetos coletivos. A este estado de coisas, também a partir da sociologia, Bauman (2004) designa *modernidade líquida*, posto que a fugacidade das vivências impediria sua maior solidez e permanência.

*(...) O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era uma questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. (BAUMAN, 1997, p. 30)*

O trecho citado é de “O mal estar na pós-modernidade”, no qual Bauman (1997) apresenta que na pós-modernidade os sujeitos de *desencaixados* (como propõe Giddens) passam a *navegantes* (termo de Bauman, 1997). De uma população predominantemente de produtores (na sociedade moderna, segundo o autor, era valorizado o resultado, o produto do trabalho obtido), foi-se para uma pautada por uma lógica pós-disciplinar, cujo imperativo é o consumo (não necessariamente vinculado ao trabalho, mas sim ao dinheiro e ao poder de compra):

*De um modo geral, porém, era verdade, através da maior parte da história moderna, a notória aceleração moderna de mudança. As "estruturas" (das comunidades concretas até as moedas correntes [como também aponta Giddens]) pareciam dotadas de suficiente elasticidade e solidez para resistir a todas as incursões dos esforços individuais e sobreviver a toda escolha individual, de sorte que o indivíduo podia medir forças com o conjunto de oportunidades finito e duro como uma rocha (isto é, convencido de que suas escolhas, em princípio podiam ser racionalmente calculadas e objetivamente avaliadas). Quando comparadas à extensão biologicamente limitada da vida individual, as instituições que encarnam a vida coletiva e os poderes que garantem sua autoridade parecem verdadeiramente imortais [ressalta-se, novamente, as observações de Giddens acerca da questão da confiabilidade na modernidade]. Profissões, ocupações e habilidades correlatas não envelheciam mais depressa do que os seus titulares [os chamados peritos por Giddens]. Nem o faziam os princípios do sucesso: recompensas que demorava saldavam-se afinal de contas e a caderneta de poupança sintetizava a prudência e sabedoria [ou seja, as fichas simbólicas sugeridas por Giddens eram eficazes na modernidade] (...) (BAUMAN, 1997, p. 31)*

O operador concreto das relações na pós-modernidade seriam, para Bauman, as trocas de mercadorias entre os consumidores, sob a égide da incitação sedutora ao consumo (questão também apontada por Lipovetsky e Charles):

*(...) A sociedade de consumidores não pode dispensar essa sedução mais do que a sociedade de produtores a podia dispensar, graças à vigência da regulamentação normativa. Por essa mesma razão, não pode permitir-se declarar guerra, menos ainda combater, à tendência do mercado de elevar os sonhos e desejos dos consumidores a um estado de frenesi e alçá-los às nuvens – por mais prejudicial que essa tendência possa revelar-se à forma de ordem em que se radica. (BAUMAN, 1997, p.54)*

Assim, o consumismo, segundo Bauman (1997), engendra o parâmetro para alguém ser considerado socialmente bem ou mau sucedido, valorizável ou denegrado, uma vez que os valores tradicionais não

regulariam mais a vida das pessoas, ao menos não tão marcadamente quanto antigamente. Deste contexto surgem *consumidores falhos* (termo de Bauman, 1997), aos quais é vetado consumir, seja pela condição financeira insuficiente ou por outros fatores, o que é sedutoramente anunciado como símbolo de *status*. A metáfora disso na modernidade seria, para Bauman (1997), a figura do *pária* e do *arrivista*. E, o autor assinala que isto decorreria do individualismo exponencializado da modernidade: "Sendo esse o caso, a individualidade é e deverá continuar sendo por muito tempo um *privilégio*". (BAUMAN, 2007, p. 39).

A modernidade, segundo Bauman, também denotou maior mobilidade social, porém o máximo que um sujeito desprovido de recursos financeiros pôde alcançar foi se tornar um *arrivista*, isso se conseguisse obter êxito financeiro, transitando de *pária* a uma espécie de aventureiro social. No entanto, ainda assim, o *arrivista* se manteria segregado devido a sua origem, a qual o acompanharia mesmo que tivesse enriquecido e se tornado consumidor. O autor aproxima a figura do *pária* ao do imigrante, por ambos tentarem alcançar uma vida melhor em uma nova região, mas ainda que consigam, se tornariam no máximo *arrivistas*:

*A modernidade foi, assim, a esperança do pária. Mas o pária pode deixar de ser pária somente ao se tornar – ao se esforçar para se tornar – um arrivista. E o arrivista, por nunca haver apagado a mácula de sua origem, vivia sob a constante ameaça de deportação de volta à terra de que tentou escapar.* (BAUMAN, 1997, p. 99-100)

O advento da pós-modernidade, contudo, institui outras duas figuras como metaforicamente aptas a representar a condição do sujeito: *turistas* e *vagabundos* (termos de Bauman, 1997). Se na modernidade havia a esperança do *pária* em tornar-se ao menos *arrivista*, na pós-modernidade mesmo o indivíduo que consome continua incitado a procurar ampliar seu poder de compra, sob pena de tornar-se estigmatizado como *consumidor falho*, ou seja, sujeito denegrado.

*Os turistas viajam porque querem; os vagabundos porque não tem nenhuma outra escolha. Os vagabundos, pode-se dizer, são turistas involuntários. Mais a noção de "turista involuntário" é uma contradição em termos (...)*

*Uma palavra de advertência: turistas e vagabundos são as metáforas da vida contemporânea. Uma pessoa pode ser "e freqüentemente o é" um turista ou um vagabundo sem jamais viajar fisicamente para longe (...)* (BAUMAN, 1997, p. 118)

Isto engendraria uma marcante mobilidade e instabilidade, tanto *turistas* quanto *vagabundos* precisam viajar, mover-se, buscar incessantemente algum objeto que lhes valide como ser humano. A busca desenfreada pelo novo, neste sentido, emerge como o símbolo de que se é bem sucedido, feliz:

*(...) A conformidade, antes acusada de sufocar a individualidade é proclamada o melhor amigo do indivíduo – na verdade, o único em que se pode confiar.*

*Os movimentos do mercado de consumo desafiam a lógica, mas não a da luta já inerentemente aporética pela individualidade. Uma propaganda como "seja você mesmo" – prefira a Pepsi" faz eco a essa aporia com uma franqueza muito bem-vinda pelos consumidores potenciais do produto à qual seriam gratos. A luta pela singularidade agora se tornou o principal motor da produção e do consumo de massa. Mas, para colocar o anseio por singularidade a serviço do mercado de consumo de massa "e vice-versa", uma economia de consumo também deve ser uma economia de objetos de envelhecimento rápido, obsolescência quase instantânea e veloz rotatividade. E assim, também, de excesso e desperdício. A singularidade é agora marcada e medida pela diferença entre "o novo" e "o ultrapassado", ou entre as mercadorias de hoje e as de ontem que ainda são "novas" e, portanto, estão nas prateleiras das lojas.* (BAUMAN, 2007, p. 36)

A figura do turista e do vagabundo são emblemáticas por operarem dentro desta perspectiva.

*Pode-se viver com as ambigüidades da incerteza que saturam a vida do turista só porque as certezas da vagabundagem são tão inequivocamente asquerosas e repugnantes. O turista precisa de uma alternativa cuja contemplação é pavorosa demais para se manter repetindo, nas horas de tensão, que "não há nenhuma alternativa". (BAUMAN, 1997, p. 119)*

Esta situação, como ressalta Lipovetsky, incrementaria a tensão entre as pessoas na contemporaneidade, e tornaria, segundo Bauman (1997), as relações entre os indivíduos superficiais. A incessante viagem de *turistas* e *vagabundos* resulta em "(...) relações epidérmicas, se tanto, são iniciadas com as pessoas dos lugares. Acima de tudo, não há nenhum comprometimento do futuro, nenhuma incursão em obrigações de longo prazo (...)". (BAUMAN, 1997, p. 115).

*(...) A modernidade líquida é "líquida" na medida em que também é pós-hierárquica. As ordens de superioridade/inferioridade, genuínas ou postuladas, que se presumia terem sido estruturadas sem ambigüidade pela lógica inquestionável do progresso, são desgastadas e fundidas – enquanto que as novas são fluídas e efêmeras demais para se solidificar em uma forma reconhecível e mantê-la por tempo suficiente para que seja adotada como uma referência confiável para a composição da identidade. (BAUMAN, 2007, p.44-45)*

Nota-se que, segundo Bauman e Lipovetsky, os *sistemas peritos* e *fichas simbólicas* apontados por Giddens não conseguem constituir um meio confiável. É possível pensar, assim, que a fragmentação das vivências pela descontinuidade entre *espaço-tempo*, assinalada por Giddens, seria o subjacente a operar a implementação de uma *modernidade líquida*, como denomina Bauman. A mobilidade e liquidez contemporâneas impediriam relações mais próximas, impelindo os sujeitos, agora desligados, a buscarem meios para religar, se reconectar. Os vínculos não garantiriam maior permanência, pois seriam frouxamente atados para facilitar que sejam desfeitos caso haja mais desprazer do que prazer. Afinal, o preço da satisfação das relações é geralmente considerado inaceitável. Bauman

(2004) enfatiza que a terminologia corrente na atualidade ser "rede" sociais, "conexões", revela estas questões:

*(...) Talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como "relacionar-se" e "relacionamentos", as pessoas falem cada vez mais em (auxiliadas e conduzidas por doutos especializados) em conexões, ou "conectar-se" e "ser conectado". Em vez de parceiros, preferem falar em "redes". Quais são os méritos da linguagem da "conectividade" que estariam ausentes da linguagem dos "relacionamentos"? Diferentemente de "relações", "parentescos", "parcerias" e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso -, uma "rede" serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la [a idéia de "rede"] sem as duas possibilidades. (BAUMAN, 2004, p.12)*

O ritmo a se estabelecer é ondulante, o aproximar-se e afastar-se condiz com a liberdade, valorizada pelo indivíduo na atualidade, e a ânsia por pertencimento, por ter um contato íntimo com alguém. Segundo o autor: "O ideal de 'conectividade' luta para apreender a difícil e irritante dialética desses dois elementos inconciliáveis. (BAUMAN, 2004, p.51). Deste modo, relacionamentos duradouros seriam cansativos e opressores, sendo limitadores da autonomia e independência do indivíduo, em termos de Lipovetsky. Para Bauman: "Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante." (BAUMAN, 2004, p. 65).

Dentro desta dinâmica, Bauman ainda aponta outras figuras que a representariam: os heróis; os mártires; e as celebridades. O mártir seria o exemplo da lógica operante nas sociedades pré-modernas, o herói dos princípios da civilização moderna, enquanto que as celebridades remeteriam a pós-modernidade.

*É isso que separa o mártir do herói moderno. O melhor que os mártires poderiam esperar em termos de ganho seria a*

*derradeira prova de sua integridade moral, do arrependimento de seus pecados, da redenção de sua alma. Os heróis, por outro lado, são modernos – calculam perdas e ganhos, querem que seu sacrifício seja recompensado. Não existe nem pode existir algo como um “martírio” inútil. Mas nós desaprovamos, depreciamos, rimos de casos de “heroísmo inútil”, de sacrifícios sem lucro... [reticências do autor] (BAUMAN, 2007, p.59)*

O mártir estaria vinculado aos mandatos da religião, dos costumes, cujos imperativos eram mais eficazes na era medieval. Por outro lado, os heróis emergem como modernos ao enfatizarem o individualismo e a liberdade, mesmo que em detrimento de ordens sociais. As celebridades, neste sentido, seriam segundo o autor pós-modernas, porquê:

*(...) O fator decisivo neste caso é notoriedade, a abundância de suas imagens e a frequência com que seus nomes são mencionados nas transmissões públicas de rádio e TV e nas conversas privadas que a estas se seguem. As celebridades estão na boca de todos: são nomes familiares em todas as famílias. Tal como os mártires e heróis, fornecem uma espécie de cola que aproxima e mantém juntos grupos de pessoas que sem elas seriam difusos e dispersos. Poderíamos ser tentados a dizer que hoje em dia elas são os principais fatores geradores de comunidades, caso as comunidades em questão fossem não apenas imaginadas, como na sociedade sólido-moderna, mas também imaginárias à maneira de aparições; e acima de tudo frouxamente unidas, frágeis, voláteis e reconhecidas como efêmeras. (BAUMAN, 2007, p.68)*

Em “Sobre ética e psicanálise”, Kehl (2005) também comenta acerca destas alterações na sociedade as articulando com a atividade do psicanalista. Segundo a autora: “(...) nas últimas décadas, os discursos predominantes a respeito do que a vida deve ser têm se empobrecido gradativamente à medida que se apóiam cada vez menos em razões filosóficas e cada vez mais em razões de mercado” (KEHL, 2005, p. 10). Em “O tempo e o cão”, Kehl (2009) ainda argumenta que na contemporaneidade as alterações sociais estabeleceriam dificuldades para a

formação dos ideais de ego e, por outro lado, incrementaria os imperativos do superego.

*O que varia da passagem das sociedades tradicionais para a modernidade é, por um lado, o estatuto imaginário do Outro, que se fragmenta em inúmeras representações; por um lado, o aumento da responsabilidade do eu – que se individualiza – por suas escolhas, o que favorece a culpa neurótica. (KHEL, 2009, p. 62)*

A multiplicidade de escolhas e possibilidades disponíveis ao sujeito dificultaria a formação de compromissos (tal como assinalado por Lipovetsky e Bauman). O indivíduo, segundo Kehl (2009) teria maiores dificuldades do que antigamente em estabelecer ideais de ego coerentes, dada a variedade de possibilidades. Este fato torna-se ainda mais complexo pelo aumento da pressão por satisfação, uma vez que na atualidade o sujeito é incitado, ou ao menos a publicidade tentaria incitá-lo, ao consumo. Neste sentido, os mandatos superegóicos se tornariam ainda mais tirânicos, devido sua relação com o id, pois o superego se associa às antigas satisfações as quais o ego teve de renunciar ao longo de sua constituição. Paralelamente ao incentivo ao consumo, portanto, aumenta a pressão do superego no sentido de limitar esta satisfação. Porém, isto não é tudo:

*A aparência da multiplicidade e imagens ofertadas, com a conseqüente pulverização das demandas do Outro, na vida contemporânea, é enganosa. Sob as mais variadas imagens e os mais diversos enunciados, a versão imaginária do desejo do Outro, hoje, tem tanta consistência e coerência como na Idade Média, quando a hegemonia da Igreja católica ainda não fora abalada pelas teses de Lutero. O que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que goze. Muito. Que essa seja uma das faces contraditórias do imperativo superegóico – “goze!/não goze!” – só faz tornar essa exigência, promovida a condição organizadora do laço social, ainda mais angustiante e opressiva para os sujeitos. (KHEL, 2009, p. 94)*

Desta forma, o superego ainda incita ao prazer, ao mesmo tempo que o coíbe. Isto porque tal instância psíquica estipula como o sujeito deve obter prazer e ainda associa-se ao ideal de ego. Tudo isso, faz com que a indicação dos meios para a satisfação pulsional seja indicada simultaneamente à proibição destes. O discurso consumista, segundo Kehl (2009), em virtude do apelo ao consumo (como também comentam Bauman e Lipovetsky), vinculado pela publicidade, tornaria esta situação ainda mais intensa:

*(...) A face imaginária do Outro na vida contemporânea, vem sendo atualizada continuamente nos termos da indústria espetacular através de seu setor de ponta, a publicidade. Por ela, a demanda do Outro vem coincidir com os mais primitivos mandatos do superego [superego], prometendo atender aos anseios recalcados ao longo da travessia edípica: anseios de abrir mão da via do desejo em troca de uma oferta (imaginária) de gozo. (KHEL, 2009, p. 94)*

Em "A fratria órfã" Kehl (2008) enfatiza o quanto o predomínio da imagem nas mensagens do cinema e da mídia em geral é violento:

*Devo abordar o assunto [acerca da violência das imagens] a partir de uma afirmação categórica: toda imagem tem um potencial de violência. Agora trato de explicar. A imagem tem um poder comunicativo extraordinário. Se todo signo ocupa o lugar de uma coisa ausente, a imagem é o que mais se parece com a presença da coisa [do objeto em si]. Quanto mais mimética a imagem, maior este poder (...)  
Qual a violência deste impacto? A violência própria de todas as formações do imaginário. (KEHL, 2008, p. 126)*

O imaginário seria violento na medida em que, como apontado no capítulo referente à teoria lacaniana, remete a vivências especulares, como as do "estádio do espelho", cuja etapa não é ultrapassada, mas sim integrada e reeditada ao longo da vida do sujeito constituído:

*Se o real nos invade de forma traumática, as representações imaginárias [tal como autores como Aulagnier e Laplanche propõe] são os recursos mais primitivos que desenvolvemos para aplacar esta invasão. Elas nos fornecem uma matriz de "compreensão" (aspas necessárias) anterior ao pensamento; para o resto da vida, diante de imagens familiares, sentimo-nos confortavelmente dispensados de ter que pensar [por isso as aspas em compreensão, posto que o sentido desta não é o de atividade de pensar no caso das imagens]. Como se elas apresentassem a plenitude do real dispensando tanto seu caráter de enigma quanto de seu efeito traumático; o real traduzido em imagem de si mesmo. O imaginário, nesse sentido, nos dispensa da falta [como Garcia-Roza aponta a das Ding não é alcançável]. Da falta da coisa e da falta da verdade. É o campo da certeza e das ilusões totalizantes. (KEHL, 2008, p. 127)*

Sendo assim, Kehl (2008), comenta o quanto na televisão, o que inclui a publicidade, o indivíduo é envolto em uma relação especular não pautada pelos interditos próprios aos intercâmbios simbólicos. O sujeito vê-se, então, enlaçado pela imagem, a qual substitui o trabalho que teria em processar seu desejo. Deste modo, a imagem é violenta. A pessoa vê-se desobrigada a lidar com os limites ao seu desejo, os quais em contexto menos imagético incidiriam em sua busca por satisfação pulsional, mas que por meio da televisão lhe é oferecida sem este trabalho. Ainda que esta estratégia de cooptação do desejo inconsciente não ocorra por meio de imagens, Kehl (2008), considera que a publicidade é engenhosa nos meios que emprega, como quando vale-se do humor (cujo potencial transgressor foi apresentado no capítulo anterior): "A mensagem publicitária protege-se de uma leitura crítica na medida em que se apóia na relação incerta entra a linguagem e a verdade *sem, no entanto, denunciá-la*, para não perder a autoridade sobre o que afirma". (KEHL, 2008, p. 162)

Apesar da utilização de jogos de linguagem, como os chistes, a publicidade se valeria da contestação das verdades estabelecidas, mas apenas para oferecer a sua própria verdade e não com a intenção de propor uma reflexão. Importante salientar que para Kehl a televisão "oferece o que o público deseja, e não o que o público quer." (KEHL, 2008, p. 153). Isto, segundo a autora, permitiria entender o curioso fato de em pesquisas,

sobre o interesse do público ser constante a exigência de programas de cunho mais cultural, enquanto que em seguida as mesmas pessoas que o demandam afirmam (ao perguntarem os nomes do que acompanham televisivamente) preferirem programas de temática sensacionalista. Há, segundo Kehl (2008) um ganho imediato nisso: a consecução de desejos que em geral seriam inviáveis na vida concreta.

O sujeito obtém, de modo rápido, acesso ao que em virtude das circunstâncias sociais ou reais é difícil ou vetado. Ao responderem preferirem programas culturais, segundo a autora, é implementado o ideal de ego, o que o sujeito considera o ideal, já ao relatarem o que de fato vêem nota-se a prevalência do ego ideal, de se dar vazão aos objetivos onipotentes do ego. Kehl (2008) também aponta o quanto, devido a isso, a publicidade recorre à imagem enquanto estratégia de *marketing*:

*O inconsciente, como se sabe, não é ético – nem antitético. O inconsciente é amoral. Ele funciona de acordo com a lógica da realização (imediate) dos desejos, que na verdade não é tão individual quanto parece. O desejo é social. Desejamos o que os outros desejam, ou o que nos convidam a desejar. Uma imagem publicitária eficaz deve apelar ao desejo inconsciente, ao mesmo tempo me que se oferece como objeto de satisfação. Ela determina quais serão os objetos imaginários de satisfação do desejo, e assim faz o inconsciente trabalhar para o capital. Só que o sujeito do inconsciente nunca encontra toda a satisfação prometida no produto que lhe é oferecido – nesta operação, quem goza mesmo é o capitalista! (KEHL, 2008, p. 156)*

A autora parte da concepção da formação do sujeito se dar em uma relação intersubjetiva com outro ser humano, logo, esta relação dual opera por toda a vida do indivíduo (mais uma vez a relação especularizada do “estádio do espelho” não é uma fase a ser ultrapassada, mas algo a todo momento reeditável). Além disso, no sujeito constituído são os valores estabelecidos pelo ideal de ego que pautarão as escolhas objetivas para a satisfação pulsional, sendo premente, portanto, o que é valorizado socialmente.

O efeito coletivo deste discurso pelas imagens, vinculado sistematicamente soma-se às condições (conforme apontado pelas noções de Giddens, Lipovetsky e Bauman) próprias da contemporaneidade. Segundo Kehl (2005), na atualidade se enfraqueceram os discursos idealizadores, totalizadores, os quais buscavam pretensamente reparar as limitações do ego (seja por meio do discurso religioso, em sua promessa de eternidade em local como o paraíso, seja pelas ideologias utópicas com seus projetos sociais remodeladores, como o comunismo). Isto resultou em uma crise das normas sociais, chamada pela autora de *desmoralização do código*:

*Ao contrário da Lei [ou seja, campo normativo, cujo sentido é o de apresentar ao sujeito a limitação ao pleno gozo, o corte na relação fusional com o campo desejante] o código tem uma origem; tem certa autoria, ainda que difusa, e depende de técnicas de divulgação e propaganda para se tornar consensual, dispensando razões e explicações: "Isto não se faz". "Mas por quê?". "Porque não". Em sua vigência máxima, o código dispensa até mesmo esclarecimento sobre o porquê. Quando perguntamos "porquê?", é porque a sustentação simbólica (inconsciente) do código já se esfacelou, questionada por discursos que representam outros pactos, outras demandas sociais. (KEHL, 2005, p. 18-19)*

As questões apontadas por Kehl (2005) são reveladoras da fragmentação do código social. O mesmo acontece com o Outro na contemporaneidade, na qual, segundo Kehl (2009), este é apresentado ao sujeito sob várias faces, de diversas maneiras, problematizando a constituição de referenciais confiáveis a balizar a busca de cada um pelo próprio desejo. No entanto, este desejo é incitado a todo o momento pelas imagens veiculadas pela mídia, Kehl (2008) argumenta o quanto este emprego sistemático das imagens é violento, devido à imediata e ilusória satisfação pulsional, em que se desconsidera as limitações a esta.

Cabe apontar que a meta da mensagem publicitária assinalada por Kehl (2008) é coerente com a pressão que a autora, Kehl (2009), destaca que o sujeito sofre na atualidade, entre gozar e não poder gozar. Ao abolir estas interrogações, por meio da imagem, o indivíduo livra-se do imperativo

por uma satisfação pulsional plena e simultaneamente não precisa se preocupar em ter ido contra a proibição disso. Esta condição de pressão sob a subjetividade é o que leva Roudinesco (2000) a assinalar que: "O sofrimento psíquico manifesta-se atualmente sob a forma da depressão" (ROUDINESCO, 2000, p. 13). Khel (2009) em "O tempo e o cão" visa principalmente compreender isto, como a conjuntura contemporânea engendraria quadros depressivos, o que embora interessante foge ao escopo do presente trabalho.

Importante ressaltar um ponto descoberto por Therborn (2006) em sua pesquisa "O sexo e o poder" e que também é ressaltado por Roudinesco (2003). Ao pesquisar acerca da sexualidade e das relações de gênero ao redor do globo, Therborn conclui que as transformações sociais na pós-modernidade não são homogêneas, se concentrando nos países mais desenvolvidos, bem como nas grandes cidades. Roudinesco (2003) assinala ainda que as transformações sociais na contemporaneidade não deixam de despertar uma certa nostalgia pelo passado, como se este fosse um período melhor. Certamente foi um período menos caótico e imprevisível do que o atual, cujo contexto aponta à humanidade diferentes possibilidades às vivências do indivíduo livre e autônomo, e por isso mesmo mais angustiado (como assinala Lipovetsky). No entanto, Bauman aponta uma interessante reflexão, a qual segue, à guisa de conclusão:

*Por numerosos motivos, a restauração da certeza moderna não aparece nas cartas. É melhor, ou pior? É possível que a discussão seja interminável e, com toda a probabilidade, inconclusiva, não obstante todos os indubitáveis atrativos da certeza; e não porque não esteja claro se as vantagens do ato de desaparecimento da certeza contra-balançam ou não as perdas, mais porque gente demais aprendeu os custos da guerra contra a ambivalência e o preço a ser pago pelos confortos da certeza, e por que gente demais saiu chamuscada "pelo menos!" do processo e toma cuidado para não assumir de novo esses custos. (BAUMAN, 1997, p. 247)*

A retomada de um projeto social normatizador ou disciplinador incorreria nos erros já conhecidos que estes sistemas engendram, tal como

Freud assinalou em "Totem e tabu" (1996g) e em "O mal estar na civilização" (1996k). O que Bauman (1997) comenta é justamente sobre estes danos, as pessoas "chamuscadas" foram as vítimas desta tentativa, queimadas ou não, atacadas e desrespeitadas enquanto seres humanos. Giddens (1991), argumenta ser justamente este um dos principais ganhos da atualidade: a legitimização dos direitos humanos, da pluralidade, do direito à diferença. Ainda que, em última instância, isto ocorra da forma que se estabelece na contemporaneidade.

## Capítulo VI – Método

A perspectiva em psicologia do presente trabalho é a psicanalítica. Os capítulos acerca do referencial teórico freudiano e lacaniano visam fundamentar a compreensão metapsicológica do humor enquanto processo psíquico. Além disso, a partir do referencial freudiano entende-se que a formação do aparato psíquico deve-se aos encaminhamentos dados à pulsão, e a partir da teoria lacaniana de que o sujeito se estruturaria psiquicamente na relação que estabelece com o campo desejante e o campo normativo.

Desta forma, o humor emerge como uma das possíveis vicissitudes pulsionais, como uma das formas que o psiquismo encontra para obter satisfação pulsional. O processo que engendra o humor é complexo, podendo ser dividido em: humor chiste, humor cômico e humor. Cabe salientar que os três processos podem ocorrer simultaneamente ou se desencadear, sendo inadequado diferenciá-los rigidamente.

O humor, portanto, é um interessante meio para a compreensão do sujeito na contemporaneidade, na medida em que facilita o acesso ao inconsciente. Independentemente de pelo chiste, cômico ou humor, o sujeito implica-se no processo humorístico. O riso, o efeito cômico, a transmissão do chiste, a atitude humorística, revelam tendências inconscientes ao serem processados pelo aparato psíquico. No humor, o sujeito compara-se a um outro, revela elementos recalcados ou ainda assume uma posição menos propensa ao sofrimento, o que denota a maneira como o ego posiciona-se na busca pela satisfação pulsional frente aos imperativos superegóicos, à pressão do id e ao ideal de ego.

A publicidade emprega de forma sistemática o humor como estratégia de incitação ao consumo, conforme assinalado no capítulo referente à publicidade e humor, bem como no que aborda a contemporaneidade. Assim, os questionamentos do presente trabalho visam responder ao seguinte: O que caracterizaria e significaria esta presença sistemática do humor na propaganda? O que o emprego do humor revelaria sobre o sujeito na atualidade? E, por fim, quais as implicações deste recurso ao ser empregado sistematicamente pela publicidade?

O método para a observação e análise das peças publicitárias surgiu da prática. Isso porque se considera importante partir do fenômeno, do que emerge durante o contato com o objeto em foco, sob pena de se estabelecerem critérios que enviesariam a análise ao direcioná-la previamente. A valorização da experiência é, assim, uma forma de evitar esta possibilidade. Partindo do referencial psicanalítico e da reflexão acerca da contemporaneidade, foram elaboradas categorias de análise para a avaliação do conjunto das peças publicitárias enquanto discurso contemporâneo, cuja mensagem apresenta aspectos manifestos e latentes, ou seja, conscientes, pré-conscientes e inconscientes.

Portanto, do ponto de vista formal as peças publicitárias foram analisadas a partir dos aspectos que a aproximam do processo primário (inconsciente) e do processo secundário (pré-consciente/consciente). Por outro lado, em relação aos conteúdos, partiu-se da reflexão acerca da contemporaneidade, postulando-se que certos temas sejam recorrentes nas vivências do sujeito na atualidade, embora não havendo associações livres das quais partir, inclusive por serem vídeos.

As peças publicitárias foram obtidas a partir do site de hospedagem de vídeo e áudio *youtube* ([www.youtube.com](http://www.youtube.com)). Cada peça foi analisada separadamente (ao todo sete) e posteriormente os temas recorrentes foram reunidos em uma reflexão acerca do que o humor revelaria no conjunto das propagandas. O critério adotado para a escolha das peças foi aleatório, considerando apenas que fossem contemporâneas e mais ou menos recentes, posto que os autores nos quais baseia-se a compreensão da contemporaneidade partem dos desdobramentos mais recentes desta. Logo, seria inadequado adotar os critérios estabelecidos por eles para analisar propagandas mais antigas. A escolha pelo vídeo deve-se tanto ao uso massivo pela publicidade quanto seu alcance disseminado na sociedade.

## Capítulo VII – Análise das Peças Publicitárias

### *1. Volkswagen, Space Fox: CACHORO-PEIXE*

Cena: Jovem passeia com figura mista, ora comporta-se como peixe, ora como cão, sendo composta por atributos de ambos.

As falas do comercial são:

“Eu sonhei que tinha um cachorro peixe”

“Ele era meio esquisito!”

“Ele era meio... Ah! Ninguém entendia esse jeito!”

“Mas onde eu fosse ele ia comigo!”

“Cada sonho que eu tenho viu...”

Narrador: Space Fox cabe o que você quiser.

Nota-se que seria possível ser criança e sonhar, mesmo sendo adulto e com os outros não sendo necessariamente compreensivos (as pessoas o observam atônitas passear com o cachorro-peixe). Há certa nostalgia pela infância, por um momento em que se é amado pelas figuras parentais. Cabe lembrar na contemporaneidade ser marcante o individualismo (LIPOVETSKY, 2004), o qual é angustiante ao resvalar em isolamento e dificuldades em se estabelecer relações (BAUMAN, 2004).

O humor emerge como um recurso na propaganda que apresenta ao ego um mundo menos problemático do que supõe o ego. Não obstante, isto é solitário, na medida em que a saída proposta pelo comercial não faz laço social, pelo contrário, isola o sujeito. As imagens são acompanhadas por uma música tranquila, cuja fotografia é levemente azulada, borrando um pouco os contornos dos personagens.

Tais características apontam para uma tentativa de apelar ao processo primário. Pode-se pensar que o impacto da imagem busca incidir sobre representações recalçadas e censuradas pelo pré-consciente. A transgressão promovida pela atitude humorística viabiliza que uma figura combinada de cachorro com peixe torne-se aceitável pela censura pré-

consciente, embora sendo inverossímil segundo o processo secundário. A construção imaginária acaba por incitar ao consumo, em uma lógica mercadológica, ao procurar fazer com que a marca do carro assuma os atributos do superego ativados durante o comercial por meio do humor. No “Space Fox cabe o que você quiser”, ou seja, o narrador procura apontar a permissividade do carro, a qual até então era corrente por meio do superego na atitude humorística.

O processo desencadeado pelo humor sob a égide do superego paternal, aludido por Freud (1996k), rebaixa a crítica pré-consciente, tornando o sujeito mais permissivo ao processo primário, às tendências inconscientes. A incitação ao Space Fox vale-se deste expediente, posto que o indivíduo está mais sugestionável ao superego por tê-lo superinvestido pulsionalmente, esvaziando-se o ego. Comentar do carro como permissivo, portanto, poderia levar ao sujeito a investir pulsionalmente neste como objeto de seu desejo. A figura imaginária do cachorro-peixe apresentada por meio da atitude humorística remete o carro a assumir ilusoriamente a capacidade de proporcionar ao sujeito uma felicidade totalizante, ainda que à revelia do princípio de realidade.

## *2. Volkswagen, Brasil: ESTRANGEIRO*

Cena: Dois homens, um brasileiro e outro alemão apresentam a fábrica da Volkswagen Brasil, enquanto o brasileiro é sério o alemão se atrapalha e comete diversas gafes, as quais apresentam condições de serem chistes.

As falas principais:

Alemão: Você já sabe quem tá por trás de toda essa tecnologia, é nós!

Brasileiro: É somos nós...

Alemão: Mas todo mundo fala assim!

A propaganda inverte a posição do brasileiro brincalhão e do alemão sério, ao tornar o último risível e o primeiro sisudo. Assim, aproveita-se a tradição automobilística alemã, cuja credibilidade é mundial, manejando a

inveja que poderia ser assim suscitada por meio do recurso ao humor chiste. Cria-se a identificação com o estrangeiro, mais próximo, empático e acessível do que o brasileiro, o qual é mais sério e distante.

As gafes giram ao redor de temas brasileiros, o humor é nacional e remete-se ao público deste país, do contrário não teria a condição de humor chiste, pois este depende de um campo de representações compartilhado ao engendrar efeitos de suspensão do recalque.

Em um mundo cuja economia é globalizada, separando a cadeia de produção espaço-temporalmente como aponta Giddens (1991) torna-se premente a questão da convivência, a exigência em se suportar o que é diferente, estrangeiro. Em "Totem e Tabu" Freud (1996g) salienta o quanto esta convivência pode ser complexa, pela idealização de certos valores em detrimento da desvalorização dos estrangeiros ao grupo. Vale ressaltar, os argumentos de Lipovetsky (1983) ao salientar o quanto indivíduo na atualidade deve ser *cool*, inteligente e bem-sucedido. A piada, os tropeços do estrangeiro servem como mote para demonstrar o quanto o brasileiro é mais *cool* do que o alemão, o qual mostra-se ora cômico ora pelo humor chiste, próximo ao gracejo.

O comercial se passa com os personagens em um carro, veloz e habilmente conduzido pelo brasileiro, este está no controle. A partir de Bauman (1997 e 2007) é possível pensar que na atualidade a rapidez é uma qualidade importante, essencial na troca dos objetos de consumo por outros novos, os quais mantenham o *status* de sucesso e felicidade.

Assim como destacado por Freud em "Totem e Tabu" (1996g) e "Mal estar na civilização" (1996k) não há a superação das diferenças em nome do laço social, mas sim a afirmação destas. O cômico e os chistes são agressivos, a partir de jogos de palavra (gracejos) aparentemente inocentes, mas que demonstram o quanto o alemão é atrapalhado ao procurar aprender a gíngua brasileira, principalmente ao insistir em estar certo.

Parte-se do imaginário de um alemão sério, o qual é contraposto a um brasileiro também sério. Contudo, enquanto o brasileiro apresenta a fábrica suavemente, o alemão troca as palavras. A comparação entre a imagem ideal de um engenheiro da Volkswagen e o engenheiro atrapalhado é cômica.

O dispêndio de energia mobilizado para se lidar com a seriedade das informações, talvez difíceis, que o alemão imaginariamente inteligente, sério, teria a contar mostra-se subitamente inútil e disponível para o sujeito. O fato disso ocorrer no final da propaganda não é aleatório, pois contribui para a memorização da mensagem. Até este ponto (provavelmente) as representações vinculadas pela propaganda permaneciam investidas apenas pelo processo secundário, mas após o efeito cômico recebem subitamente o investimento da energia então repentinamente disponível ao psiquismo, sendo registrada e encaminhada também pelo processo primário.

A marca consegue, desta maneira, ser considerada brasileira e ilusoriamente: forte, poderosa e ágil. Tais representações se antes criticáveis pelo processo secundário, passam, após o efeito humorístico, desapercibidas, sendo registradas e investidas pelo processo primário. Supõe-se que inconscientemente a cena assuma os contornos que Aulagnier aponta caracterizarem o funcionamento primário (VIOLANTE, 2001), em que uma figura onipotente detém o poder e o controle (o brasileiro), com o outro estando submetido a ele, a sua cultura (no caso, o alemão), havendo ainda um terceiro excluído a observar a cena assim montada. A eficácia imaginária da cena constrói, por fim, uma fantasia em que consumir um carro da Volkswagen é acessar tal poder ilusório, atribuído na propaganda ao brasileiro, mas que pelo fato das posições do funcionamento primário serem intercambiáveis remete o espectador a se imaginar obter.

### *3. Clube Social, a bolacha: GAROTA PRESUNTO*

Cena: Programa tradicional de auditório, espécie de "namoro na TV", no qual o protagonista busca uma namorada, sendo apresentadas diversas garotas e dentre estas a candidata Presunto (é este o nome dela). Vale destacar que o apresentador lembra um vendedor. Interessante notar que assim como o programa a Presunto é tradicional, seu passatempo preferido é jogar baralho com a avó nos finais de semana, por exemplo. Porém, ela é

inconfundivelmente a melhor candidata, bem como é inconfundível o clube social.

Fala principal: A vencedora é (antes de ser anunciada, a candidata Presunto já abraça o protagonista).

O público alvo é jovem ou adolescente, existindo a desvalorização do tradicional, tanto pelos moldes do programa quanto pelo passatempo de Presunto (este é o nome da candidata) ser jogar baralho com a avó. Tais elementos são manipulados comicadamente. O que remete a mensagem ao "inconfundível" vinculado no final, pois embora levar bolachas na mochila seja comum na infância é inconfundivelmente bom continuar o fazendo, ou seja, assim como a candidata Presunto emerge em meio ao tradicional e é boa, a bolacha também surge do que é tradicional e é boa.

Assim, o que poderia ser um impeditivo ao consumo torna-se justamente o incitador deste. É comum na contemporaneidade o tradicional ser desvalorizado ou desacreditado, como apontam Bauman (1997, 2004, 2007), Lipovetsky (1983 e 2004), Giddens (1991) e Khel (2005), bem como a adolescência ser uma fase de experimentação até o estabelecimento de escolhas e referências a pautar a vida adulta.

Esta tarefa, na atualidade, é complexificada pela pluralidade de referenciais abertos ao sujeito (KHEL, 2009), o que incrementa a tensão diante disso. Contudo, a propaganda por meio do humor cômico apresenta sucessivas imagens, das quais emerge o cômico pela comparação entre o ideal de um jovem *cool*/ LIPOVETSKY (1983) descolado e aberto a diversas possibilidades de prazer (no caso, o protagonista em busca de uma namorada) com uma jovem mais próxima a gostos e referenciais tradicionais.

Desta forma, não se espera que a candidata vencedora seja a Presunto, porém, está é muito atraente fisicamente. Logo, a mobilização psíquica ante a expectativa dela ser refutada mostra-se inútil, tornando-se disponível ao aparato psíquico o investimento pulsional assim liberado. A mensagem latente pode ser definida como sendo: o tradicional pode ser atraente, caso engendre mais prazer do que desprazer. A bolacha que remete aos lanches da escola passa subitamente a ser investida com um

objeto deste tipo, embora tradicional, capaz de satisfazer o consumidor jovem.

Os relacionamentos pautados pela conexão e desconexão, evitando o engajamento mais profundo (BAUMAN, 2004) também parece operar nesta propaganda. O tradicional emerge como viável somente na medida em que satisfaça a obtenção de prazer do ego. O investimento pulsional ser dirigido a bolacha, a representação desta, é obviamente dependente do indivíduo. Entretanto, a propaganda vale-se nitidamente do sensorial, do nome da candidata (Presunto) até as cores do cenário do programa. O que remeteria diretamente ao pictografante (VIOLANTE, 2001), o qual sendo inalcançável pelo sujeito constituído impede maiores análises, mas permite supor que se isto ocorre, a imagem atinge ainda mais profundamente o espectador.

Além disso, mais uma vez, há o nítido funcionamento do primário (VIOLANTE, 2001). A candidata Presunto está submetida à escolha de uma figura onipotente, a depender unicamente do protagonista escolhê-la ou refutá-la, ao passo que o espectador é o terceiro excluído observador. Possivelmente existe a acentuada mobilização do originário (os registros funcionam simultaneamente e não dissociadamente, mas cabe pensar em maior ou menor estimulação destes), tornando o funcionamento do primário ainda mais investido pulsionalmente. A bolacha, surpreendentemente, emerge assim como um objeto cobiçado pelo sujeito, o qual pode ilusoriamente lhe proporcionar amplas experiências de prazer.

#### *4. Fiat, Estrada Adventure: PERDIDO NA FLORESTA*

Cena: Ao lanchar homem é capturado por formigas assassinas, tendo até suas roupas roubadas durante a fuga. Música ao fundo é cômica para o público brasileiro, é um tipo de salsa. Ao pedir carona se surpreende pelas gentis moças, vestidas de holandesas ou alemãs (trajes que remetem a festas típicas destes países, bem como a fantasias sexuais, dada a felicidade dele diante dos atributos físicos das garotas) e pelo carro, no caso o Fiat Strada Cabine Dupla.

A salvo, conta sua aventura (vale enfatizar que o sobrenome do carro é Adventure) para um incrédulo amigo, o qual permanece cético enquanto o protagonista devora um sanduíche. É um cachorro quente e este remete a Alemanha, onde o artigo é muito apreciado; pensando que anteriormente surgiram moças vestidas como alemãs ou holandesas e agora o protagonista come um lanche de mesma procedência a associação sexual é viável, afinal, é comum no ato sexual os participantes em nosso país serem denominados por “alguém que come (penetra) e alguém que dá (recebe a penetração)”. O fim da propaganda é ainda mais surrealista, com macacos tomando o Fiat Strada Adventure e saindo com este pela floresta em que anteriormente o protagonista fora atacado.

É interessante pensar que a propaganda começa com o protagonista comendo sanduíche, o qual é roubado, e termina com ele apreciando outro sanduíche. E, novamente correndo o risco de se aborrecer, mas desta vez pela ação do incrédulo amigo e não mais das formigas assassinas. Vale hipotetizar que as formigas podem ser sinônimo dos outros, invejosos, a tentarem tirar dele o objeto de sua safistação, exatamente como o amigo o faz posteriormente, ao duvidar que o relatado seja verídico. Contudo, o protagonista reage às interpelações deste com desdém, sendo possível pensar que após ter passado pelas experiências do Fiat Strada Adventure sintam-se mais forte, havendo reforço ao ego ideal, e queira compartilhar isto com quem gosta, ainda que isto o ameace, como acontece pela postura hostil do amigo. Mas, claro, haverão os amigos que reagirão de outro modo.

O comportamento, portanto, do protagonista aponta tanto para a atitude humorística, em que o ego sobreinveste o superego e apesar das adversidades procura meios para obtenção de sua satisfação pulsional, quanto para o cômico, devido à inutilidade do investimento mobilizado ante ao ataque das formigas assassinas, cujo desespero o levou a perder-se em um local hostil. Afinal, o fim da propaganda é:

“Fiat Strada Adventure cabine dupla, tem lugar para suas coisas e para seus amigos!”.

Cabe quem você gosta, inclusive, claro, você mesmo.

Ainda destaca-se o sotaque espanhol do narrador, lembrando que o público alvo fala português.

A questão da busca por novos objetos eróticos, tal como proposto por Kuperman (2003) ao aproximar sublimação e humor parece ocorrer nesta propaganda. O indivíduo é incitado a encontrar novos meios de satisfação, mesmo em condições ruins. Contudo, isto está a serviço do mercado. Assim como indica Khel (2008), a mensagem aponta as relações contraditórias, mas não as contesta, ou propõe uma reflexão. Novamente, o narrador busca apropriar-se da atitude humorística engendrada pelo *nonsense* das cenas (em que o protagonista chega até a aparecer pelado) para incitar o consumo. Assim, vale a busca por novos meios de satisfação pulsional, porém, é apresentado o carro como o objeto mais apto a isto.

Tenta-se fazer com que o ideal de ego aponte o Fiat Adventure como o novo objeto de desejo, o qual abriria múltiplas possibilidades ao sujeito. Vale, novamente, resgatar o funcionamento do originário (VIOLANTE, 2001), pela música, pela comida, estímulos claramente sensoriais e que facilitam que a mensagem vinculada seja investida pelo psiquismo por engendrar prazer, principalmente após o efeito humorístico.

### *5. Kaiser: MULHER versus CERVEJA*

Cena: As mulheres se perguntam por que os homens mentem tanto para elas. Estão sentadas, cerca de cinco, tomando uma cerveja kaiser. Em seguida, são encadeadas cenas em que os homens revelam as intenções subjacentes a diversas situações vividas entre homens e mulheres, das quais o bar ao redor é cenário. A propaganda conclui-se com as mulheres rindo e decidindo ser melhor que as enganem.

Um primeiro ponto é a disposição dos personagens: mulheres sentadas (as que se perguntam por que os homens não são mais sinceros), ou sendo coadjuvantes ante o discurso masculino (os homens agem ou falam, elas apenas escutam ou reagem); como já citado, os homens agem,

em geral estão de pé, falam, riem e gesticulam vivamente, enquanto as mulheres são comedidas ou caladas ao seu redor.

O efeito humorístico advém do encaminhamento de fantasias hostis reveladas, surpreendentemente, após a queixa feminina acerca da mentira masculina. Emergem, assim, as fantasias agressivas dirigidas as mulheres: um conta paquerar a moça por saber ser feio e não conseguir nada com uma mulher mais atraente, outro afirma estar no bar quando a mulher liga perguntando de seu paradeiro, etc. Não há nada a ser feito frente a esta situação, a condição feminina é eminentemente passiva e dependente da masculina. Logo, a única alternativa é o conformismo. Mentir, portanto, é uma solução de compromisso, sintomática, entre o homem ser sincero, mas agressivo; ou, mentir, e as mulheres tolerarem a frustração de certos comportamentos.

As hipóteses demonstram que o público alvo é o masculino, pois as mulheres são coadjuvantes, embora estejam presentes e até tenham desencadeado a cena. Como aponta Roudinesco (2003), as mulheres conquistaram direitos, mas ainda persistem certos ideais patriarcais, entre os quais ressalta-se o da mulher dever ser passiva frente ao homem, este sim ativo e potente na tomada de decisões. A função do humor é facilitar a vida do sujeito *cool* (LIPOVETSKY, 1983), não se transgredindo qualquer regra, pelo contrário presta-se a conformidade com a norma (no caso a do machismo, a do patriarcado).

O efeito de humor é mais cômico, pela quebra da expectativa inicial do público alvo, este homem consumidor de cerveja o qual poderia se irritar ante a ousadia feminina no bar (ambiente tradicionalmente masculino) ter a coragem de criticar os homens. De repente, isto volta-se contra elas, que impotentes, precisam aceitar o fato, se conformar. Evidentemente, isto realiza a meta de um ideal de ego pautado no patriarcal, em que o prazer masculino merece destaque. A disposição das cenas, mais uma vez, remonta ao funcionamento primário (VIOLANTE, 2001), em que as mulheres estão submetidas ao poder dos homens, com a cena sendo observada pelo espectador. Ao operar, esta fantasia provavelmente aponta para a expectativa da cerveja ser um objeto ilusoriamente capaz de garantir aos homens um prazer a salvo do feminismo, em um reduto do patriarcado, o bar. Desta forma, como aponta Roudinesco (2003), o domínio masculino

esta em xeque, sendo um alívio conceber um momento em que este ainda exista plenamente, à revelia dos protestos femininos.

## 6. *Skol: PAQUERA*

Cena: São encadeadas, sob fundo musical alegre, diversas cenas em que os personagens buscam conquistar parceiros sexuais, paquerando. O ritmo é cada vez mais acelerado com o efeito humorístico calcando-se em chistes e no cômico destas tentativas (algumas frases são ouvidas e em outras cenas há mímicas). O acompanhamento do narrador, onisciente, é constante. Este demonstra-se libertário, autorizando que todos paquerem, à semelhança do papel benevolente do superego no humor apontando por Freud (1996k). Todos enquanto companheiros em sua missão de conquistar alguém podem paquerar, “por que redondo é rir da vida” (mote da propaganda), diante deste mundo vasto o que são as mazelas ou pequenos deslizes, relatados pelo narrador?

A circulação promovida pelas cenas, entre as diversas formas de paquerar dos personagens engendra alívio e humor, apresentando a cerveja Skol como a portadora desta autorização ao prazer, ou seja, no papel de superego benevolente. A cerveja, enquanto objeto, busca capturar este *status* libertário, apresentando-se como um meio capaz de engendrar grande prazer. A circulação veloz das pessoas, bem como a falta de compromisso entre estas aponta para as modalidades de relação que Bauman assinala (2004), em que se conecta-se e desconecta-se de alguém na medida em que este seja capaz de proporcionar prazer. O objetivo da cerveja é dentro desta lógica se conectar ao sujeito como um objeto prazeroso. O superego, superinvestido pelo ego na atitude humorística proposta pelo comercial tem a função de por meio disso facilitar a sugestibilidade egóica frente aos mandatos do superego, assumidos de modo quase explícito pelo narrador.

## *7. Claro: ESCOLHA*

Cena: São encadeadas diversas cenas, cujos personagens enfrentam dilemas (pular ou não pular de um alto trampolim na piscina?, paquerar uma ou outra garota, ou as duas?). O narrador, então, destaca o quanto seria bom se eles pudessem experimentar antes de escolher.

Novamente o narrador procura, à semelhança dos processos descritos nas análises anteriores, assumir o papel do superego benevolente e autorizador. O resgate do ego de seu dilema incita ao investimento de um objeto capaz de satisfazê-lo sem a armadilha da dúvida (pois você pode escolher a vontade e dispor como quiser do seu "Claro").

O efeito humorístico é o de alívio pela compreensão, no caso, a compreensão da "Claro", em que a escolha incitada é pela "Claro" enquanto libertária da tirania figurada pelas outras operadoras. O conteúdo da propaganda remete a tensão a qual estão submetidos os sujeitos na contemporaneidade (LIPOVETSKY, 2004), bem como a dificuldade em estabelecer compromissos mais sólidos (BAUMAN, 2004 e 2007).

## Capítulo VIII – Conclusões

Basicamente, em todas as peças publicitárias impera a incitação ao gozo, neste sentido vinculando-as ao superego como ressalta Kehl (2009), cujo imperativo é este, dada sua ligação ao id e ao ideal de ego, ao limitar e ao incitar a busca pela satisfação pulsional. As imagens da propaganda, aliás, são produzidas para o alcance deste objetivo, a partir da ótica da sedução e da moda (LIPOVETSKY, 1983) ao demonstrarem todas as facilidades e vantagens provenientes de se adquirir tal ou qual produto, cujos predicados transformariam o consumidor em alguém bem sucedido, logo, em um sujeito valorizado socialmente (BAUMAN, 1997).

Este processo é até certo ponto violento, pois sob a aparência da multiplicidade dos enunciados, emerge um em especial, como aponta Kehl (2009): o de que seria possível por meio de um objeto obter a plena realização dos próprios desejos, em uma ilusão de completude imaginária. Isto impele a um movimento constante em busca destes objetos, como Bauman (1997) designa na metáfora dos turistas e vagabundos, ambos necessariamente em constante movimento, um por consumir, o outro por não o poder. Deparando-se com a responsabilidade de alcançar este prazer absoluto, o qual Lipovetsky (2004) salienta ser difícil e cujo fracasso é esperado pelos limites a onipotência do ego ideal, o sujeito pode sentir-se falho.

Tal quadro torna-se mais claro ao se observar a metapsicologia do humor em sua relação com o discurso da publicidade. Como Freud (1996k) aponta ao descrever o processo de humor, neste o superego é sobreinvestido pelo ego, o qual se esvaziaria pulsionalmente, havendo em seguida uma atitude de acolhimento e compreensão por parte do superego. A questão em pauta é justamente a apresentação, neste momento, a este ego esvaziado e sugestionável, de um objeto ilusoriamente apto a satisfazê-lo plenamente. Além desta oferta ser por si só "tentadora" devido o apelo ao ego ideal, pois, conforme destaca Freud (1996d), a mensagem no processo humorístico logra em ultrapassar as defesas do sujeito. Uma informação julgada como imprópria pelo processo secundário é admitida em virtude do chiste ou do efeito cômico, remetendo-se ao processo primário.

Assim, as condições de juízo e crítica do ego ao assistir as mensagens bem humoradas da propaganda é, no mínimo, problemática. Ainda mais se for considerada a violência das imagens apontada por Kehl (2008). Em relação ao que, partindo das considerações de Violante (2001), é válido pensar que ao longo deste processo é ativado o funcionamento pictografante de modo insuspeitado pelo pré-consciente. Considerando a violência e caos pulsionais, principalmente a partir da compreensão de pulsão de morte apontada por Birman (1997) e Garcia-Roza (1999), é razoável supor que isto leva à ligação desta pulsão incitada pela propaganda por meio do humor a representações pictografadas (ligadas ao funcionamento originário) e figurativas (ligadas ao funcionamento primário), mas não preponderantemente as eidéticas (ligadas ao funcionamento secundário).

Isto tanto porque o processo secundário é burlado pelo efeito humorístico, permitindo a expressão de conteúdos recalçados, quanto porque o ego esvaziado torna-se mais sugestível aos apelos do superego. Neste sentido, pode-se pensar que o processo secundário fixa-se em um aspecto ou não está suficientemente operante, ao passo que o processo primário está operando intensamente. Logo, as representações a se associarem à pulsão incitada pela propaganda remeterem, provavelmente, mais a representações inconscientes, ou, pertinentes ao funcionamento originário e primário.

O efeito desta pulsão provocada e temporariamente ligada às representações provavelmente torna-se traumático, como argumentam Laplanche (2002) e Laplanche e Pontalis (2003), pelo fato de se mostrar inviável a promessa vinculada pela propaganda. Tal como significantes enigmáticos, então, o sujeito é obrigado a recalcar novamente estas representações e a energia a estas ligada volta a demandar novo enlace. O que levaria a criação de novas fantasias como meio de o fazer, bem como ao processo descrito por Freud (1996h) em "Luto e melancolia" de investimento na representação do objeto perdido como forma de reparar a sua perda.

Esta dinâmica pode incrementar pulsionalmente o superego e o ideal de ego. A representação do objeto perdido sobreinvestida pode passar a operar como meta a ser atingida pelo ego, ou seja, o superego pode cobrar

do ego que recupere o objeto idealizado perdido. Assim, o consumo é novamente impulsionado como meio de se recuperar o que foi perdido, de se reaver aquele objeto imaginariamente capaz de proporcionar o pleno gozo, no sentido de "gozo do ser" referido por Braunstein (2007).

As propostas acima não pretendem esgotar o tema, mas parecem apontar para efeitos deletérios implicados na relação estabelecida pelo sujeito com o objeto oferecido pelo humor publicitário. Em todas as propagandas o objeto apresentado é fálico, no sentido denominado por Lacan (ou seja, enquanto fantasia de se ter ou ser o objeto que viabiliza o pleno acesso ao gozo, ao prazer, ao desejo). Caso o sujeito se implique nesta ilusão de completude imaginária o mais provável é que se suceda a frustração devido às interdições impostas ao gozo ilimitado no contato com o Outro (tal como Fink, 1998, propõe).

A perspectiva assim delimitada é sombria, mas está relacionada com o fato do humor em questão ser o empregado na propaganda. A proposta de Kupermann (2003) do humor se aproximar da sublimação, podendo abrir novas possibilidades de laço social parece distante das conclusões sobre o humor na propaganda. Provavelmente, em outros contextos isto seja possível, mas parece muito mais que o humor na propaganda presta-se à ilusão, tal como Freud comenta (1996k) do ego; com o posterior encrudescimento do superego; em um ciclo vicioso da pulsão de morte, solta e capturada sucessivamente pela ativação do processo primário ou ainda dos funcionamentos originário e primário (tal como concebidos por Aulagnier).

Cabe salientar, entretanto, que em parte as propagandas mostram aspectos positivos da atualidade, como a ruptura dos parâmetros tradicionais, homogeneizantes, apontada por Giddens (1991). E, neste sentido, a tese de Kupermann (2003) procede, pois o humor serve como recurso na propaganda justamente por buscar um reencaixe do sujeito (GIDDENS, 1991) junto a novos objetos.

O mercado visa aproveitar esta liberdade e individualismo por meio do humor justamente por este incitar a novos meios de satisfação, tal como a sublimação, justamente o que é apresentado por Kupermann (2003). Logo, o que subjaz à aproximação entre humor e sublimação pode inclusive ser desencadeia os possíveis efeitos violentos que a imagem publicitária

engendra, tal como propõe Kehl (2008). O humor e a sublimação enquanto processos criativos, tal como Freud (1996e) os concebe em “Escritores criativos e devaneio”, remete à busca e criação de novos objetos para a satisfação pulsional. Isto é exatamente o que a publicidade visa atingir, incitar o sujeito a consumir, a investir em novos objetos.

Uma das questões suscitadas pela presente pesquisa é justamente a relativa à angústia e à frustração, afinal, o humor na propaganda contribuiria para incrementá-las? E, que relação isso poderia ter com o humor enquanto processo capaz de engendrar novas modalidades desejantes, tal como apontado por Kupermann (2003)? Haveria a ligação do humor com a pulsão de morte, pelo fato do ego se esvaziar ao investir no superego, aproximando o humor de uma construção destrutiva, na medida em que o ego se esvazia neste processo? São questões em aberto. O que parece se delinear é justamente um paradoxo: o humor pode remeter a uma dimensão criativa, sublimatória, mas tal dinâmica na contemporaneidade é cooptada pelo consumismo, podendo ocasionar conseqüências violentas.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verona. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A Embalagem do Sistema: A publicidade no capitalismo brasileiro*. Bauru: EDUSC, 2004.

BATTAGLIA, Laura. A estrutura do psiquismo. *Revista Memória da psicanálise*, São Paulo: Duetto, v. 4, p 14-21, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1976.

BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

BRAUNSTEIN, Nestor. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

CONSELHO EXECUTIVO DE NORMAS PADRÃO (CENP). *Normas Padrão da Atividade Publicitária*. São Paulo: ABA, ABAP, ABERT, ANER, ANJ, CENTRAL DE OUTDOOR, FENAPRO, 1998.

DIATKINE, Gilbert. Sobre o Riso. *Revista brasileira de psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 52-71, 2006.

FABBRINI, Regina. *Sublimação: o subliminar e o sublime*. São Paulo: EDUC, 1999.

FERENCZI, Sandor. *Psicanálise I*. In *Obras Completas*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FREUD, Sigmund. Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

FREUD, Sigmund. Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução; Os instintos e suas vicissitudes; A repressão; O inconsciente; Luto e melancolia. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização; O humor. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996k.

FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

GARCIA-ROZA. *Introdução à metapsicologia freudiana*, 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995a.

GARCIA-ROZA. *Introdução à metapsicologia freudiana*, 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995b.

GARCIA-ROZA. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KEHL, Maria Rita. *A fratria orfã*. São Paulo: Olho d'água, 2008.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KUPERMANN, Daniel; SLAVUTZKY, Abrão (org). *Seria trágico se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário VIII, A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro V : as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LAPLANCHE, J. *A Sublimação - Problemáticas III*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAPLANCHE, Jean. *O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. *Fantasia originária*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LINHARES, Andréa. Observando o invisível: uma epistemologia psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano II - n. 2, Jun. 1999, p. 86-96.

LIPOVETSKY, Gilles (org.). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Editora Relógio d' Água, 1983.

MEZAN, Renato. *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

NEVES, Juliana Furtado In BORGES, Asdrúbal; GHESTI, Ivânia (org). *Personagens da Propaganda Brasileira*. Brasília, Editora Universa, 2004.

OGILVIE, Bertrand. *Lacan a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

POSTER, Mark. *Teoria Crítica da família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

RAMOS, Ricardo. *Do Reclame à Comunicação: Pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo: Atual Editora, 1985.

RAMOS, Ricardo; MARCONDES, Pyr. *200 anos de propaganda no Brasil : do reclame à cyberanúncio*. São Paulo: Meio e Mensagem, 1995.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desorgem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SAMPAIO, Camila Pedral. *Algumas idéias sobre pesquisa em psicanálise*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIGAL, Ana Maria. O originário: um conceito que ganha visibilidade. *Revista Percurso*, São Paulo, n. 30, 2003. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs30/30Sigal.htm>> Acesso em: 21/09/2009. Não paginado.

THERBORN, Göran. *Sexo e poder*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *Piera Aulagnier uma contribuição a obra de Freud*. São Paulo: Via Lettera, 2001.